REVISTA DA SEMANA

Nº 2  ★ 17-6-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO:

TOURADAS EM MADRID

pela primeira vez no Brasil

A Bandeirantes não sai mais do ar!

24 horas divertindo e informando!

Primeira e única no Brasil, a RÁDIO BANDEIRANTES está no ar, dia e noite, ininterruptamente, proporcionando aos seus ouvintes: programas educativos, entretenimentos, reportagens, "furos" políticos e esportivos, notícias internacionais, etc. A qualquer hora sintonize seu rádio para a mais popular emissora paulista — a sua BANDEIRANTES!



RÁDIO BANDEIRANTES

SENTINELA AVANÇADA DO ESPAÇO!

PRH-9 · 10h. · 3h. · 16h. · 21h. · 5h. · 7h. · 11h. · 1h. · 24h. · 6h. · 2h. · 4h. · 14h.

Ag. Pettinati

Você quer ser minha comadre?

NO amplo terreiro da casa de taipa, meninos e homens, mulheres e moças, preparam alegres a festa do Santo, do primo de Cristo, do Senhor S. João. Dos roçados de milho as espigas cheirosas são trazidas aos montes. Preparadas com côco, se transformam em pamonhas, de sabor dominante, douradas, gostosas p'ra tomar com café. Depois vem a cangica, um manjar magnífico, desmanchando na bôca como um beijo de moça que o amor inspirou.

A casa varrida, espanada, limpinha, agasalha famílias para a festa junina. Bandeirinhas de côres as mais variadas emolduram a cena de encanto bucólico que tem como centro o mastro altaneiro e que tem lá no cimo a bandeira mimosa do Santo Batista sustendo nos braços o Cordeiro Divino.

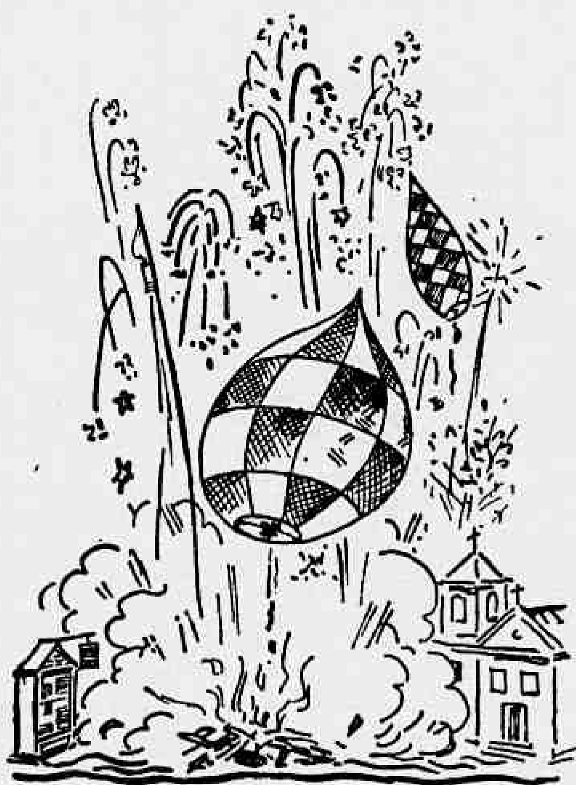
O Janjão da Viola, Mané Passarinho, as caboclas do sítio do major Bastião, só estão esperando que chegue a sanfona e com ela o **musgueiro**, o maior tocador de todo aquêle sertão. Os foguetes estrugem lá bem perto das nuvens e o estouro das bombas ressoam salvando de quebrada em quebrada, nas faldas das serras que o inverno enfeitou. Os pássaros se assustam e voam aflitos, mas depois se habituam e vêem que aquilo é uma festa de santo, não é espingarda matando as rolinhas, rabaçãs e sanhaço, na calma do dia à beira do açude, tocaias sinistras, matando inocentes, sem quê nem p'rá quê.

E a noite vem vindo. O dono da casa examina a coivara, derrama-lhe "gás" e chega-lhe o fósforo. Os gravetos se inflamam, a chama crepita e o fogo se alastra subindo a rugir. E' enorme a fogueira enfeitada de palmas, catolés lá da serra, ouricuri da chapada. Todo mundo vem ver a beleza das chamas, o clarão triunfal na noite formosa, um hino a S. João.

Meninas sestrosas vão fazendo das suas, trazendo bacias e nas águas se miram em adivinhação. Há o processo do ôvo, dos pingos de vela, das gemas quebradas, do espêlho, das facas, um mundo de crenças que vêm dos velhos, dos séculos passados que não voltam mais.

O cheiro do milho assado nas brasas recende nos ares, faz água na bôca. Lá dentro se dança, se canta à viola, se bebe, se come num mar de alegria, de fé e esperança, de paz e amor. Os noivos se enlaçam, namoros abrolham, olhares esquivos, sorrisos miúdos, furtivos e tímidos p'ra não dar na vista e a mamãe não brigar.

As saias de chita arrastam poeira e a menina da casa borrifa de água a sala das danças, p'ra ninguém reclamar. Crianças nutridas brincando de roda parecem um colar de flores mimosas, que cantam, que riem, que vivem e saltam, que falam em Deus. São rosas da vida, estrêlas nascidas do Amor e da Paz, de almas tão puras, sem vícios, insontes, tão longe do Mal, tão perto do Céu.



Ao bater meia-noite e as chamas haviam devorado a coivara, o braseiro espalhado, um convite aos amigos para serem compadres saltando a fogueira sob as bênçãos do Santo.

Diante do mastro um côro cantava:

Ficaste tão santo
No rio Jordão
Batizando a Deus
E Deus a S. João.

Os convites já feitos, os pares vieram, alegres a rir, até a fogueira de chamas vencidas, de brasas vermelhas como o sangue de mártires, o sangue da fé. E se deram as mãos e foram dizendo, saltando três vêzes a pira sagrada, de um lado para o outro, em sentido contrário:

S. João dormiu,
S. João acordou.
Vamos ser comadre
Que S. João mandou.

S. João dormiu,
S. João acordou.
Vamos ser compadre,
Que S. João mandou.

Palmas estalam na noite de festa, os novos compadres se abraçam ou beijam conforme há de ser. Então as madrinhas retomam os ritos e a mão do afilhado segurando nas suas, pulam as brasas de lá para cá, de cá para lá, recitam os versos do tema litúrgico:

S. João dormiu,
S. João acordou.
Vou ser sua madrinha
Que S. João mandou.

S. João dormiu,
S. João acordou.
Vou ser seu afilhado
Que S. João mandou.

Que tempos aquêles! Que festas, que noites, quando a fé em S. João chegava a fazer os milagres incríveis de um homem descalço andar sôbre brasas sem queimar os pés! Mas hoje... Por Deus! Não façam confrontos, que a vida de agora, tão cheia de espinhos, escura, aflitiva, com tôdas as luzes, progressos atômicos, e carros de luxo e televisão, cinemas a côres e não sei mais quê, não vale uma noite nas festas da roça, o saltar de fogueiras com as nossas madrinhas, com as nossas comadres, ao cheiro do milho assado nas brasas, comendo pamonhas, comendo cangicas, ao som das violas, ao chôro do pinho, ouvindo as cantigas, dolentes, magoadas, da harmônica nostálgica dos nossos sertões.

Não façam confrontos. Que a vida de agora, cruel, detestável, não vale uma noite no amplo terreiro da casa de taipa, não vale uma brasa, uma brasa sequer, das velhas fogueiras do Senhor S. João...

RENATO DE ALENCAR

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO

NOVOS ASPECTOS DA NOSSA REPORTAGEM EXCLUSIVA

AMPLIANDO a divulgação dos mais sensacionais flagrantes das cerimônias do Ano Santo na capital da Itália, oferecemos aos leitores mais estas ilustrações. Acompanhando o desenrolar daquelas festividades que tão de perto tocam ao coração da gente católica brasileira, temos proporcionado a quem nos lê, o ensejo de observar, mesmo à distância, pormenores históricos e exclusivos, mercê da viagem feita, recentemente, a Roma, pela nossa reportagem. Outros documentários serão publicados nas edições vindouras, reservando para a de 1º de julho, dedicada às comemorações do 50º aniversário da REVISTA DA SEMANA, amplo e ainda mais sugestivo material. Nesse número, em suplemento a côres e papel "couché", daremos ainda a reprodução de algumas das monumentais obras de arte que se encontram no Museu do Vaticano e na Basílica de São Pedro, tesouro de incalculável valor que o mundo reverencia através dos tempos.

O LIVRO DO PEREGRINO, editado pelo Vaticano em vários idiomas — inclusive em português — inclui tôdas as orações oficiais para as cerimônias do Ano Santo. E' o catecismo obrigatório dos piedosos visitantes a Roma nestes dias memoráveis, e nem S. S. o Papa se abstém de utilizá-lo nas suas orações. A gravura superior, mostra Pio XII, antes de conceder mais uma audiência aos peregrinos, entregue às suas orações, tendo nas mãos o pequeno impresso referido. Em baixo, vemos Sua Santidade dirigindo a palavra a um grupo de crianças, na Capela Sixtina, no dia imediato ao seu desembarque em Roma. Essas crianças procedem de um colégio francês.







A MISSA DO PAPA — No altar de São Pedro, situado na Basílica do mesmo padroeiro, só Pio XII pode celebrar o ritual da missa. Aqui o vemos, à esquerda, no alto, acolitado por ilustres sumidades da igreja. À direita, um flagrante da entrada do Sumo Pontífice na grande nave romana, mais uma vez abençoando os milhares de fiéis que se aglomeram em tôrno à cadeira gestatória No clichê maior, em baixo, é possível observar, com maior amplitude, a multidão de fiéis geralmente concentrada nas aparições do Chefe da Igreja, que a todos procura abençoar. Esta cerimônia repete-se quase diàriamente, sempre que é dada audiência coletiva aos peregrinos.



FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO





JÁ EXISTE uma estação televisora instalada no Vaticano, depois de iniciadas as comemorações do Ano Santo. A primeira gravura, ao alto, mostra um flagrante colhido no ato daquela inauguração, quando Pio XII assistia à solenidade, rodeado por diplomatas das embaixadas da Santa Sé, e pessoas gradas. As demais, repetem flagrantes





cotidianos: um peregrino beija o anel do Papa; fiéis procedentes do Sião, com seus trajes característicos; Veteranos da guerra apertam a mão do Sumo Pontífice; o coral da Capela Sixtina dirige-se para a nave; peregrinos filipinos aprestam-se para serem recebidos por Sua Santidade. Observe o leitor, mais uma vez, o Livro dos Peregrinos nas mãos dos fiéis.





REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 24 ★ 17-6-50

PARABENS, MARANHENSES

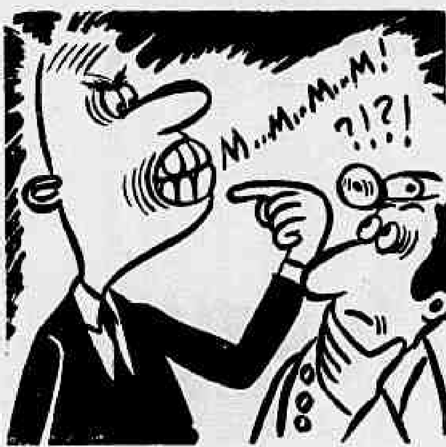
A maior dificuldade que o Brasil tem encontrado, desde o seu descobrimento, é o desanimador problema das distâncias. Nossa civilização se instalou exclusivamente à orla do mar, ficando todo o imenso interior à mercê dos aventureiros. O exemplo de S. Paulo, investindo para o oeste e bacia do Prata, foi um imperativo geográfico. O homem das altiplanuras de Piratininga seguiu o rumo da vertente que foge do Atlântico e se dirige para a bacia **do Paraná e Uruguai. Os paulistas são** tributários da **vastíssima área do Prata. As águas guiaram o homem** para o interior, **abrindo-lhes horizontes para a navegação** e os veios de **ouro e pedras preciosas. A serra do Mar foi uma** barreira em favor **de S. Paulo, proibindo-lhe de fixar-se na praia.**

O restante do **país ficou no litoral. Diante do mar o homem** fica contemplativo **e, com a abundância de peixe, moluscos e** frutos fáceis, se torna **indolente. Desenvolvemos nossa civilização** à beira-mar e cada **Estado passou a ser uma espécie de compart'mento** estanque, **separado uns dos outros como nações** inimigas.

O trem de ferro, **as rodovias, as vias marítimas e fluviais** no encadeamento **para a vida interestadual, não resolvem. Contribuem,** diminuem **as distâncias e aproximam os brasileiros no** sentido norte-sul, **leste-oeste. A solução está nos ares. E' a** aviação comercial **que dec'de a parada.**

Já experimentaram **os leitores uma viagem do Rio a S. Luís** do Maranhão, **por mar? Uma existência. Dez a doze dias...** Por terra, nem **é bom falar. A estrada de ferro Piauí-Maranhão** é coisa dos **trogloditas. Mas o avião já liga o Rio à capital de** S. Luís em... **dez horas! 2.510 quilômetros, com escalas em** Belo Horizonte, **Formosa e Carolina. Toma-se um cafèzinho aqui** e se janta em **S. Luís. Um sonho!**

O BRASIL DESDENTADO



A crise de cambiais, a fome de dólares, as oscilações da carteira de trocas entre o nosso país e os Estados Unidos, tudo isso misturado e bem sacudido dá um resultado que faz muita gente desiludir-se de suas profissões.

Os protéticos, por exemplo. Ou **prostéticos**, como querem os senhores filólogos e puristas do vernáculo. Êsses profissionais da área odontológica estão na iminência de não mais poderem fabricar dentaduras para as bôcas do Brasil. O material de que usam ainda não há em quantidade suficiente entre nós, e se há não oferece a perfeição, a resistência, do importado da grande nação amiga. Mas, para que possam mandar vir de lá a matéria-prima, precisam os senhores protéticos de solicitar licença prévia à respectiva carteira no Banco do Brasil. Ora, é enorme o exército dêsses profissionais em nosso país, e vão aos milhões as bôcas que estão desdentadas, esperando uma suposta dentadura, ou dentadura suposta, o que vem a dar na mesma...

A Carteira de Exportação e Importação, porém, dará um jeito e poderá resolver o impasse. Como? Muito simples: que cada dentista ou protético se transforme também em firma exportadora e mande para os Estados Unidos mercadorias de nosso país: madeiras cera de carnaúba, minerais, couros, etc., etc.

Muito simples, acham os senhores da Exportação e Importação. Mas, em verdade, nada mais complexo. Imaginem um dentista abandonando o seu consultório para meter-se por êsses sertões a dentro a fim de comprar couro de bode ou cera de carnaúba, discutindo preços, embalando, despachando nas vias férreas ou entregando os volumes aos tropeiros ou motoristas de caminhões! Quando êles entraram nas Faculdades ninguém lhes disse que para ser dentista era preciso ser comerciante exportador...

PUNIR COM JUSTIÇA



Serviu de comentários no fôro e fora dêle o resultado final das sessões do nosso Tribunal do Júri em maio último. Parece que houve uma reação dos senhores jurados no sentido de punir, dentro do espírito de justiça, os acusados levados à barra do Tribunal.

Encerrada a quinta sessão do corrente ano, apurou-se que apenas uma absolvição se verificou, sendo todos os demais casos punidos de acôrdo com a majestade da Lei Penal. Todos os criminosos foram condenados exemplarmente, colocando-se os senhores jurados do mês de maio numa situação de inegável mérito perante a consciência da sociedade. O corpo de jurados que atuou nesse período merece os aplausos da população do Rio, pois se houvesse sempre a severidade dêsses julgamentos a prática do crime não se tornaria nesse deboche, nessa impunidade, nessa incrível liberdade de matar, de assaltar, de roubar, como vemos nesta grande cidade.

Não cabe sòmente à polícia a responsabilidade dos atos delituosos de que vivem cheios os nossos jornais. À Justiça Pública, especialmente, toca o maior quinhão de culpa. Nada mais estimula o crime o mau instinto, do que a impunidade. Um indivíduo sem nenhuma formação moral ou cultural que comete um delito e, no dia seguinte, se vê em liberdade, não tem o menor escrúpulo de praticar o segundo. E quando vê sua bela figura nos jornais, êsse prazer de delinquir é ainda mais forte.

A quinta sessão do ano em curso no Tribunal do Júri foi tão severa que os senhores advogados preferiram, muitos dêles, fazer "forfait", adiando o julgamento de seus "inocentes" constituintes. Cabe agora aos outros corpos de jurados imitar os seus colegas e punir os criminosos com a devida justiça.

GUE TIPO DE JUSTIÇA É ESSA, QUE SÓ CONDENA!..

A MORTE NÃO A QUER...



Cita a história casos espantosos de militares que, tendo entrado em violentos combates e oferecendo o peito às balas inim'gas, escapam do furor das batalhas e vêm a morrer de úlcera no estômago ou de apendicite supurada, calmamente em suas camas... Outros casos há em que se verifica o que é o destino. Um homem lá dos Estados Unidos passara quarenta anos em busca de ouro lá pelo oeste e nada encontrou. Desanimado, regressou à sua terra natal, uma cidadezinha vulgar do leste, envelhecido, exausto, desiludido. Ded'cou-se a um ofício qualquer para poder sustentar a vida e a do restinho de família que possuía. Tendo precisão de abr'r um poço no fundo do quintal de sua modesta casa, a certa altura do trabalho de remoção de terra, eis que descobre um veio aurífero! E ficou rico. Aos muitos casos famosos de pessoas que escapam da morte em situações fenomenais, vem agora juntar-se o de Leonilda Conceição. Essa senhora, há uns três anos passados, sofrera no Rio um acidente de trânsito, tendo perdido as duas pernas. Depois de muito custo, de ingentes sacrifícios, consegu'u umas pernas mecânicas, no valor de quase cem mil cruzeiros, produto de doações e generosidades. Muito demorou ela a habituar-se ao uso das pernas supostas. Muito sofreu para poder andar sob os efeitos da ortopedia moderna. Logo que o conseguiu, tratou de ir para sua terra, a Bahia, onde a esperavam pessoas de sua família, conforme divulgou a imprensa. Toma um avião e antegoza a alegria de rever a terra natal e os parentes e amigos; mas o destino é cruel. A certa altura do trajeto, ocorre fatal desastre e o avião se espatifa ao solo. Morrem dez pessoas. Ela se salva, fraturando, pela segunda vez, o resto das pernas, pois do joelho para baixo já estavam amputadas...

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140.00
Seis meses .... Cr$ 70.00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170.00
Seis meses .... Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270.00
Seis meses .... Cr$ 140.00

O número avulsto custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3.50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino" à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonca, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser enderecada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

CONTINUA ainda bastante confusa a situação da política nacional em face das próximas eleições. Embora um dos maiores partidos nacionais, considerado mesmo o majoritário, haja, em sua convenção do dia 9 dêste mês, referendado por maioria de votos a escolha anteriormente feita do nome do sr. Cristiano Machado para seu candidato à sucessão presidencial do general Gaspar Dutra, não veio o momentoso fato clarear as águas do caudal político que a todos arrasta na direção das urnas de 3 de outubro. Desde muito vinha o PSD sofrendo marchas e contramarchas, ameaçado permanentemente de mais fortes desentendimentos entre os seus principais elementos dirigentes, em virtude de desarmonias em tôrno de nomes para a homologação da Convenção Nacional que acaba de realizar-se. Depois de tentativas de pacificação dentro de suas próprias hostes, a cada entendimento sucedia uma desarticulação, como se lavrasse no seio do PSD a deliberada intenção de ir adiando o problema sucessório, por necessidade partidária ou manobra política. Um dêsses pontos de desarticulação coube ao sr. João Neves da Fontoura, quando, em Pôrto Alegre, fêz declarações que agitaram os meios políticos, seguindo-se a isso uma série de confabulações e entrevistas m tôrno de nomes, não se chegando a nenhum resultado definitivo. Com a definição, porém, da UDN, teve o PSD que escolher o seu candidato, saindo vitorioso, por maioria, o nome do sr. Cristiano Machado; mas, ainda como um reflexo das declarações do sr João Neves, ocupou a tribuna da Câmara dos Deputados o sr. Batista Luzardo e, em discurso que teve repercussão nacional, analisou aquela candidatura, criticando-lhe a origem e mostrando, ao seu modo de ver, todos os defeitos de que se originara. E o debate político chegou a tomar aspecto especialmente grave. Do discurso do conhecido parlamentar gaúcho, porém, constava uma séria denúncia contra o chefe da Casa Civil do Presidente da República, motivando, no dia seguinte, 8 de junho, êste repto do acusado: — «O sr. José Pereira Lira, por intermédio da Agência Nacional, solicitou-nos divulgar a seguinte declaração: «O sr. Batista Luzardo — que deixando a embaixada de Buenos Aires logrou continuar na Câmara dos Deputados — rompeu ontem o seu silêncio remunerado, formulando contra mim a acusação de que lancei mão de dinheiros públicos. Tomo conhecimento dessa afirmação do sr. Batista Luzardo e lhe proponho fazermos de público, os dois, um inventário dos nossos bens e uma investigação das fontes onde os conseguimos. Intimo-o, igualmente, a que precise a sua acusação, articulando: a) — de que dinheiros públicos me apossei em qualquer tempo, para benefício meu ou de minha família; b) — quais as despesas, com a minha candidatura a senador pela Paraíba, que não estão sendo pagas por mim, e sim por qualquer organização ligada a govêrno nacional ou estrangeiro». A nação inteira ficou à espera do desfecho do caso. Mas o sr. Luzardo, em declarações à imprensa vespertina do mesmo dia, dava satisfações ao ofendido, explicando que suas palavras tinham sido publicadas com sentido diverso, não havendo êle, em verdade, tencionado atingir a honorabilidade do sr. Pereira Lira. Fechado êsse parêntesis no debate político ficaram as conseqüências de ordem geral decorrentes do discurso do deputado Luzardo. E pergunta-se: — Que rumos tomarão os dissidentes gaúchos do PSD? Esta interrogação foi o acontecimento da semana.



Sr. Batista Luzardo, deputado federal pelo PSD



CENA FINAL da peça infantil «O Padeiro Braulinho», de Heloísa Maranhão, apresentada por Odilon no Teatro Regina, aos domingos, em matinée. Após resolvidos todos os casos surgidos no desenrolar da trama, a côrte festeja o casamento da Princesa com o filho do jardineiro, e o do Capitão com Olívia Dente Grande, e as pazes do Padeiro com sua espôsa.

O PADEIRO BRAULINHO

COMEDIA INFANTIL EM DOIS ATOS DE HELOÍSA MARANHÃO

O original é inspirado numa velha história do folclore francês: "Le vilain mire", na qual se baseou Moliére quando escreveu "Le medecin malgré lui". A ação transcorre primeiro numa cidadezinha chamada Cidade Maravilhosa. Depois numa das principais salas do palácio do Rei. Não se pode precisar a época com devida segurança, pois é fruto exclusivo da fantasia.

Corria calmamente a vida na Cidade Maravilhosa, ouviam-se os habitantes tocar e cantar felizes; até os animais adquiriam personalidade, como no caso de uma vaquinha, para dançar ao som da gaita do músico (José do Nascimento). A Olívia Dente-Grande (Nieta Junqueira), assim chamada pela feiura que tinha e pelo dente enorme que possuía, estava sempre esperando o seu príncipe encantado. Improvisadamente ouvem-se gritos que partiam da casa do Padeiro Braulino (Domingos Terras), que, afinal, sai para a rua e conta que dera uma sova na espôsa por haver mentido, inventando coisas a seu respeito. Aborrecido, trata de ir cuidar de seus negócios. A sova que o padeiro dera na espôsa (Ninon Valdez), foi de fato tão grande que esta ficou dobrada em dois, não podendo aguentar as dores. Procura então Olívia Dente-Grande, sua vizinha, que promete curá-la com uma pomada milagrosa. Corre até sua casa e na pressa faz cair a porta de entrada, enquanto a espôsa do padeiro grita de dor. Afinal, consegue aplicar a pomada e a moça é curada instantâneamente. Promete vingar-se. Chegam os soldados, chefiados pelo Capitão (Osvaldo Goytacaz), que vem à procura de um médico para tratar da Princesa, que havia ficado muda. Olívia Dente-Grande sugere à espôsa do padeiro vingar-se do marido e ela aceita. Conta ao Capitão que seu marido era médico, travestido de padeiro, e que precisava apanhar para declarar que de fato era médico, grande médico aliás, pois já fizera curas milagrosas. Os soldados, assim instruídos, pegam o padeiro e o levam para o palácio do Rei. No castelo tudo é tris-

(Cont. na pág. 46)



OS PRINCIPAIS intérpretes da peça, ainda não completamente caracterizados e antes da estréia, ensaiando as expressões faciais, de que depende o sucesso entre a gurizada.



OLÍVIA DENTE GRANDE, descobrindo que no palácio do Rei as leis eram cumpridas, e uma diz que quando um casal se beija deve-se casar, beija o Capitão e casa-se com êle.



DESGOSTOSA com o pai em querer casá-la com o Príncipe Alonso Grandalhão, a Princesa fica triste e finge-se muda



O PADEIRO BRAULINHO, personagem central, falso médico, auxilia o amor da Princesa com o filho do jardineiro.



NA CIDADE MARAVILHOSA tudo era paz e sossêgo! Os homens trabalhavam satisfeitos, dançam e até os animais...



DEPOIS DE HAVER recebido uma surra do marido, a mulher do padeiro procura Olívia Dente Grande. Em baixo, o Padeiro chega ao palácio do Rei e êste ordena-lhe que cure a Princesa que está muda, do contrário êle se arrependeria



O CASAMENTO DE "HAMLET"

SÉRGIO CARDOSO, O ÚLTIMO GRANDE INTÉRPRETE BRASILEIRO DO PERSONAGEM SHAKESPEARIANO, CASOU-SE EM SÃO PAULO ★ NÍDIA LÍCIA, A NOIVA ★ JUNTOS PARA O TEATRO ★ O QUE FOI A CERIMÔNIA NO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Reportagem de SABINO CANALINI



APÓS O ENLACE o beijo, que foi repetido para os fotógrafos

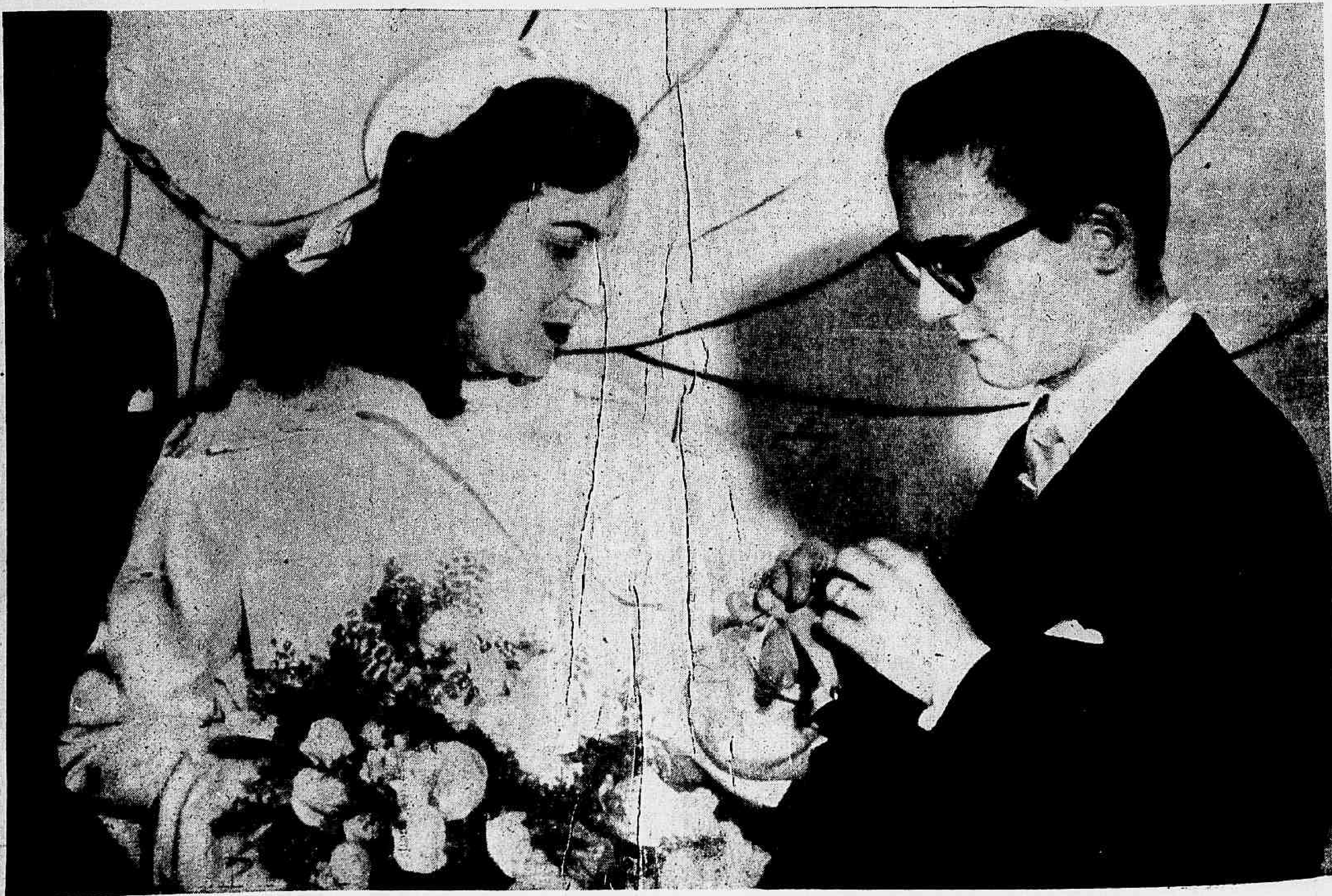
SÃO PAULO (Via "Cruzeiro do Sul") — Sempre que se fala em Sérgio Cardoso, desde seu aparecimento nos palcos cariocas há mais de dois anos atrás, pode-se ter a certeza de que há assunto para artigos, comentários, reportagens ou crônicas jornalísticas. Sua carreira tem sido acidentada desde a estréia. Predestinado, artista nato, convencido, ou produto de "claque"? Não interessa no momento, não estamos aqui para fazer crítica. Elogiado e combatido, aplaudido ou apupado, seja como fôr, êle é um nome nos cenários artísticos do país. Nada mais natural, pois que a notícia de seu noivado e próximo casamento despertasse curiosidade geral. Recebido o convite para assistir à cerimônia, prazeirosamente nos deslocamos até a capital do Estado bandeirante. O sol e o céu azul que deixamos no Rio foram aos poucos substituídos pelo nevoeiro e pela chuva. E foi sob êsse clima de outono europeu que se realizou nosso primeiro contacto com São Paulo. Procuramos logo o casal e é dos dois que passaremos a falar sem outra demora.

ÊLE, SÉRGIO CARDOSO, O HAMLET

Nascido em Belém, no Pará, estudou e laureou-se em Direito no Rio de Janeiro. Colou grau em dezembro de 1947. Um mês depois estreava no Teatro Fenix, integrando o Teatro do Estudante, que obedecia à orientação de Paschoal Carlos Magno, por ocasião dos festivais em homenagem a Shakespeare. Peça de estréia: "Hamlet". Sucesso absoluto. Em pouco tempo era êle conhecido no Brasil inteiro, através da crítica construtiva e estimulante dos que compreenderam que estavam na presença de um novo calor a ser aproveitado para a arte nacional. A temporada, artisticamente, correspondeu. Foi a consagração para o jovem Sérgio. Vencer num dos mais difíceis papéis da arte cênica, que encontra raros intérpretes bons, mesmo no mundo de língua inglêsa, chegar a ter o nome projetado na Europa, é prova bastante de que algum valor possuía.

Foi quando surgiu a primeira dúvida no espírito moço do ator. Imitando o desventurado príncipe do Castelo de Elsinore, numa entrevista concedida na época de sua estréia, disse:

— Ser ou não ser artista? Ser ou não ser advogado? Uma coisa ou outra. Não posso nem quero me dedicar às duas profissões contemporâneamente. Ou continuarei de corpo e alma no teatro, ou então iniciarei minha carreira de causídico, deixando para isso o palco. Minha vida



O SÍMBOLO MÁXIMO do casamento é a aliança, cujo significado é altamente expressivo. Que a união do casal seja perene, cheia de venturas e de sucessos nos palcos nacionais.

tem agora pela frente dois caminhos a trilhar. Não sei qual escolher.

E' possível que a justiça brasileira tenha perdido um grande defensor. Não tem importância. Há muito advogado por aí, de anel no dedo, sobrando para outras profissões. Em compensação o teatro estava precisando de valores novos, de mérito real, e está de parabéns pela escolha final de Sérgio Cardoso. Só e ùnicamente para o teatro. Não há dúvida, belo exemplo para muitos que gostam de tocar os sete instrumentos ao mesmo tempo, conseguindo, porém, apenas a confusão de uma bateria de jazz.

São de conhecimento público as muitas dificuldades que o Teatro do Estudante encontrou pela frente, seja quanto a local para se exibir, quanto a auxílio prometido pelas autoridades municipais, quanto a despesas de montagem e a incompreensão dos responsáveis pela instrução e educação em nossa terra, os mesmos que patrocinam tudo o que se refere a sua majestade o futebol, por exemplo.

Sai e entra temporada, Sérgio Cardoso resolve continuar por conta própria. Agora êle é o chefe e responsável pelo elenco intitulado "Teatro dos Doze". Continua o sucesso artístico, e o fracasso financeiro. Esperançoso nas verbas que a "gaiola de ouro" prometera, anuncia uma excursão ao norte. O intuito era mais do que louvável; levar a terras longínquas, apesar de brasileiras, realizações dignas de divulgação. Mas as verbas não foram concedidas, e a viagem foi suspensa. O grupo, por falta de teatro onde se exibir, de finanças com que liquidar compromissos anteriores, de apoio oficial, dissolveu-se. Mais uma boa iniciativa particular que ia por água-abaixo.

Após algum tempo de inatividade, veio o convite para integrar o elenco do Teatro Brasileiro de Comédia em São Paulo. Sérgio aceitou e até agora continua na Paulicéia, prêso por um contrato de três anos. Situação estável e folgada. Estará satisfeito o artista? Terá afinal encontrado o rumo que há tanto tempo procurava? Ou será essa apenas uma passagem transitória para uma nova realização mais arrojada e na qual o artista possa se expandir em todo seu poder criativo sem restrição alguma? Não sabemos. Nesse campo, para nós, continua a dúvida de Hamlet.

Foi frequentando os meios paulistas que Sérgio veio a conhecer

ELA, NYDIA LICIA, A JULIETA

Italiana, pois nasceu em Trieste, veio com a família para o Brasil, em 1939, pouco antes da guerra. Temperamento delicado e sensível, frequentou teatros desde cedo. Aos três anos de idade já tomava lições de dança rítmica. Estudou em Trieste até o terceiro ano de ginásio. Vieram depois tempos mais difíceis, nuvens negras apareceram por cima de tôda a Europa. O ambiente tornou-se intranquilo e a família de Nydia decidiu vir para o Brasil. Terminou seus estudos aqui. Matriculou-se no Grupo de Técnica Experimental de Teatro. Estreou em "À margem da vida", que se manteve em cartaz durante três meses.

— Aprecio o teatro acima de qualquer outra coisa — disse-nos. — Sinto verdadeira atração pela arte de representar e agora considero-a como um dos objetivos de minha vida.

— Entre todos os autores, das mais diferentes escolas, qual o seu preferido? — perguntamos.

— Tenness William, o autor da peça em que estreei.

— E o cinema está na suas cogitações?

— Já fiz uma pontinha no filme "Quando a noite acaba", mas não gostei de me ver. E' possível que em outras circunstâncias saia melhor, nem me recusarei a novas tentativas, ainda mais que o Teatro Brasileiro de Comédia, onde trabalho, tem ligações com o estúdio Vera-Cruz. Porém, acima do cinema está e sempre estará o teatro.

— Gostaríamos de relatar aos leitores quais foram os capítulos do seu romance com o Sérgio.

— Não há muito a contar, pois o romance foi curto, apenas uma novela. Conheci Sérgio quando aqui veio com o Teatro do Estudante, para interpretar o mesmo repertório que havia exibido no Rio. Depois foi a minha vez de viajar até lá, onde tornei a encontrá-lo. Amizade apenas, nada de positivo. No princípio dêste ano veio êle contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia, onde eu também estava atuando. Conhecemo-nos melhor. Aprendi a estimá-lo e a compreendê-lo. Logo a amizade passou a admiração e a perfeita comunhão espiritual. Numa semana apenas estávamos noivos e... agora é o casamento. Pronto, aí está o romance.

— Quais os planos para o futuro?

— Trabalhamos juntos e seremos dois contra tôdas as dificuldades que surgirem para realizarmos teatro. Esse o nosso sonho: teatro.

O CASAMENTO

Nas dependências do Teatro Brasileiro de Comédia, isto é, no próprio lugar de trabalho dos dois nubentes, realizou-se a cerimônia civil do

(Cont. na pág. 46)

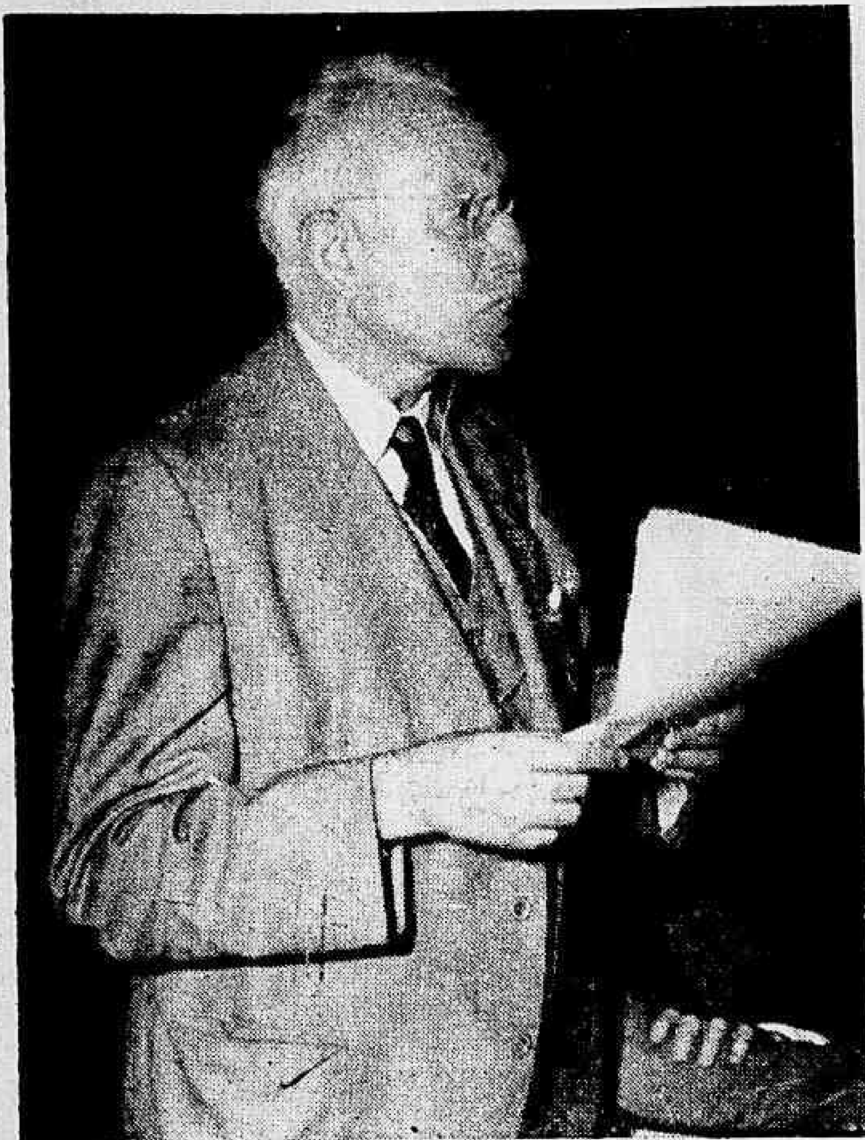


FOI NO TEATRO Brasileiro de Comédia, às 11 horas do dia 23 de maio passado, que se realizou a cerimônia civil do



casamento de Sérgio Cardoso com Nídia Lícia. Contando com a presença de numerosos artistas, colegas de elenco e convidados, amigos e fãs de São Paulo e do Rio, transcorreu alegremente a solenidade, em meio aos votos de felicidades.

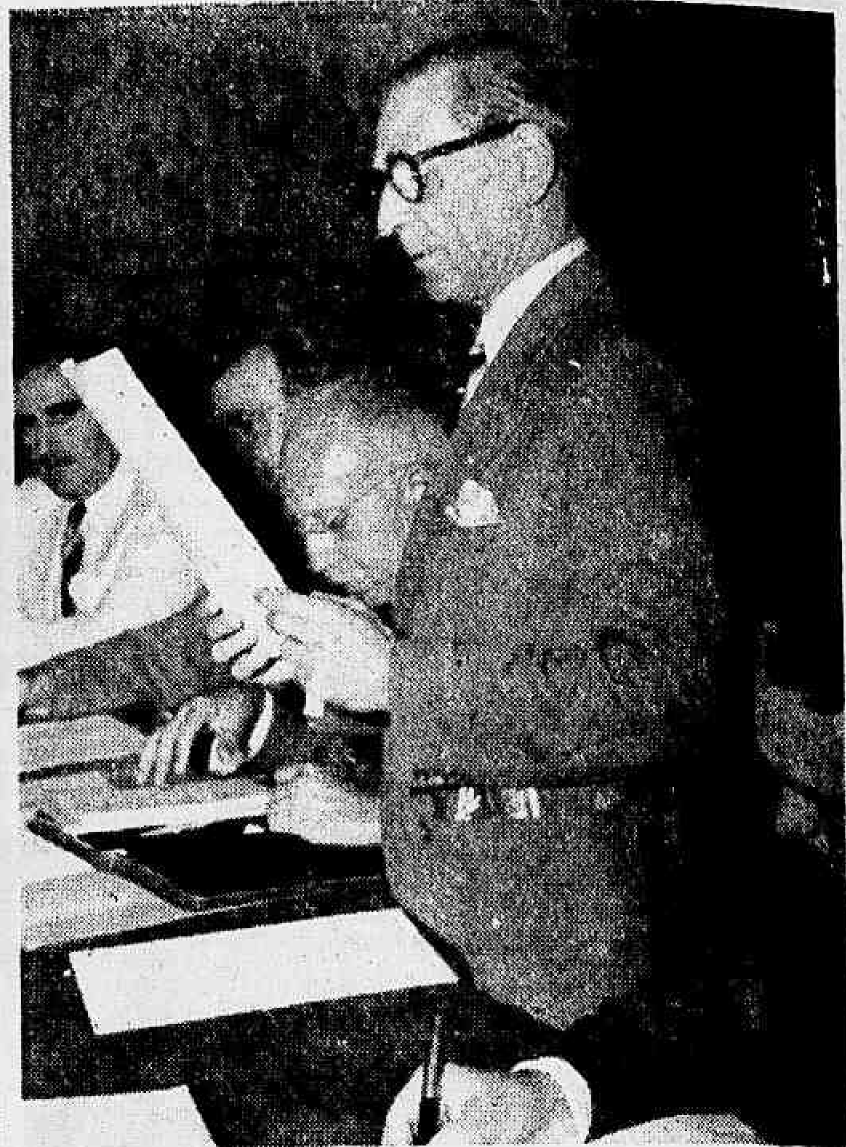




O SR. RAUL PILA, presidente do Partido Libertador e dos maiores advogados da instituição do Parlamentarismo.



O SR. SILVIO FARIA CORREIA, delegado do Diretório do R. G. do Sul, discursando na Primeira Convenção do PL



LEITURA DA ATA da sessão anterior, pelo secretário, sob a presidência do deputado Raul Pila, chefe do P. L.

O PARTIDO LIBERTADOR APOIA O BRIGADEIRO

COM a decisão do P.L. de cerrar fileiras em favor da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, conta a União Democrática Nacional, com outra corrente política em prol de sua causa. Depois da deliberação da Convenção do Partido Libertador, na qual foi aclamado o nome do sr. Eduardo Gomes para a Presidência da República no próximo período, os convencionais foram no dia 5 ao escritório do aclamado, para dar-lhe ciência do ocorrido na Convenção.

Chefiados pelo sr. Raul Pila, Presidente do P.L., grande número de membros dos mais destacados do partido foram comunicar oficialmente a decisão política, encontrando no escritório central do Brigadeiro, vários elementos do P.L. e da U.D.N.

Coube ao sr. Coelho de Sousa, Secretário da Seção do Partido Libertador do Rio Grande do Sul, dirigir a palavra ao homenageado, proferindo então um discurso político cheio de conceitos elogiosos aos nossos verdadeiros homens públicos, dentro de um tema colhido em afirmações de Joaquim Nabuco.

Dentre as pessoas que acompanharam o presidente do P.L. até ao escritório central da U.D.N. no Rio, pudemos notar: Sra. Natércia Silveira, Vice-Presidente do Diretório do Distrito Federal; srs. Rodolfo Teixeira Espinola, Virgílio Rodrigues, Sílvio Faria Correia, José Soares Gomes, Alcides Gonzaga, Armando Hipólito dos Santos, José Pila Filho, Heliodoro de Morais Branco, Pedro Irala, Jamil A. V. de César, Vitorio Cateru, Hilda Niemeier, Manuel Antônio Albuquerque e outros tantos do Rio como do Rio Grande do Sul.

A oração do intérprete do P.L. comunicando ao Brigadeiro a decisão da Primeira Convenção daquele partido em dar todo o seu apoio à candidatura do sr. Eduardo Gomes, se revestiu de aspectos construtivos, não sòmente pela forma por que foi expressado, como pelos conceitos em face da cultura política do país.

O Brigadeiro, agradecendo a participação em caráter oficial que lhe era feita naquele momento, respondeu em breves palavras e teve oportunidade de rememorar grandes figuras do cenário político dos Pampas, dentre os quais ressaltou os nomes de Silveira Martins e Assis Brasil, dois republicanos que honram o Brasil e as tradições liberais de nossa gente.

A adesão do P.L. do sr. Raul Pila ao contingente de votos que já possui a U.D.N., tem muita significação no próximo pleito, pois se trata de um partido político muito homogêneo e os seus eleitores se estendem por todos os Estados do Brasil.

Últimamente houve confusão em tôrno de uma carta do sr. Ademar de Barros, governador de São Paulo, ao deputado sr. Raul Pila, dizendo-se que o chefe do populismo solicitara apoio ao P.L. Mas, o caso se esclareceu em tempo e devidamente. O que solicitou o P.S.P. ao P.L. foi apoio ao ponto de vista homogêneo que ambos defendem em determinado setor das lides republicanas, isto é, a defesa do Parlamentarismo.

Ora, se o P.L. é considerado hoje como o baluarte do Parlamentarismo e o P.S.P. do sr. Ademar de Barros também é a favor dessa instituição em nossos costumes políticos, nada mais razoável do que um pedir apoio ao outro na marcha que ambos percorrem paralelamente. Mas isso não implica em aliança.

O próximo pleito presidencial promete ser dos mais renhidos. Apesar de ainda não estarem completa-

(Cont. na pág. 41)



O SR RAUL PILA, presidente do Partido Libertador, e que dirigiu os trabalhos da Primeira Convenção Nacional do partido realizada na Associação Brasileira de Imprensa, dirige-se aos seus amigos e correligionários abordando os pontos essenciais da Convenção e dos interêsses partidários, em face da sucessão presidencial, cujo pleito ferir-se-á em outubro próximo.



Sra. NATÉRCIA SILVEIRA, vice-presidente do Diretório do P. L. do Distrito, em palestra com o sr. Coelho de Sousa, secretário do P. L. gaúcho, na memorável noite de 4 de junho.



SILVA MELO, um dos alementos do P. L. do Rio, em animada palestra com outros membros da mesma agremiação, d. Linda Solange e o sr. Alencar Piedade, na ABI, a 4 de junho.



SR. HOMERO MAISONETTE, presidente do Diretório do Distrito, e o sr. Luís Silveira Melo, presidente do Diretório de S. Paulo, e que desfez o engano sôbre a aliança PL-PSP.



DURANTE a Primeira Convenção do P L a 4 de junho, na ABI, os delegados dos Estados travaram conhecimento com seus colegas Aqui, um flagrante do Pe. Pinheiro, do Maranhão.



A CONVENÇÃO do Partido Libertador realizada a 4 de junho no auditório da ABI, atraiu considerável número de seus membros, vendo-se representantes de todos os Estados bem como elementos de outros partidos políticos, especialmente convidados. Dali saiu aclamado o nome do Brigadeiro Eduardo Gomes, da U. D. N. para a Presidência da República.

AVENTURAS DA VÊNUS DE MILO

COMO A ESTÁTUA MUNDIALMENTE FAMOSA PERDEU OS BRAÇOS

Adaptação de WOLF DE CASSEL



OS VESTÍGIOS da luta, nas costas da estátua, tais como podem ser vistos ainda hoje no Louvre, em Paris

NA primavera do ano de 1820 um camponês grego cava a terra junto com seu filho, na ilha de Melos (Milos no grego antigo). Quando estava trabalhando, sua enxada bateu numa lage que, ao tirarem tôda a terra em volta, demonstrou pertencer a uma galeria subterrânea. Os camponeses aventuraram-se neste subterrâneo e ficaram chocados ao verem, na penumbra mística, uma figura grande e branca de mulher.

Passado o primeiro susto, Yorgos, o camponês, compreendeu que descobrira uma daquelas valiosas estátuas de mármore, tão procurada pelos europeus nas ilhas do mar Egeu. A cobiça o dominou e, durante a noite e no maior segrêdo, transportou a estátua para sua cabana e depois colocou-a no chiqueiro.

Durante dois milênios a estátua estivera solitária no frio subterrâneo. Como fôra parar dentro da terra, ninguém pode dizer com certeza. Mas aos poucos a notícia de sua descoberta espalhava-se.

Pouco tempo depois um navio francês a caminho de Constantinopla fundeou em Melos. Dois oficiais, o alferes Dumond d'Urville e o tenente Matterer, souberam, por intermédio do agente consular francês Brest, do achado da maravilhosa estátua. Procuraram imediatamente o camponês Yorgos e puderam admirar a Deusa em meio a seu vergonhoso ambiente. Os dois franceses, entendedores de arte, ficaram maravilhados. — Aquilo era uma obra a quem cabia o primeiro lugar na produção artística de todos os povos em todos os tempos.

O alferes foi o mais depressa que pôde a Constantinopla informar ao embaixador, Marquês de Rivière, de sua descoberta. Sem demora o Marquês mandou o secretário da embaixada, Visconde Marcellus, no rápido veleiro "L'Estafette" para Melos, adquirir a obra de arte e levá-la o mais depressa possível para a França.



A ILHA MELOS (Milos, no grego antigo), situada no Mar Egeu, na qual foi descoberta a notável obra de arte.



COMO A VÊNUS DE MILO PERDEU OS BRAÇOS — A luta travada entre os marinheiros do «Estafette» e a tripulação do navio turco, na qual a célebre estátua ficou aleijada

Semanas tinham se passado e o boato da grandiosa descoberta chegara até Smirna e Atenas. Apareceu então o sacerdote grego Oikonomos Verghi na ilha e obrigou os camponeses com ameaças a entregarem-lhe a estátua. Êste Verghi queria dar a valiosa escultura ao poderoso Paxá Nikolaki Mourouzi de Constantinopla como presente, para agradá-lo. O camponês grego entregou a estátua temendo os opressores turcos. Ela foi amarrada num grande trenó de madeira e arrastada para bordo do navio turco, que já estava pronto para levantar ferros.

Um acaso quis que neste momento o "Estafette" chegasse à ilha. Consternado, Marcellus viu que chegara tarde: lá estavam os marinheiros turcos arrastando o branco colosso de mármore ao longo da praia em direção de seu navio.

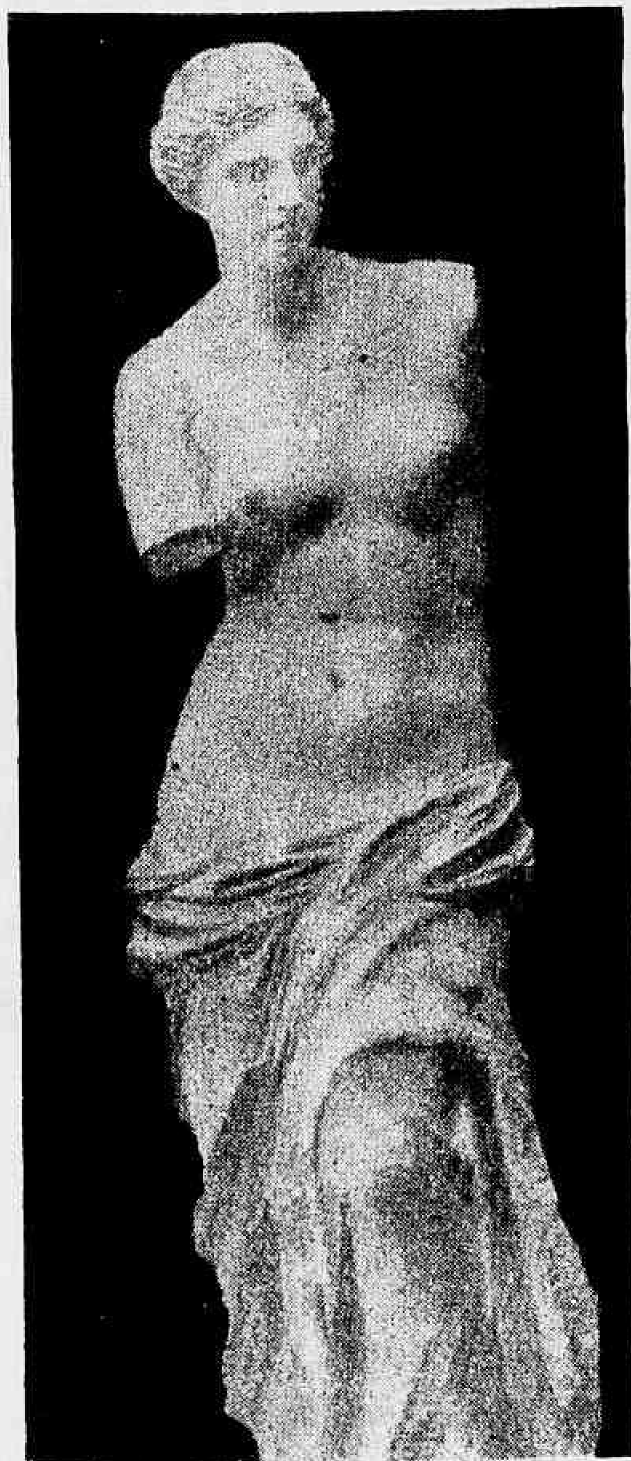
Com espadas desembainhadas os franceses jogaram-se sôbre os raptores turcos. Em volta do trenó de madeira houve ardorosa luta, na qual, finalmente, os franceses ficaram vitoriosos. Os turcos foram obrigados a fugir, mas do navio turco vinham reforços. Era preciso agir depressa. Os franceses pegaram as cordas e começaram a puxar, antes que fôsse tarde. O trenó, porém, fôra danificado durante a luta e agora as cordas soltavam-se, o bloco de mármore balançou — e a Afrodite caiu sôbre suas costas. Aconteceu então a tragédia: os marinheiros arrastaram o valioso mármore sem proteção sôbre as pedras da praia e içaram-na a bordo. Algumas partes que tinham se quebrado ainda foram juntadas na pressa: a Afrodite fôra ganha.

Assim a deusa da beleza veio para Paris.

Os parisienses, entusiasmados, levaram a obra de arte para o Louvre. Mas qual o estado da estátua! Faltavam os dois braços, a superfície incomparàvelmente bela e lisa fôra danificada por profundas arranhaduras. Procurou-se completar os braços. As partes salvas: u'a mão, um braço e algumas peças indefiníveis, não bastaram para isto. A questão da posição original dos braços é um problema muito discutido na história da arte. Uma enchente de literatura fêz-se



O MISTÉRIO DA VÊNUS DE MILO QUE ATÉ HOJE NÃO FOI SOLUCIONADO — A estátua ainda de posse de seus dois braços, no chiqueiro do camponês grego que a descobriu quando trabalhava sua terra, na célebre ilha do Egeu



A VÊNUS DE MILO, uma das belas obras da arte grega

em tôrno da desgraçada e maltratada deusa. Até hoje ninguém pôde dizer qual era a posição original da Afrodite de Milo. Yorgos estava morto, seu inculto filho contradizia-se e a memória do agente consular tinha-no abandonado. Sòmente Matterer afirmou numa publicação póstuma que a Afrodite segurava com a mão direita sua vestimenta e com a esquerda, triunfalmente levantada, segurava a maçã de Eris, que lhe fôra concedida como prêmio de beleza. O alferes Dumont d'Urville, que morreu como almirante e seria a testemunha indicada, calou-se durante tôda sua vida com receio de complicações diplomáticas e comprometer personalidades de posição e em grande parte também com mêdo de prejudicar sua carreira. Assim, também estas investigações não tiveram êxito.

A inveja das nações pela posse da Vênus de Milo mostrou-se depois de seu aparecimento em Paris mais uma vez, apesar de na forma fria da diplomacia. A Baviera exigiu da França a estátua como sendo de sua propriedade, com a alegação de que as ruínas do antigo teatro de Melos, perto das quais foi encontrada a escultura, eram de propriedade particular do príncipe herdeiro da Baviera, desde 1814. Esta ridícula alegação foi recusada com risadas irônicas. Particularmente interessante é que, três dias após a partida do "Estafette" apareceu um navio inglês em Melos com o objetivo de "adquirir" para a Inglaterra a valiosa estátua. Talvez prenda-se a êste interêsse dos inglêses as estranhas viagens feitas pelo "Estafette". Porque curiosamente Marcellus não levou a estátua adquirida com tanta dificuldade diretamente para Paris, mas cruzou durante meio ano nas águas do Mediterrâneo oriental. Ora o navio aparecia em Alexandria, ora em Atenas, repentinamente surgia em Smirna, depois novamente em Alexandria, em Rodos, enfim, nos lugares mais diversos e opostos. Incompreensivelmente, a estátua foi transferida para outro navio, o "La Lionne". Parece que o transporte não era muito seguro.

O ponto culminante atingiu esta luta em tôrno da Vênus de Milo quando, logo após sua chegada à Paris, circulou o boato sôbre as lutas e o roubo da estátua. Violentas censuras foram feitas a Marcellus por ter deixado seus rudes marinheiros danificar de tal maneira a estátua pelo estúpido tratamento que lhe concederam. Até sua vida privada foi atacada em virtude dêste caso infeliz. Sua carreira que começara com tanto brilho, terminou mais tarde inglòriamente.

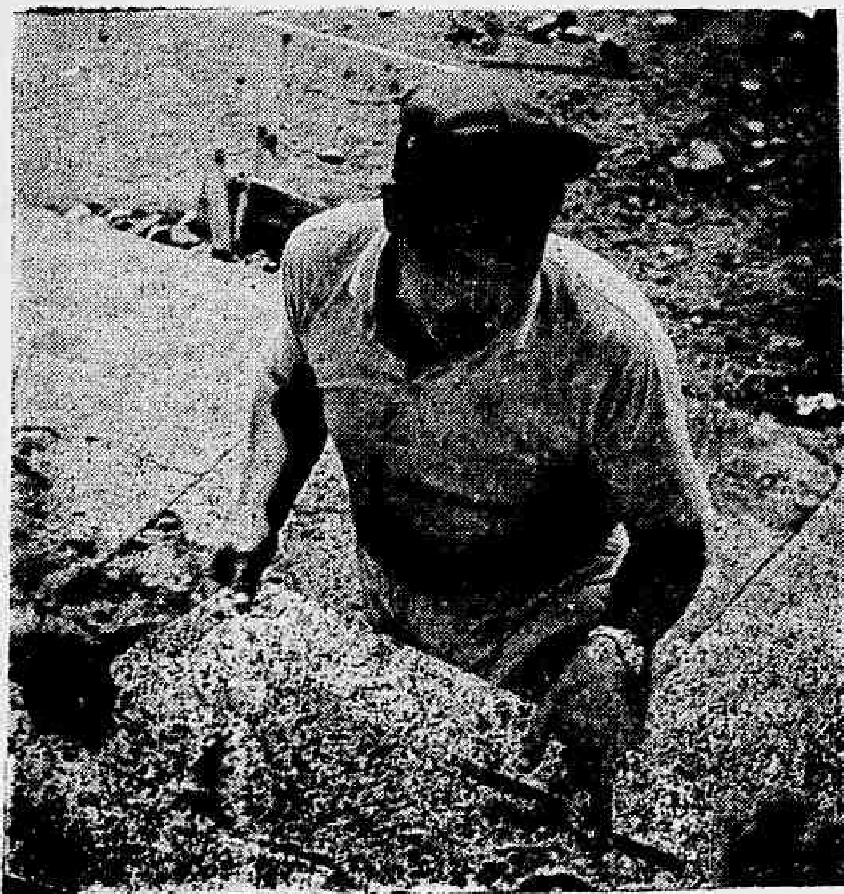
A defesa de Marcellus consistiu em fazer com que o Conde Clarac escrevesse um livro sôbre a Afrodite de Milo, no qual a história do seu achado é de tal maneira relatado que tirava tôda culpa de Marcellus. Mas isto não fêz com que os boatos se calassem.

Estas considerações em tôrno do caso já antigo não foram inúteis, não foram feitas para, com a consciência tranquila, condenar o há muito falecido Marcellus. Muito mais importante é êste caso para a história e a arte. Pois ficou constatado que só durante a luta foi danificada a escultura, que antes disso estava perfeitamente intacta. Em virtude desta contesta-

(Cont. na pág. 46)



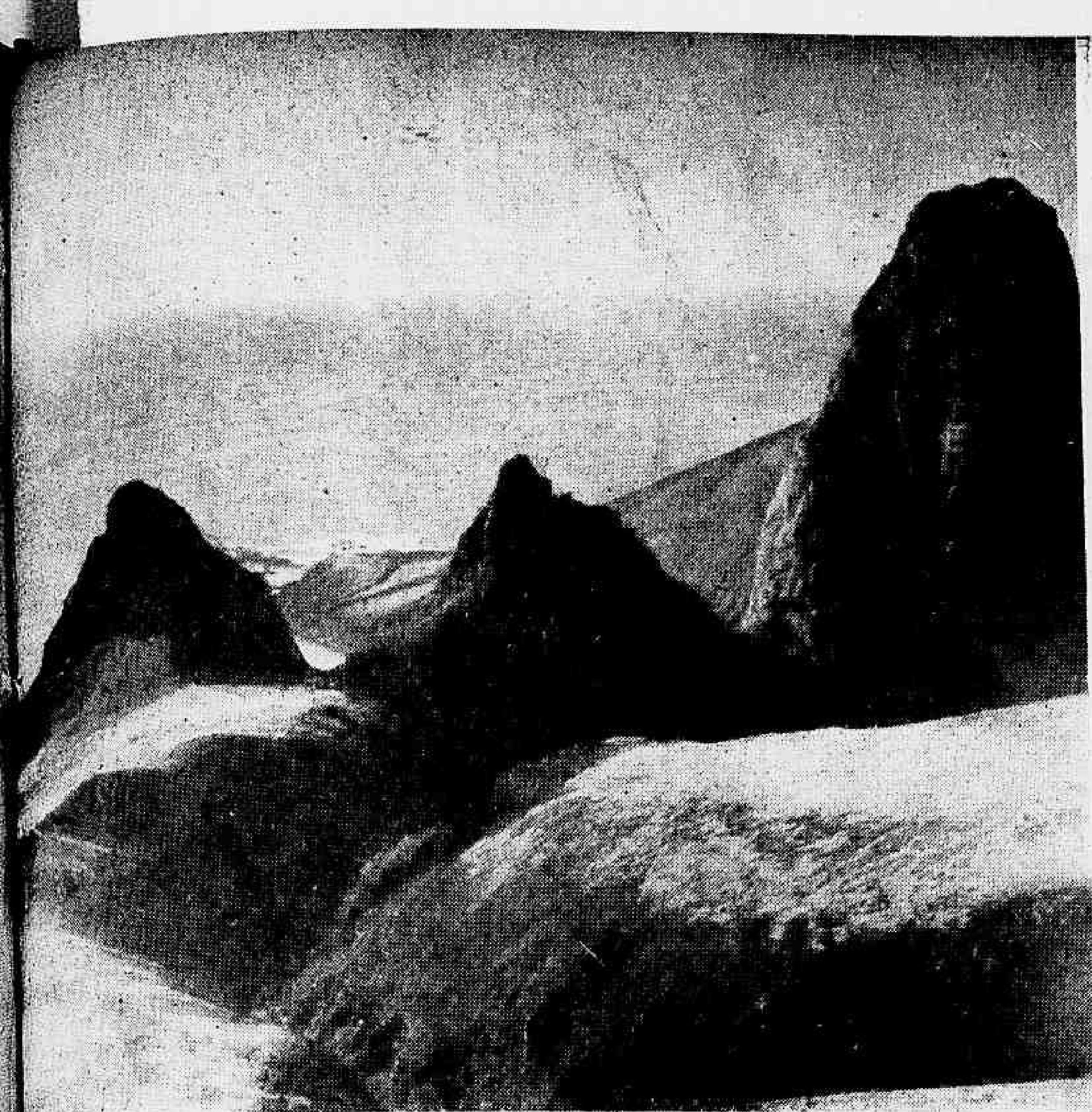
TRINDADE, a legendária ilha do Atlântico é quase só pedra. Mas apresenta panoramas como êste. Em baixo, o sr. Paulo de Assis Ribeiro observa o mapa da ilha brasileira.



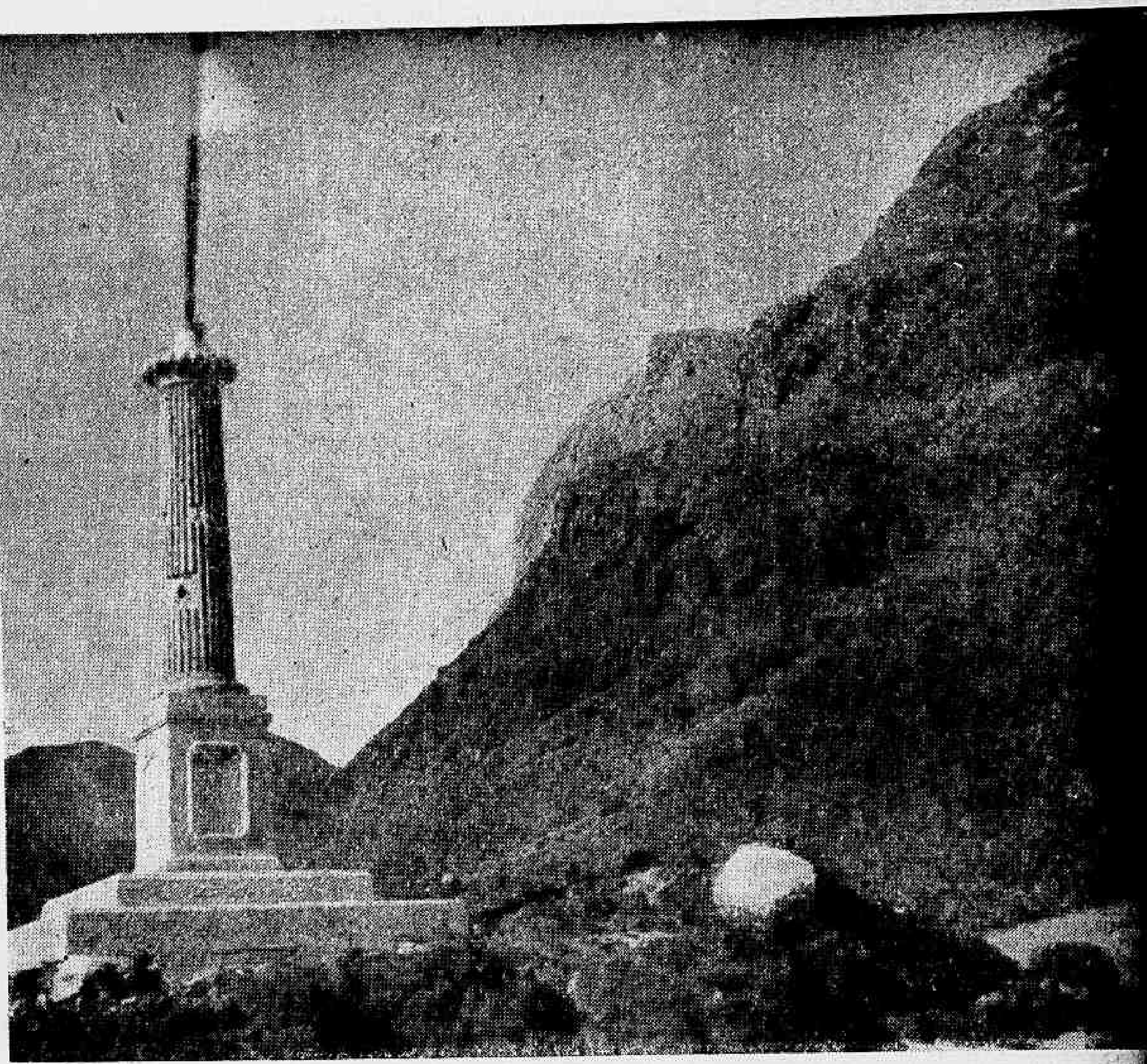
SETE DIAS DE CIÊNCIA E AVENTURA

UM PEDAÇO DO BRASIL PERDIDO NO ATLÂNTICO VISITADO POR UMA GRANDE CARAVANA DE TÉCNICOS, CIENTISTAS E JORNALISTAS ★ OS CABRITOS, GUIAS DOS HOMENS NAS PERIGOSAS CAMINHADAS PELAS MONTANHAS ★ PARAÍSO QUE OS CARANGUEIJOS PERDERAM ★ UM GRUPO DE PIONEIROS IRÁ POVOAR O ANTIGO NINHO DOS PIRATAS, TRAFICANTES DE ESCRAVOS E PRESÍDIO DE REVOLUCIONÁRIOS ★ AS SURPRESAS DA ILHA DA TRINDADE

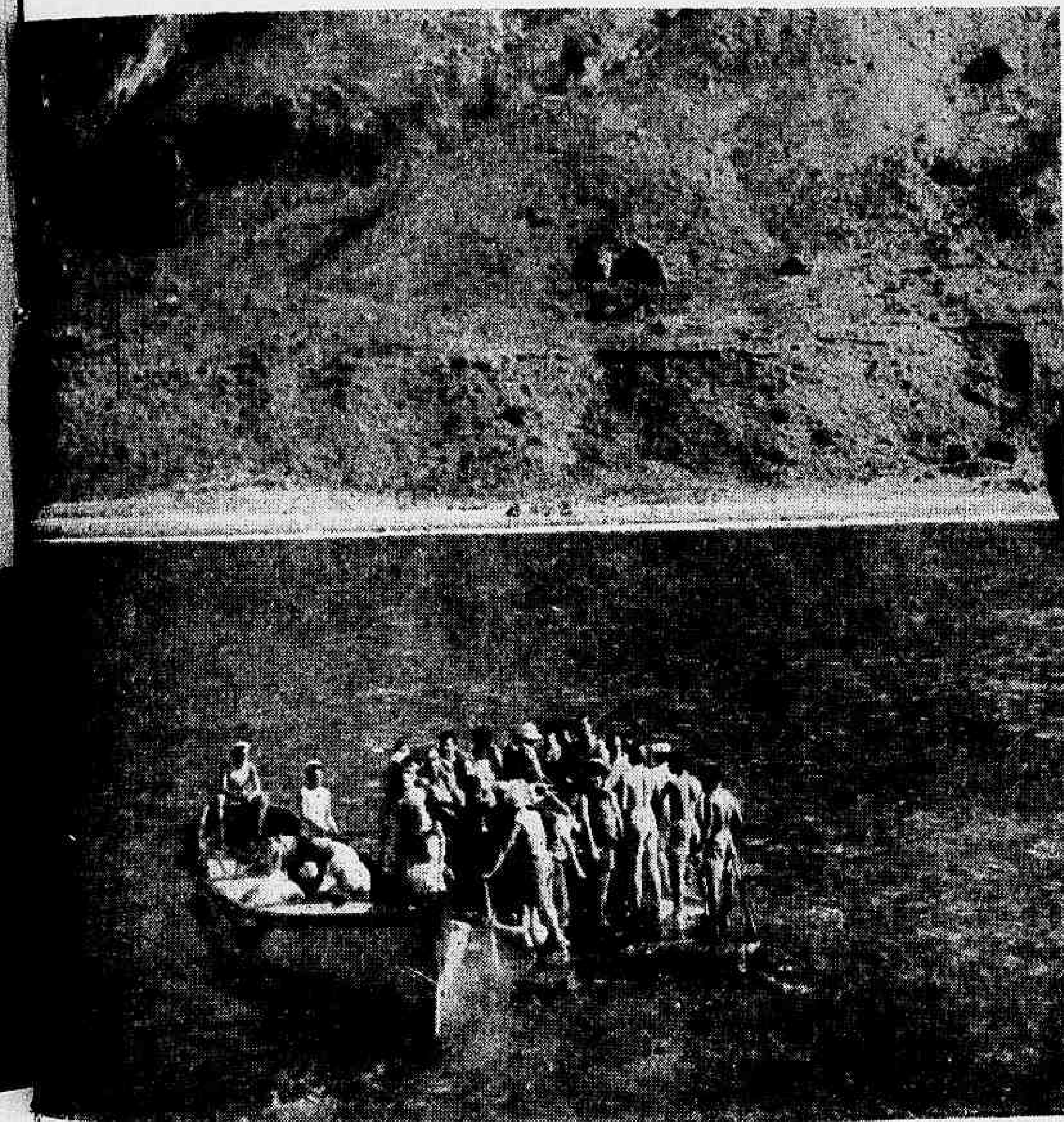
Texto e fotos de CARLOS DUARTE



MONTANHAS de pedra. Não obstante, é bela a ilha, que agora será um centro de turismo



OUTROS POVOS cobiçaram a ilha da Trindade. Este marco friza que a ilha é brasileira.



O DESEMBARQUE da expedição foi difícil. A balsa puxada por uma lancha fêz o serviço



A FÚRIA DO MAR, várias vêzes alcançou a balsa. Mas homens e material chegaram bem

"ESTA ilha está nos dando tanto trabalho e vale tão pouco que melhor seria arrasá-la" — foram estas, mais ou menos, as palavras de um ministro do Brasil ainda colonial, referindo-se a Trindade. Abandonada em plena imensidão do Atlântico, longe cêrca de 1.400 kms. do litoral brasileiro, à altura do Espirito Santo, Trindade é bem uma ilha perdida. Antigo ninho de piratas, traficantes de escravos e contrabandistas, pela sua privilegiada situação no caminho maritimo entre o Brasil e a África, desde que foi descoberta, pelos navegadores portuguêses, em 1502, vem sendo também um foco de conflitos internacionais: primeiro entre Portugal e Inglaterra e depois, não faz muito tempo, o Brasil já independente, em 1895, entre o nosso país e a mesma Inglaterra, que jamais deixou de cobiçá-la. Até hoje, porém, Trindade é uma ilha deserta. Outrora chegou a ser habitada, tanto pelos portuguêses como pelos inglêses, uns e outros visando ùnicamente que inimigos e estranhos dela se apossassem. E o Brasil, afora as visitas esporádicas de um ou outro vaso de guerra, apenas se lembrou de Trindade durante as duas guerras mundiais, quando a guarneceu com tropas da Marinha, e na década anterior à revolução de 1930, quando o presidente Artur Bernardes transformou-a em presidio para os revolucionários politicos, enviando para lá, entre outros, os atuais brigadeiro Eduardo Gomes, general Juarez Távora ou o falecido almirante Ari Parreiras. Um espirito irrequieto, num misto de aventura e bandeirantismo moderno, o sr. João Alberto, neste particular já conhecido pela sua iniciativa de exploração do Brasil Central, resolveu, porém, quebrar o isolamento em que vivia a famosa ilha das lendas e do degredo.

A expedição cientifica por êle organizada coroou-se de plenos resultados. Técnicos e cientistas do Museu Nacional, Instituto Oceanográfico Paulista, Manguinhos, Conselho Nacional de Geografia, Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha, Divisão de Caça e Pesca e do Departamento da Produção Mineral do Ministério da Agricultura, pescadores diletantes do Clube dos Marimbás, topógrafos e jornalistas, capitaneados pelo eng. Paulo de Assis Ribeiro desembarcaram na ilha, devidamente aparelhados para vasculhá-la em todos os sentidos. E assim foi feito. Logo após o desembarque dos contra-torpedeiros "Baependi" e "Beberibe", em que viajamos, o pessoal pôs-se em campo.

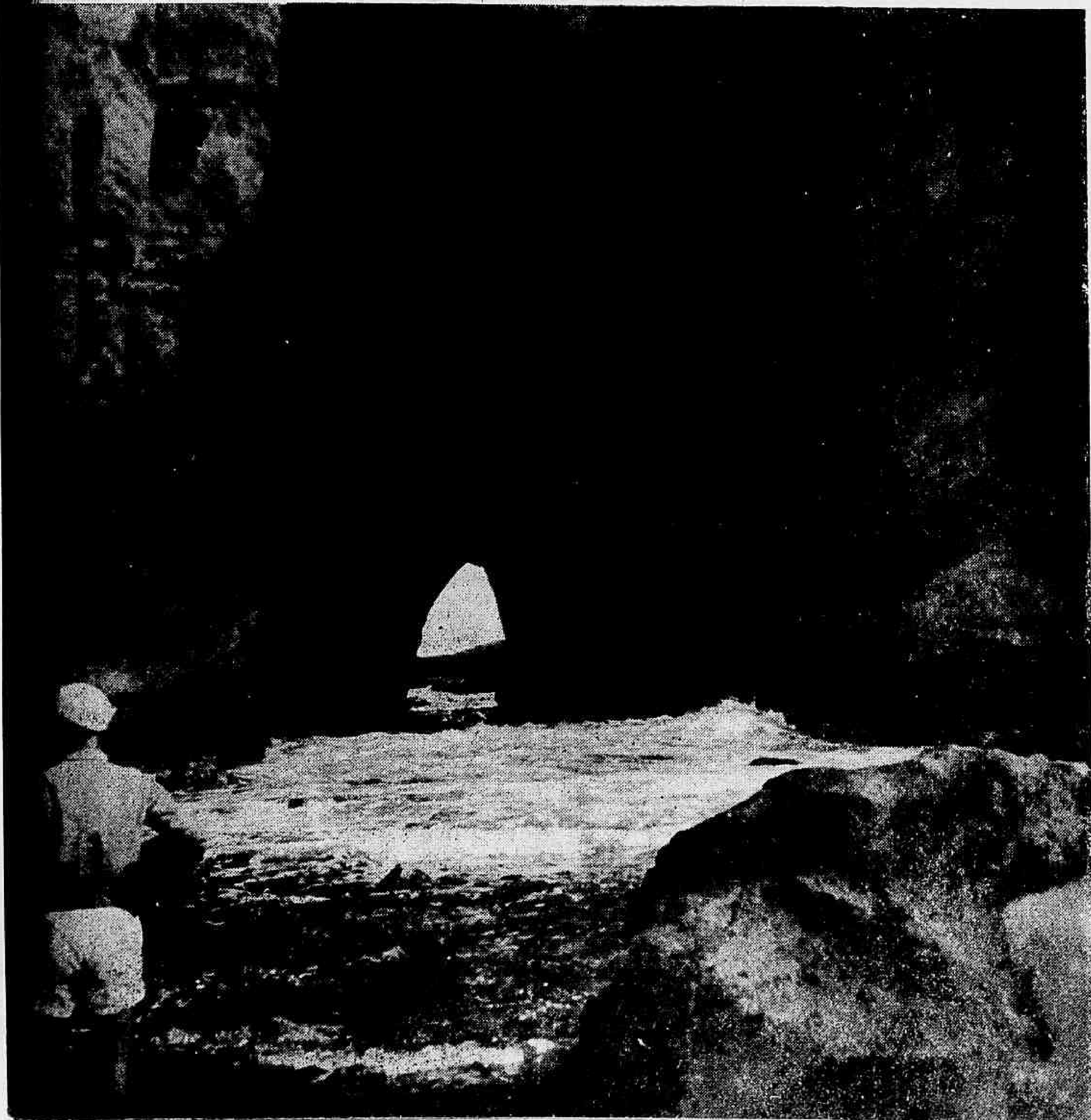
★

A primeira impressão de quem desce em Trindade, porém, é de desolação. Pedra, pedra, pedra por todos os lados, da beira das praias aos pontos mais elevados. De vegetação, só uma graminha em algumas encostas de morros e uma "floresta" de capim rasteiro, três ou quatro tipos de árvores semi-raquiticas e fetos arborescentes. Êstes constituem as árvores mais impressionantes da ilha, parecendo guarda-chuvas de dez metros de altura. Disseram-nos os naturalistas que só existem outros iguais na África setentrional. Ainda nos navios, procurando o melhor ponto para desembarcar, demos uma volta vagarosa em tôrno de Trindade. Observamos então que essa "floresta" cobre a metade da ilha, a sua parte sul, de acesso muito mais difícil. Talvez seja justamente por isso que apresente vegetação, pois os antigos habitantes da ilha, embora transitórios na sua morada, parece que queimaram a outra parte para fazer pequenas plantações. Trindade tem uma área reduzida, menor que a de Paquetá: cêrca de seis quilômetros de comprimento por dois e meio de largura. Algo de surpreendente, no entanto, despertou a atenção de quantos desembarcaram ali — os rebanhos de carneiros e cabritos e porcos que povoam a ilha e que fugiam apressadamente à nossa aproximação, exceto alguns dêstes últimos, que tendo voltado ao estado selvagem, diversas vêzes atacaram os membros da expedição, havendo necessidade de serem mortos a tiros.

A qualquer momento que se olhasse para o céu, via-se também o exército alado da ilha, constituido de granizas cinzentas e três ou quatro espécies de aves marinhas, umas brancas de uma beleza resplandecente. Na orla maritima, em volta de tôda a ilha, sôbre as pedras e barrancos, milhares de caranguejos — "guaiamuns" e "aratus", prin-



AS ONDAS DO MAR tanto bateram nesse penedo que formaram um viaduto na rocha, por onde o mar penetra qual uma cascata. Não muito longe dêsse local, há também um túnel, que se vê abaixo, também nascido da violência do mar





UM PARAÍSO para os peixes, é, indiscutivelmente, o litoral da ilha. Sem exagero, ali se pode matá-los a pauladas.



BADEJO, um prato delicioso. Êstes dois melhoraram, em muito, o «rancho» da expedição. O maior pesava 25 quilos



O COZINHEIRO da expedição foi o sargento Wagner, torpedeiro do «Beberibe», o homem dos sete instrumentos!



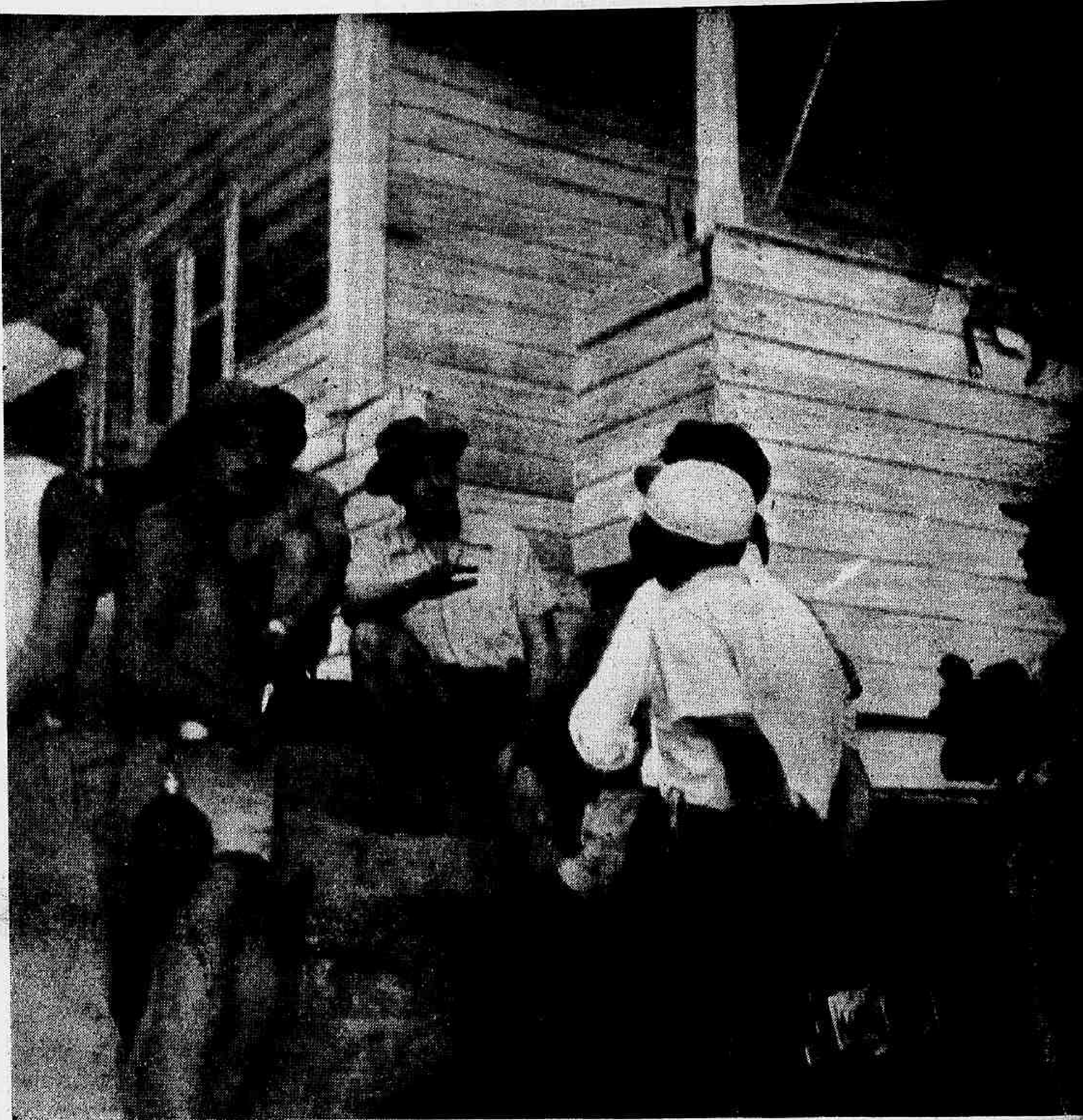
TARTARUGAS como esta são lá encontradas aos milhares. E' só dar uma volta, durante a noite, por uma das praias



PASSEIO ORIGINAL. O repórter da REVISTA DA SEMANA dando «uma voltinha de tartaruga» pela ilha...



«TANQUE DO MAR» — chamam às tartarugas De barriga para cima, apesar de tôda a sua fôrça, ficam vencidas



JOÃO ALBERTO diz aos jornalistas «Isso aqui também é Brasil. Precisa ser povoado. Transformaremos essa ilha!» O «JORNAL DA ILHA», criação dos jornalistas da expedição, era um lugar muito procurado. Lá sempre havia café...



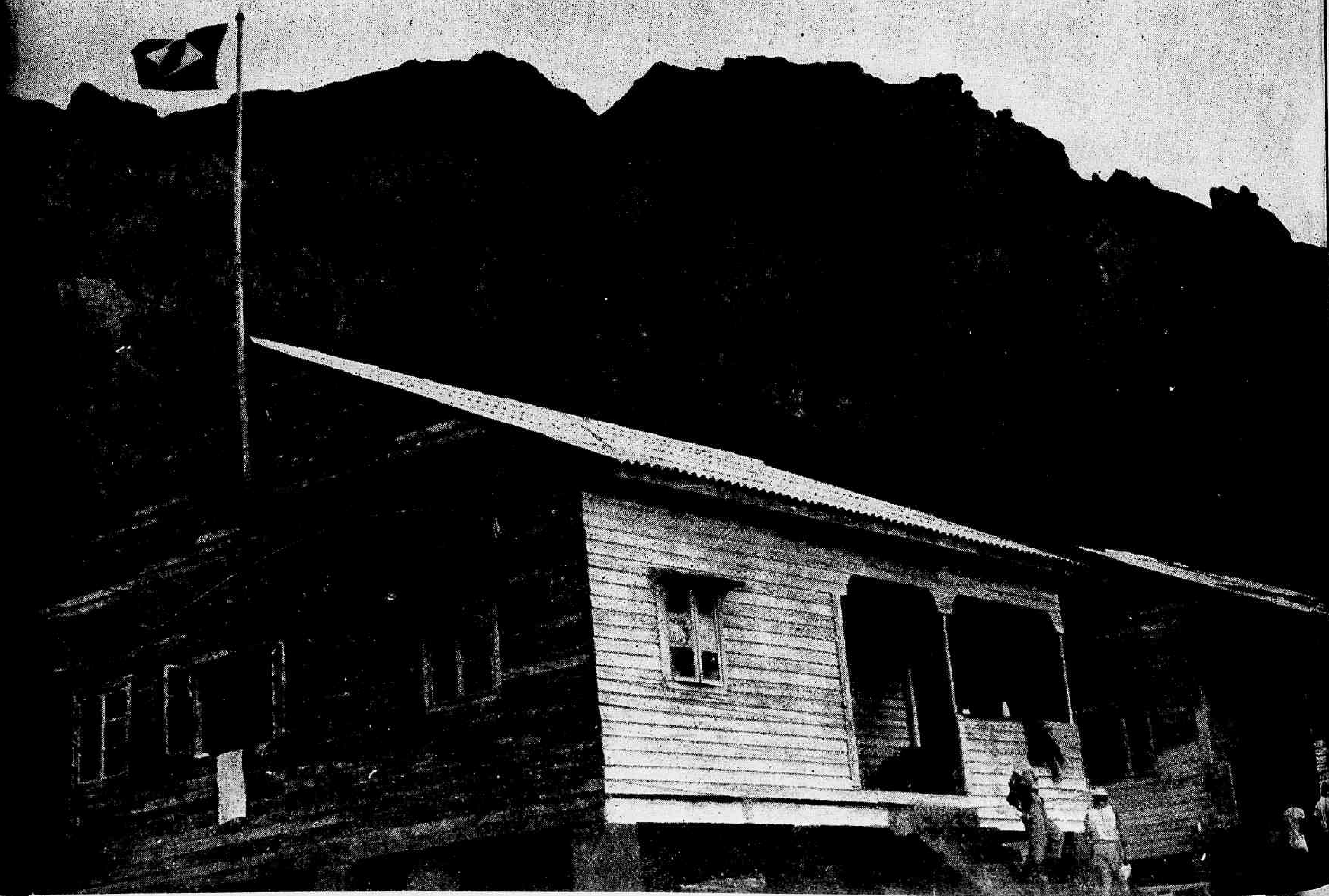




A ÁGUA DA ILHA é boa. Três dos seus córregos, perenes, serão canalizados para servir aos futuros habitantes

cipalmente êstes últimos, que em Trindade existem às pencas. De raro em raro se notava a presença de uma borboleta ou libélulas de asas compridas, umas azuis muitos bonitas. Um dos aspectos que mais impressiona o visitante, porém, são os ninhos de tartaruga, que transformam as pequenas mas lindas praias de Trindade numa imensidão de buracos, dando-lhes a forma de pequenos desertos entrecortados de dunas de areia. Tartarugas por ali existem aos milhares, gigantescas, verdadeiros "tanks" do mar, com sua couraça inquebrantável, a defesa dos pacatos anfíbios contra a voracidade dos grandes peixes. Tendo que procurar a terra para desovar, à noite, elas se transformam em prêsa fácil para os homens: basta virá-las de barriga para cima. As pobrezinhas ficam completamente indefesas. Para isso, no entanto, é preciso que se tenha muita fôrça, pois, crescidas, as tartarugas pesam 200, 300 ou mais quilos, conforme algumas que pegamos, e elas também procuram se defender vibrando verdadeiras bofetadas com suas fortes nadadeiras nos que a procuram capturar. Sem ter dentes, no entanto, ai daquele que se deixar mordar! — a arcada óssea

OS NATURALISTAS encontraram um bom campo de trabalho em Trindade. Longe do continente, com origem vulcânica e escassa vegetação, não podia deixar, contudo, de possuir uma fauna interessante. Atrás dos insetos e exemplares da flora trindadense, êles percorreram quase tôdas as suas montanhas. Em baixo, o pavilhão brasileiro dominando a ilha





CABRITOS AOS MILHARES, carneiros e porcos, povoam a ilha. Ali introduzidos pelos antigos habitantes se adaptaram muito bem. O porco chega a ser uma praga, pois está devastando os caranguejos e as tartarugas. Os cabritos vivem até sôbre as pedras. Em baixo, o eng. Pedro Grande, do Conselho Nacional de Geografia, e um outro expedicionários

que substitui a dentadura das tartarugas esmigalha com extrema facilidade os peixes pequenos... e assim faria com a mão de quem pegasse.

★

Os animais de Trindade, embora poucos, apresentam muitos aspectos interessantes. Os porcos constituem a praga da ilha, pois estão dando cabo das tartarugas, cujos ovos e filhos devoram ainda quando enterrados na praia, fuçando a areia, e também dos caranguejos, que outrora lá existiam tanto que chegavam a invadir os barracões dos temporários habitantes da ilha e atormentavam o sono dos presidiários militares para lá recambiados, ou outras expedições feitas à ilha pela nossa Marinha de Guerra. Caranguejos, ainda em 1916, lá eram encontrados até nos cumes mais altos da ilha, inclusive a 600 metros de altura. Os portuguêses, que durante o Brasil colonial guarneceram a ilha, comumente se queixavam da impertinência dêsses bichos. E, lá, pelo menos, pelo que vimos, são canibais, devoram-se uns aos outros. Como, de começo, estranhássemos ver caranquejos carregando outros,

(Cont. na pág. 50)

NATUREZA E CIÊNCIA combinados neste flagrante. O dr. Geth Jansen, examinando as vísceras de um animal





OUTRO CAMINHO

ATÉ ali tínhamos sido muito felizes. Não daquela felicidade fictícia que tôda moça espera em seus sonhos de adolescência. Mas de uma ventura sólida, real, feita de pequenas coisas, nascida até dos próprios contratempos.

Anselmo era um marido acomodado, bom chefe de família, sem grandes reservas de carinho, é verdade, mas compreensivo e tranqüilo como uma criatura segura de si mesma que já tivesse realizado tôdas as coisas que planejara na vida. Por êle, por sua influência, eu firmara o meu conceito sôbre a humanidade, sôbre a vida, por êle eu adquirira um sentido, impregnada da sua fôrça moral que eu julgava inabalável. Até que tôdas aquelas coisas aconteceram, e eu me vi, sùbitamente diante de outro caminho.

★

Antes eu não tivesse consentido na vinda daquele seu primo. Se bem que fôsse mais moço do que Anselmo, era de uma agudeza de espírito, possuía tal facilidade de expressão que se impunha fortemente a nós, contagiando-nos a todos com suas idéias novas. A princípio cheguei a pensar que a influência de Roberto se exercesse apenas sôbre mim, que a minha formação moral não se tivesse processado da mesma forma sólida que a de Anselmo. Que não me tinha sabido livrar da influência de uma adolescência impressionável e fantasista, a ponto de permitir a entrada fácil de pensamentos insubmissos. Fiz as piores suposições sôbre mim mesma, sentindo-me descer em meu próprio conceito. Mal sabia eu, quanta fôrça de caráter estava revelando na minha luta silenciosa e desesperada contra a entrega completa àquelas idéias perigosas...

Mas, antes de mais nada, há uma porção de coisas que preciso esclarecer.

Roberto chegou aqui numa tarde de novembro, tarde ameaçadora e carrancuda, e foi também, desde o primeiro instante, uma grave ameaça para a nossa estabilidade conjugal. Nunca pude esquecer a maneira como se dirigiu a mim, o modo como me olhou, o sorriso avaliador que me constrangeu, e as suas palavras, sem preâmbulos:

— Salve, Anselmo! Que maravilha! Onde foi você encontrar êsses olhos assim inteligentes?

Anselmo apenas tentou imitar-lhe o sorriso, preocupado como estava em continuar a viver a sua vida imperturbável. Lançou tôda a responsabilidade sôbre os meus ombros:

— Ema, trate de pôr o nosso primo à vontade. Mostre-lhe a Fazenda. Eu vou saber da Gasguita...

Apanhou o chapelão e, com um gesto ligeiro de mão a Roberto, saiu para a mangueira. Expliquei um pouco constrangida:

— Gasguita é a vaca malhada. Anselmo está preocupado com a nova cria que deve vir a todo momento...

Roberto riu-se insinuante, os bons dentes à mostra:

— Ora viva! Anselmo tem graça! A preocupar-se com um bezerro como se fôsse seu próprio filho!...

Até ali eu nunca vira nada de estranho nos interêsses rurais de meu marido. Agora escutava surpreendida as palavras de seu primo.

— Ora, veja, com u'a mulher bonita em casa, a vida tão cheia de problemas, outra guerra mundial às portas... Anselmo se preocupa com um novilho...

Tratei de defender meu marido como eu julgava que devesse fazê-lo:

— Há sempre um encadeamento natural em tôdas as coisas da vida, Roberto. Um novilho também faz parte dessa cadeia, merecendo cuidado e atenção pelo papel que chegará a tomar nesse todo universal.

Os olhos de Roberto em mim:

— Você não é uma pequena vazia!... Tem conteúdo e sabe como expressar os seus conceitos... Sinto que vamos nos entender muito bem, Eminha... Muito bem, mesmo...

Não atingi logo o verdadeiro alcance das suas palavras. Julguei-o inteligente e vivo, a princípio. Com o correr dos dias foi que comecei a ter a impressão de que estava empregando negativamente as próprias qualidades.

Sua vida na Fazenda, era a mais intensa possível. Roberto estava sempre em movimento, em constante ebulição, como se tivesse dentro de si uma reserva inexgotável de energia. Assistia a tudo, desde o trabalho do peão caseiro, até a rodinha do mate no galpão do fogo. Participava das cavalgadas com Anselmo e com os empregados para o campo, em busca do gado, e até mesmo dos rodeios, chegando a domar potro bravio. Causava impressão vê-lo voltando à tardinha, a camisa esporte aberta no peito amplo, o sorriso malicioso, e depois escutá-lo assobiar suas modinhas sapecas, alegre, debaixo do chuveiro frio, atrás do barracão da luz. Sentia-se que passara um dia estafante entre a peonada, perscrutando detalhes como se quisesse abarcar tudo sôbre a vida do campo, sôbre gado e criação. Só à noite é que aparecia com um ar mais repousado, vestido corretamente, pérola na gravata e perfumado como um lorde. Parece que, passado o bulício, o movimento físico, seu espírito entrava a trabalhar afoitamente. Dava sempre a impressão de, em vista do seu temperamento inquieto e ardente, nas horas de sossêgo, transferir para o espírito todo aquêle delírio de movimento.

Às vêzes tínhamos visitas, velhos conhecidos de Anselmo, das Fazendas vizinhas ou mesmo da vila próxima. Era então que Roberto se esmerava; sua eloqüência era magistral, dava tudo de si, sabia como lançar as premissas e dirigir o pensamento dos circunstantes. Trazia todos presos à sua verbosidade, unindo talento e erudição à simpatia pessoal. Tanto assim que os convites começaram a chover por todos os lados, e em breve êle se tornava a figura mais popular da região, recebendo da peonada o título de "Dr. Roberto".

Lembro-me especialmente daquela festa que o velho fazendeiro Cel. Batista, meio maturrango e metido a letrado, teve a gentileza de organizar em homenagem ao talento de Roberto. Lembro-me de tudo, coisa por coisa daquele dia, porque foi a primeira vez que minha vida começou a desviar seu rumo. Acabado o almoço, o apetitoso churrasco regado de bom *chopp*, e, já iniciadas as danças ao som da pequena orquestra de gaitas, Roberto foi à minha procura perto do açude e pediu meio baixo:

— Deixe-me ficar um pouco perto de você, Eminha. Já estou farto de tôda esta gente medíocre e cansativa...

Encarei-o decidida, desgostosa com a sua franqueza:

— Se não gosta, porque lhes aceita as homenagens?

Deu de ombros, e entre meio sorriso:

— Ora, é preciso manter o prestígio. Não vê que já me deram até um título gratuito?

(Cont. na pág. 44)



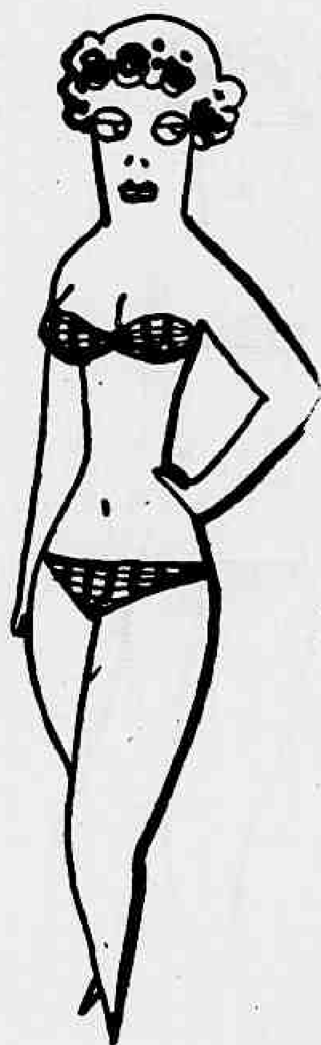
NOVELA DE
LOIVA LEIRIA BORBA

Nicodemus SEM DORMIR NÊLES, CONTA DETERMINADOS

PONTOS...



PONTO INICIAL



PONTO DE BALA



PONTO DE APÔIO

PONTO DE INTERROGAÇÃO





PONTO DE CRUZ, CRÉDO!





PONTO MÔRTO, MAS

TEI-MO-O-SO!...

PONTO FALSO

A LEUCOTOMIA
TRANSFORMA OS INDIVÍDUOS

O BISTURI NO CEREBRO PODE CURAR A LOUCURA — SUPRESSÃO DA DOR — O HOMEM PASSARA' A SER UM AUTÔMATO

O mundo inteiro ficou surpreendido, há pouco tempo, ao saber que uma operação-relâmpago, simples e sem deixar vestígios, pode mudar a personalidade de uma pessoa, por mais enérgica que seja, em uma outra sem a menor vontade individual, tornando-a verdadeiro autômato.

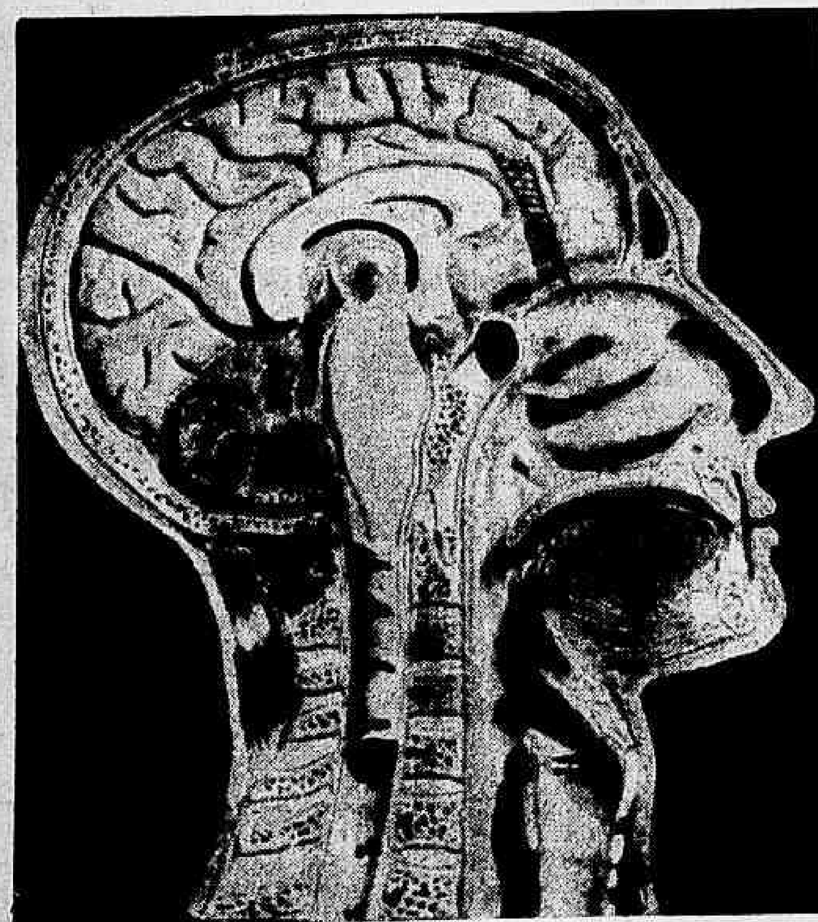
Quem o afirma é um antigo jornalista inglês, Mr. Maynard Greville, conforme suas declarações contidas numa carta dirigida a um confrade britânico. Analisando o processo de como uma tal intervenção pode anular tôda a faculdade de consciência própria e sã, todo senso de responsabilidade pessoal, na pessoa daqueles que à mesma se submetem, vê o sr. Greville, em tal operação, uma explicação acêrca do comportamento singular dos homens políticos trazidos recentemente a tribunais.

Assim, conforme pensa o citado jornalista inglês, logo que tais pessoas sofrem a intervenção cerebral, perdem imediatamente a sua personalidade, ficando completamente transformadas em verdadeiros autômatos, capazes de viver, aparentemente, em estado normal, mas incapazes de reagir sob qualquer sugestão perigosa...

Aí está uma sugestão realmente grave e evidentemente plausível, dizem os entendidos.

Um psiquiatra francês que acaba de regressar dos Estados Unidos aonde fôra, precisamente, para estudar a técnica dêsse gênero de operação, mui recente, e que tomou o nome de "leucotomia transorbitária", confirmou a hipótese do jornalista inglês, dizendo as seguintes palavras durante uma entrevista:

— Não é trair nenhum segrêdo o dizer-se que a suspeita que levanta o jornalista Greville já tem sido objeto de cogitações entre alguns dos cirurgiões dados a estudos de psicologia. Nenhuma dúvida existe no poder que tem essa operação para transformar a personalidade daquele que a ela se submete. E a aplicação de tal processo em alguns tipos de julgamento político, nada tem de inverossímil. Pode-se mesmo dizer que essa explicação é uma das mais verdadeiras dentre as tantas imaginadas, para explicar as surpreendentes atitudes dos acusados.



CORTE TRANSVERSAL da cabeça, mostrando o instrumento penetrando no cérebro, girando à direita e à esquerda, seccionа a substância cervical.

Em que consiste, então, essa extraordinária operação?

Segundo revela um médico que já a empregou, explicou suas várias modalidades, tôdas surpreendentes. Falando da denominada "express intervention", que é, talvez, a mais rápida de tôdas as intervenções de cirurgia nervosa, disse êle que a leucotomia transorbitária dura apenas dois minutos. Pode ser feita em qualquer lugar, mesmo em qualquer apartamento, sem nenhum aparato nem outras precauções exigidas para intervenções cirúrgicas em geral. Além disso poderá ser realizada, sem nenhum inconveniente, com qualquer pedaço de metal e um velho martelo!

Consiste ùnicamente, com efeito, na penetração (uns sete centímetros) no lobo prefrontal, isto é, na parte do cérebro que se acha por detrás da fronte, de um instrumento ponteagudo a que os norte-americanos chamam de "ice-peak" e que se assemelha, sem dúvida, a um dêsses ferrinhos destinados a cortar vidro, com ponta afiadíssima.

Enterra-se êsse "pic" por sôbre os olhos, com o paciente adormecido por um eletrochoque, com a pálpebra erguida. Bastam apenas três golpes de martelo. Em seguida é necessário girar o instrumento a fim de seccionar certas fibras cervicais.

E' tudo. Três horas mais tarde pode o operado levantar-se e andar. O único vestígio ou traço visível deixado pela operação é um ôlho contundido, o que subsistirá por alguns dias.

Um psiquiatra já declarou que, tendo autòpsiado nos Estados Unidos corpos que, antes, haviam sido "leucotomizados", não achara, por ocasião do exame cadavérico, nenhum traço da intervenção de que nos ocupamos.

Como o ôlho é um meio asséptico, não há necessidade alguma de tomar-se precaução operatória nos moldes clássicos. Tudo se articula então para fazer da leucotomia transorbitária, rápida, sem traços e realizável não importa onde, a intervenção clássica para o que deseja aproveitar-se da ciência da cirurgia moderna para apurar o que ocorre com a mentalidade do homem.

Se a leucotomia deixa, em certa medida, intacta a inteligência, transforma, consideràvelmente a personalidade do operado. Para compreendermos um pouco êsse "porque", aventuremos uma incursão sumária no delicado domínio do mecanismo cerebral.

Como se pode ver, a operação tem por fim cortar na substância dos lobos frontais, de forma a isolar certa parte do resto do cérebro. Isso determina uma transformação geral do organismo. Podemos fazer uma suposição como exemplo.

Admitamos que um cidadão encontre na rua uma jovem de grande beleza. Imediatamente um reflexo vai surgir, graças ao seu cérebro, na parte situada na base e que os fisiologistas chamam de "thalamus".

Esse reflexo lança para a parte "executiva" a ordem de segurar a mulher para que o homem satisfaça junto a ela os seus desejos



instintivos. Mas, antes que essa ordem chegue ao campo "executivo", é ela filtrada por uma outra parte do cérebro onde está situada a razão, de onde resulta a reflexão acêrca das consequências que advirtam de um tal ato numa sociedade civilizada e das múltiplas inconveniências que disso poderiam resultar.

Em seguida, numa outra parte do cérebro a que os senhores psicanalistas chamam de "super ego", precisamente situada nos lobos frontais, e onde o ato proposto é analisado, é o desejo daquele impulso primitivo colocado em ângulo mais elevado e submetido à moral, pode-se dizer.

Podemos então considerar que os lobos frontais são os encarregados da consciência, da ideação, da visão coerente do futuro. Em uma palavra: de tudo o que torna o homem um ser superior, que o faz agir, não sòmente em função de sua inteligência, mas ainda tendo-se em conta certos imperativos de ordem **moral**.

Essa explicação, um pouco abstrata, talvez, longa e ao mesmo tempo algo falsa em virtude de ainda estar o complexo funcionamento do cérebro incompletamente estudado, ajuda, entretanto, a compreender o resultado da rutura das delicadas conexões que unem a substância frontal às demais partes do cérebro.

O homem, assim leucotomizado, perde todo o seu senso crítico. Continua a agir, mas sem paixão, sem desejo, sem iniciativa, como se para êle todo o "sal da vida" houvesse desaparecido. Suas elevadas preocupações, os objetivos de sua vida a que tanto aspirava, tudo isso perde importância diante de seus olhos.

Um homem nesse estado sabe raciocinar, sabe ser lúcido, mas é como se uma ligação, uma corda, uma articulação se houvesse rompido dentro de si mesmo. Desapareceu, segundo dizem os psiquiatras, o **fator afetivo**. Daí por diante, muita coisa que interessava o paciente, nada mais significa diante de seus olhos. Perdeu para sempre a faculdade de ser ansioso, de ser obsedado. Numa palavra, não passará de um autômato... inteligente.

Mas, por incrível que pareça, êsse processo



DIVERSAS IDEAÇÕES gráficas e ilustrativas d
vídua primitivo até ao mais civilizado. Todo ês

também pode trazer resultados mar
na cura da loucura ou insânia m
mesmo instrumento está sendo us
curar os loucos.

A operação atingiu lugar de destac
do, recentemente, se realizaram as
da "Royal Society of Medicine" de
no campo da psico-cirurgia. Os m
pecialistas de cirurgia cerebral co
grandes progressos nos variados mét
ratórios que se foram pouco a pouc
çoando, depois que o português Eg
descobriu, em 1936, a lobotomia.

Começava-se, então, por interrom
bras do cérebro destruindo-as numa
tensão, pelo álcool. Depois se pre
furar o alto do crânio justamente
fronte, com um trepano circular, des
com um instrumento circular e co
mado "leucótome" um fragmento d
cia cervical podendo atingir 14 gra
se opera mais fàcilmente pelo ôlho
frontes. Tudo faz crer, porém, que
brevemente, a outros aperfeiçoame
técnica, pois a importância da ciru
craniana no domínio da psicologi
comêço apenas e o seu desenvolv
marcha para a perfeição.

Assim, para assegurar a cura a
retira-se-lhe do cérebro pequena
substância frontal. O desaparecime
a que chamamos "fator afetivo", c
efeito, muitas vêzes a considerá
ao estado de demência. Cita-se,
plo, o caso de uma mulher sujeita
alucinatórias e a uma ansiedade
vendo sempre diante de si figura
especialmente um homem vestido
A visão lhe ficou de tal forma f
ela se sentava à mesa com a p
nada e trocavam palavras ásper
férma emagreceu assustadoramen
tida à leucotomização, voltou-lhe
sorriu pela primeira vez depois
sofrimento, e quando lhe pergun
o tal "monsieur noir" (o homem
respondeu ela, indiferente: "Pod
minha mesa; não será êle quem
que eu me alimente".

4 Logo que tô-
das as fun-
ções do cérebro
registram e acei-

3 Anjo e supremo juiz, esta terceira personagem decide em última ins-
tância em função das regras abstratas
da consciência individual, do senso é-
tico e do livre arbítrio. Simboliza o que
os psiquiatras chamam "ideação supe-
rior". E' êle que faz do homem um ani-
mal único. Quando desaparece depois
de uma leucotomia, o mais perfeito pen-
sador nada mais é que um autômato

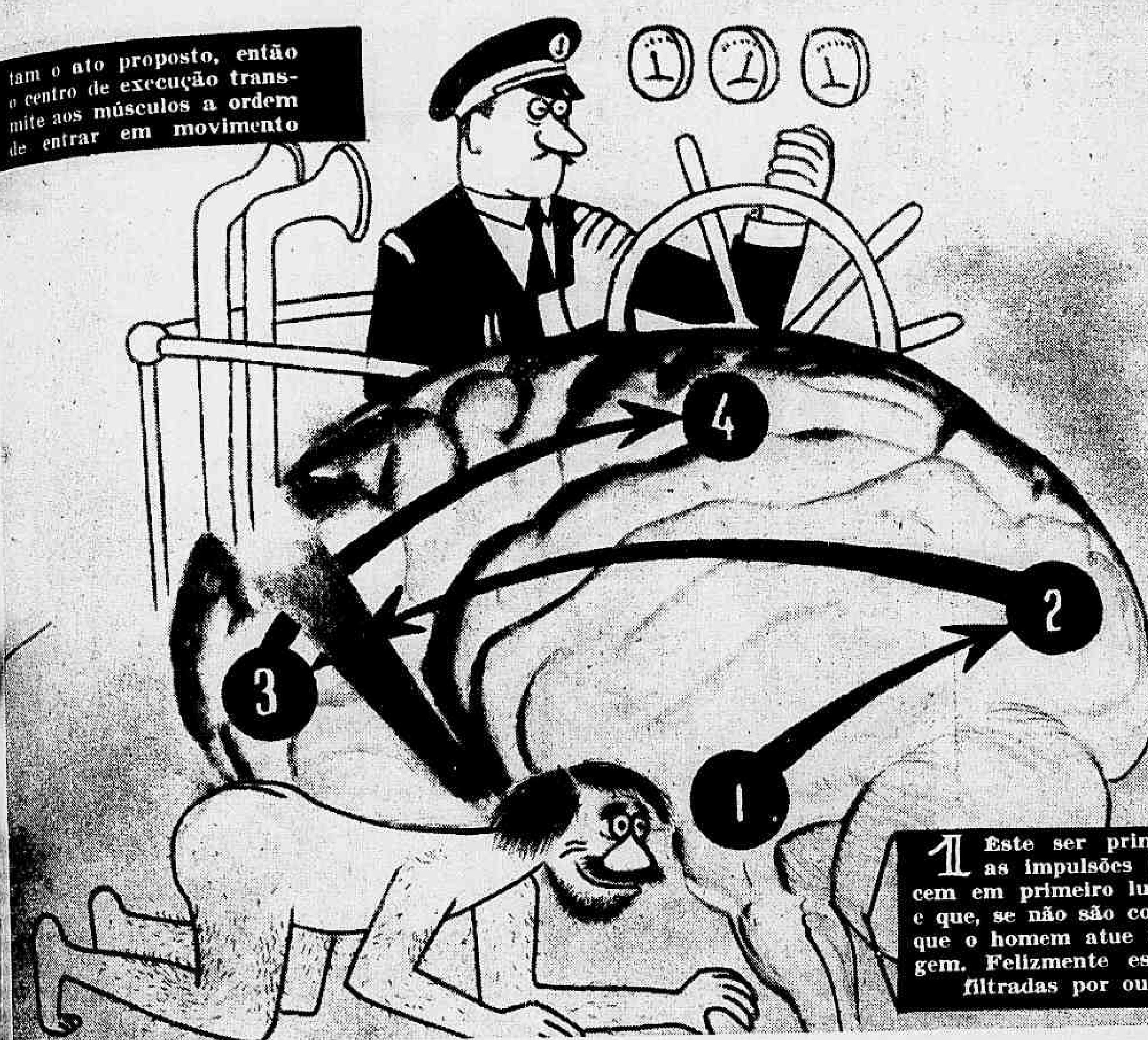
antes que essa ordem che-
executivo", é ela filtrada por
do cérebro onde está situada
resulta a reflexão acêrca das
ue advirtam de um tal ato
civilizada e das múltiplas
que disso poderiam resultar.
numa outra parte do cérebro
res psicanalistas chamam de
ecisamente situada nos lobos
o ato proposto é analisado,
ele impulso primitivo colocado
elevado e submetido à moral,

io considerar que os lobos
encarregados da consciência,
visão coerente do futuro. Em
e tudo o que torna o homem
, que o faz agir, não sòmente
sua inteligência, mas ainda
ta certos imperativos de ordem

ão, um pouco abstrata, talvez,
smo tempo algo falsa em vir-
star o complexo funcionamento
mpletamente estudado, ajuda,
ompreender o resultado da ru-
las conexões que unem a subs-
às demais partes do cérebro.
sim leucotomizado, perde todo
ico. Continua a agir, mas sem
esejo, sem iniciativa, como se
"sal da vida" houvesse desa-
s elevadas preocupações, os
a vida a que tanto aspirava,
e importância diante de seus

nesse estado sabe raciocinar,
, mas é como se uma ligação,
a articulação se houvesse rom-
e si mesmo. Desapareceu, se-
os psiquiatras, o **fator afetivo.**
e, muita coisa que interessava
da mais significa diante de seus
para sempre a faculdade de
e ser obsedado. Numa pala-
ará de um autômato . . . inte-

rivel que pareça, êsse processo



SUPRIMINDO-SE A "TERCEIRA FUNÇÃO", TRANSFORMA-SE O HOMEM NUM "ROBOT"

Pela leucotomia o cirurgião "mata" o terceiro "funcionário" do cérebro, ao seccionar, com um golpe de "pic", as ligações que o unem aos outros centros. Assim se curam os loucos, entre os quais o "funcionário" age de modo desordenado, criando a cada instante conflitos e dramas interiores. Suprimindo-se, volta a calma. Num homem são, o efeito é o mesmo. O instinto, a inteligência ficam intactos. Mas o senso crítico, o julgamento elevado, a faculdade de guiar-se pelas únicas leis da inteligência para julgar em função de um ideal abstrato, desapareceram. O homem vive, parece pensar normalmente, mas, de fato, já não é mais que um autômato.

1 Este ser primitivo simboliza as impulsões brutas que nascem em primeiro lugar no cérebro, e que, se não são controladas, farão que o homem atue como um selvagem. Felizmente essas ordens são filtradas por outros centros

2 Esta personagem raciocinante e sábia julga primeiro se o ato proposto está de acôrdo com a lógica, aos bons costumes e às regras da vida na sociedade. Do contrário êle a repele impiedosamente

DIVERSAS IDEAÇÕES gráficas e ilustrativas do que é o indivíduo normal, com todo o vigor físico de seus cérebro, centro diretor de nossos atos, impulsos e reflexões, desde o indivíduo primitivo até ao mais civilizado. Todo êsse regime de boa «navegabilidade» se verá transformado quando um cirurgião aplica o processo de «leucotomia». O paciente pode continuar perfeitamente são, mas, já não pode dizer é que tem o perfeito contrôle de si mesmo.

também pode trazer resultados maravilhosos na cura da loucura ou insânia mental. O mesmo instrumento está sendo usado para curar os loucos.

A operação atingiu lugar de destaque quando, recentemente, se realizaram as Jornadas da "Royal Society of Medicine" de Londres, no campo da psico-cirurgia. Os maiores especialistas de cirurgia cerebral conseguiram grandes progressos nos variados métodos operatórios que se foram pouco a pouco aperfeiçoando, depois que o português Egas Moniz descobriu, em 1936, a lobotomia.

Começava-se, então, por interromper as fibras do cérebro destruindo-as numa certa extensão, pelo álcool. Depois se preferia perfurar o alto do crânio justamente depois da fronte, com um trepano circular, destacando-se com um instrumento circular e cortante chamado "leucótome" um fragmento de substância cervical podendo atingir 14 gramas. Hoje se opera mais fàcilmente pelo ôlho ou pelas frontes. Tudo faz crer, porém, que se chegue, brevemente, a outros aperfeiçoamentos dessa técnica, pois a importância da cirurgia intracraniana no domínio da psicologia está no começo apenas e o seu desenvolvimento em marcha para a perfeição.

Assim, para assegurar a cura a um louco, retira-se-lhe do cérebro pequena porção de substância frontal. O desaparecimento daquilo a que chamamos "fator afetivo", conduz, com efeito, muitas vêzes a considerável melhora ao estado de demência. Cita-se, por exemplo, o caso de uma mulher sujeita a psicoses alucinatórias e a uma ansiedade incessante, vendo sempre diante de si figuras horríveis, especialmente um homem vestido de negro. A visão lhe ficou de tal forma familiar que ela se sentava à mesa com a pobre alucinada e trocavam palavras ásperas. A enfêrma emagreceu assustadoramente. Submetida à leucotomização, voltou-lhe o apetite, sorriu pela primeira vez depois de anos de sofrimento, e quando lhe perguntaram sôbre o tal "monsieur noir" (o homem de prêto), respondeu ela, indiferente: "Pode voltar à minha mesa; não será êle quem vai impedir que eu me alimente".





ÚLTIMOS RETOQUES do garboso toureiro que dentro de alguns instantes vai arrancar exclamações de entusiasmo e «olês» delirantes das «chicas», na arena, ao enfrentar o touro...



E O PICADOR, de sobreaviso à ordem do presidente da corrida, aguarda na trincheira o momento de montar o cavalo cego para ferir o touro e nele amortecer o entusiasmo...

TOURADAS EM MADRID

SANGUE E AREIA NA PLAZA MONUMENTAL

Seis touros mortos na "novillada" de San Isidro ★ Aplausos delirantes e vaias clamorosas ★ Mas o futebol reune maior número de aficionados na Espanha! ★ Devem as touradas voltar aos hábitos desportivos do Brasil? ★ Parece que não! ★ Quem é mais herói: o toureiro ou o touro? ★ Flagrantes curiosos ★ O "Gran Capitan de la toreria" e a orelha como prêmio

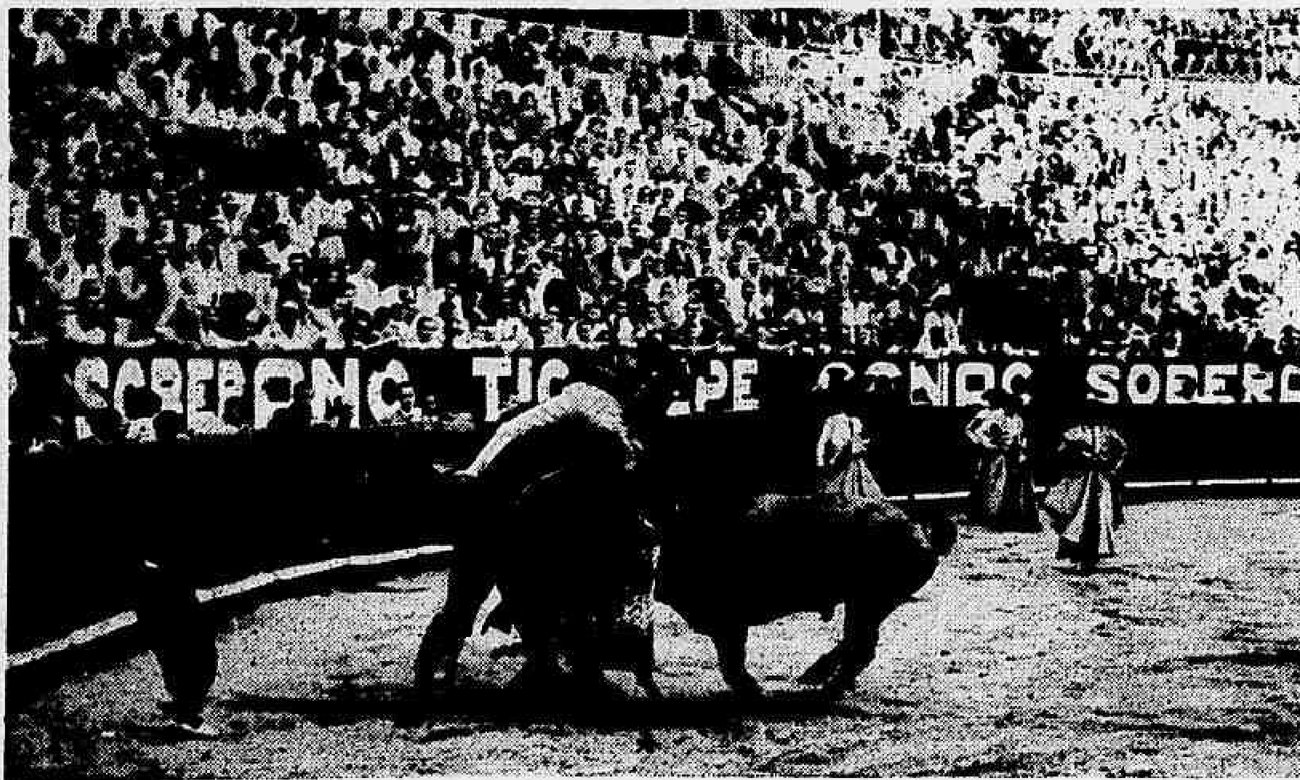
Reportagem de
CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

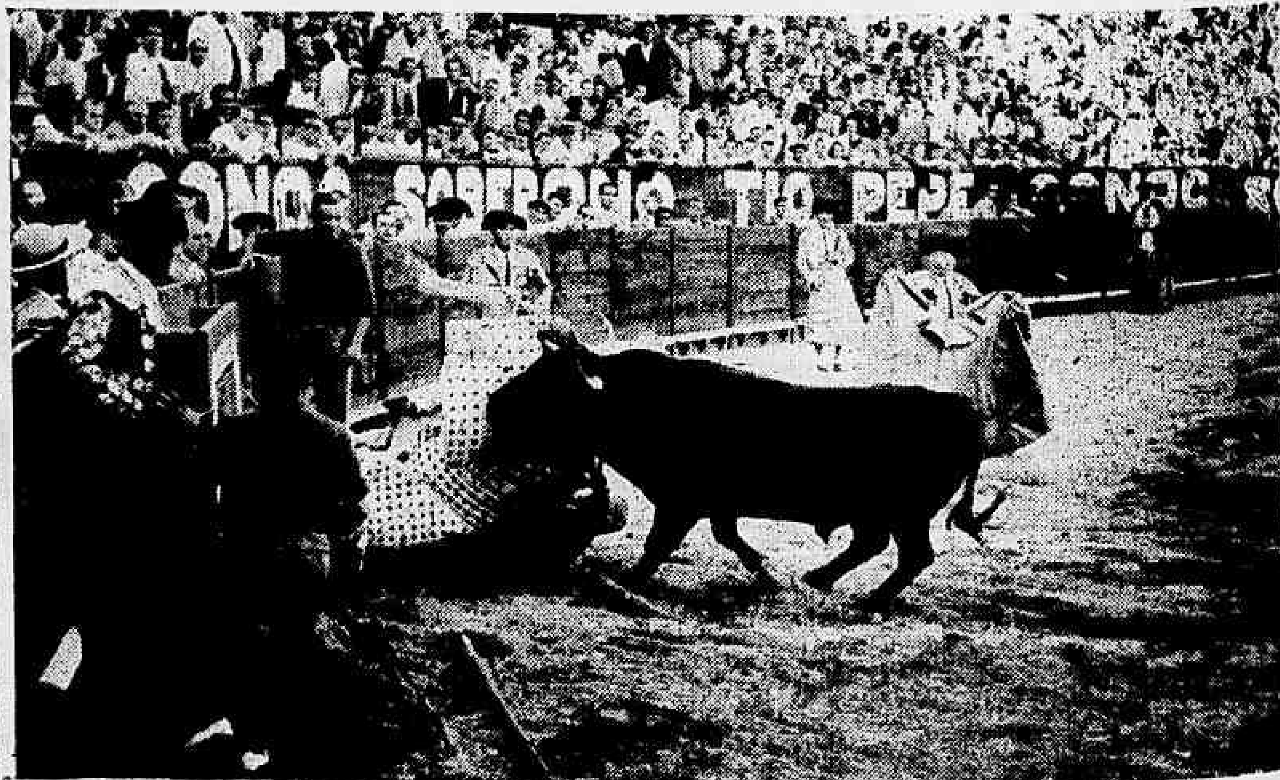
MADRID, maio (*Via Air-France*) — Anunciam os jornais para êste domingo uma "sensacional corrida de novilhos" na Plaza Monumental, que fica nos têrminos da Calle de Alcalá. Teremos hoje, portanto, a inauguração da temporada taurina, coincidindo com o advento das festividades religiosas de San Isidro, o que não surpreende a ninguém, pois as touradas na Espanha, como tudo mais, possuem um halo de misticismo, em que pese a modalidade sanguinária do esporte praticado. Promete-se uma série de atuações no mais belo estilo para tirar a vida a seis vigorosos touros fornecidos por doña Teresa Oliveira, "en general magníficos para la caballeria y los de a pie", segundo os entendidos. Desde a antevéspera andam as localidades por e m p e n h o; para conseguirmos uma "contrabarrera" em "tendido bajo", na sombra, devemos pagar oitenta e cinco pesetas, mais de cem cruzeiros, além da propina ao garôto do hotel que, lançando mão de seus conhecimentos secretos, nos consegue o papelucho com o qual nos será permitido tomar assento entre uma eufórica "señorita" de perfil de medalha e um adiposo cavalheiro, cada qual mais entusiasta e inveterado fumante para disfarçar, talvez, o nervosismo das emoções.

E vamos ter ao "local do crime", ou dos seis inocentes crimes que ali serão perpetrados nessa tarde. Ao leigo na matéria o que surpreende de início é a simplicidade, é a ausência de requintes aparatosos da praça de Alcalá. Trata-se, apenas, de um recinto apropriado à prática dessa modalidade desportiva, em cujos camarotes, balcões e arquibancadas podem acomodar-se pouco mais de vinte e duas mil pessoas, quando pensávamos encontrar uma praça de proporções três ou quatro vêzes maiores.

Será de fato a corrida de touros o divertimento favorito dos madrilenhos? — indagamos mentalmente. Mas não tarda que a resposta nos seja dada por um confrade espanhol. E pela negativa. De maneira alguma são as touradas o passatempo que maior número de aficionados consegue reunir, pelo menos neste luminoso primeiro domingo de maio. Enquanto na Plaza em que nos encontramos, não chegam a contar-se vinte e cinco mil pessoas — e a casa está repleta "hasta la bandera, incluso se agotaron las entradas en la reventa" — os estádios de futebol, que são vários, nesta mesma tarde abarrotaram com uma frequência superior a oitenta



MONTADO no seu pangaré o Picador asesta o primeiro golpe no dorso do touro, ferindo-o com a lança. O sangue reponta e a assistência vibra. Mais sangue. Lança no bicho... olé!



MAS O TOURO também investe contra o Picador e quem sofre é o cavalo de olhos vendados. Desta vez o cavaleiro sofreu maus momentos, mas os bandeirilhas vão em socorro!



MANUEL ALVAREZ, UM HERÓICO TOUREIRO ANDALUZ, IDOLO DAS MULTIDÕES, PRONTO PARA CORTAR A ORELHA DE ALGUNS TOUROS



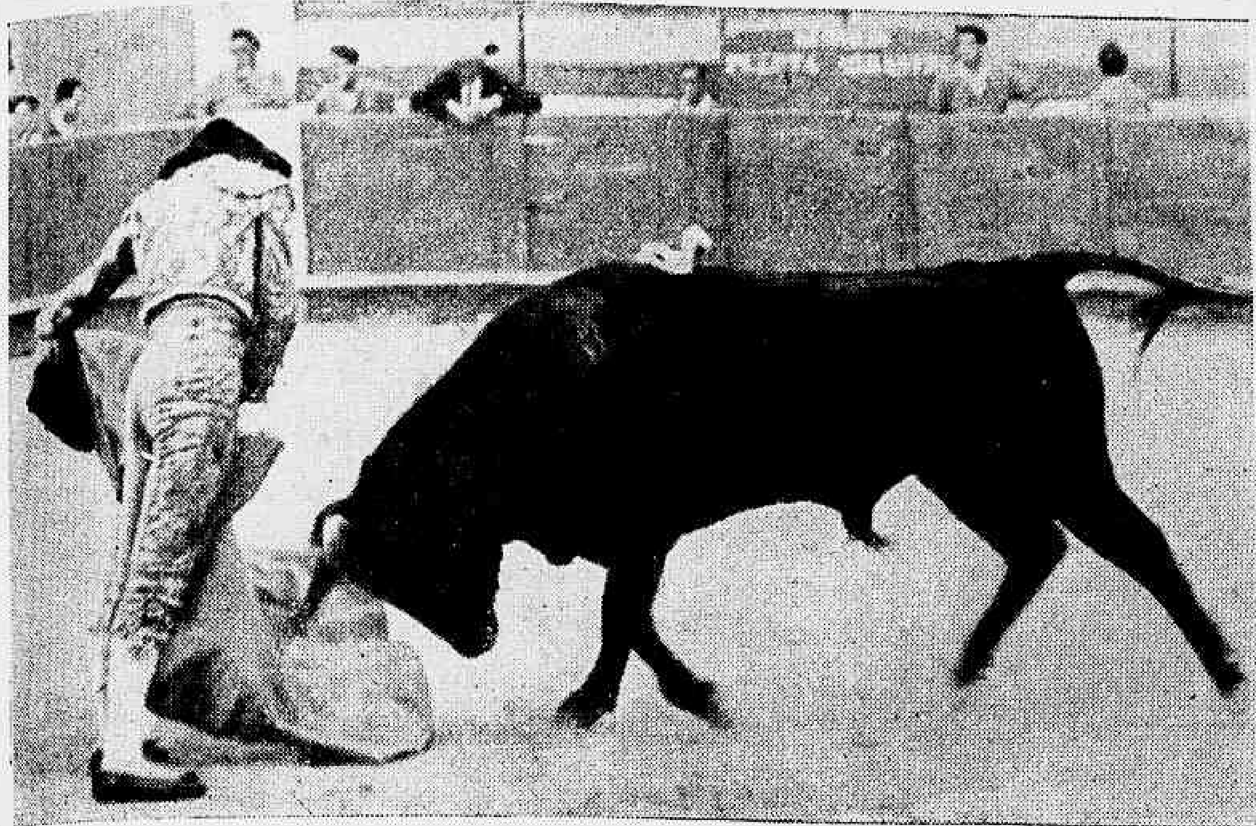
A REAÇÃO dêsse garoto madrilenho, que pela primeira vez assiste a uma tourada, é significativa. Enquanto os adultos sabem controlar-se, a criança não pode disfarçar a sua emoção. Desde que o animal é ferido, ela mantém-se irrequieta, sem saber onde colocar as mãos, e quando foi desfechado o golpe mortal, sua fisionomia deixa transparecer um sentimento de estupefação e surpresa ante o espetáculo.

ou noventa mil espectadores. Só um dêles, que reproduz, embora em dimensões um pouco menores, o Estádio Municipal a ser inaugurado pròximamente aí no Rio, abrange pelo menos sessenta mil "torcedores".

— São as touradas — diz-nos o jornalista local — preferidas pelo elemento feminino e pelos homens adultos. Também as preferem as "élites", talvez um pouco por esnobismo, muito certamente por tradição. Mas as multidões moças, notadamente a rapaziada, essas preferem o futebol. Com isso não se pode dizer que as corridas de touros estejam em decadência na Espanha. Mas as preferências dividem-se.

E observamos, no correr da "novillada", serem as mulheres as que mais se entusiasmam. O heroísmo, a bravura, o destemor dos toureiros, seus lances de arrôjo, causam manifestações delirantes de ambos os sexos, mas acentuadamente mais fortes do elemento feminino. Questão sexual, talvez, embora em proporções reduzidas — mas que realmente existe. Aos homens, o espetáculo interessa pelos lances técnicos — às mulheres, pelo espírito de renúncia dos jovens matadores. Aos primeiros, o que mais interessa





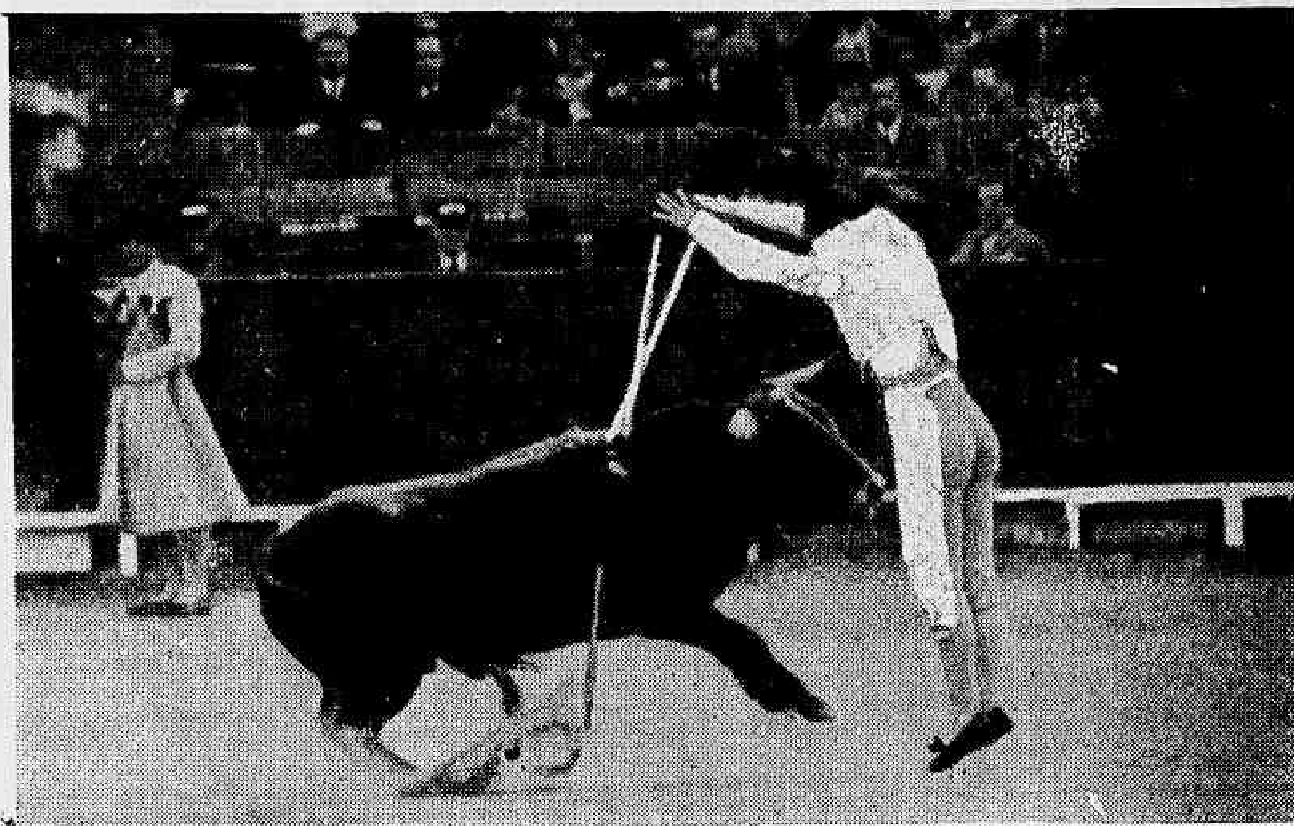
PRIMEIRO um «farol» para enraivecer o touro e arrancar, também, as primeiras palmas.



E DEPOIS os «passe de rodillas en el estribo», golpe muito do agrado das multidões...



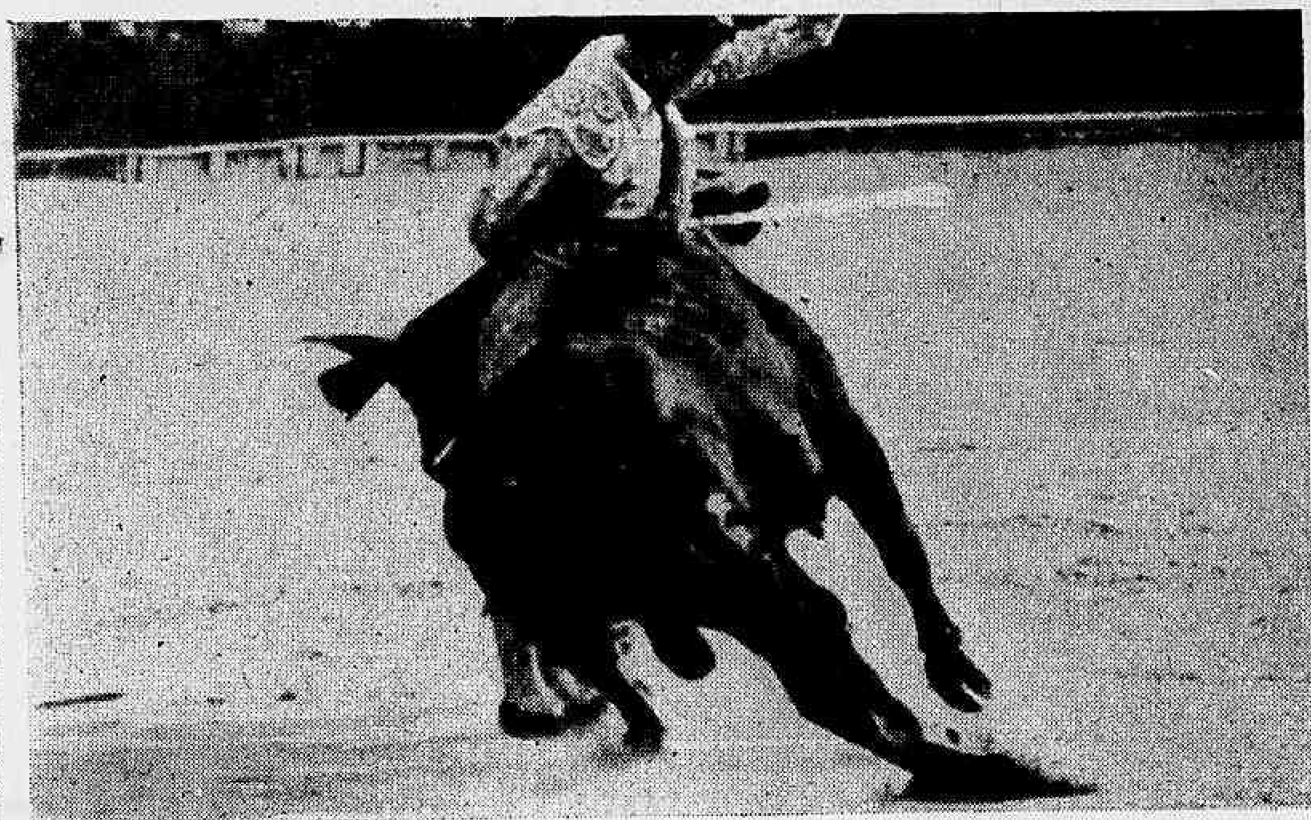
MAS QUANDO o picador dá uma nova investida, o touro procura ferir o ventre do cavalo



AS «BANDERILLAS» em ação. Um par, cravadas no dorso do animal, que se enraivece...



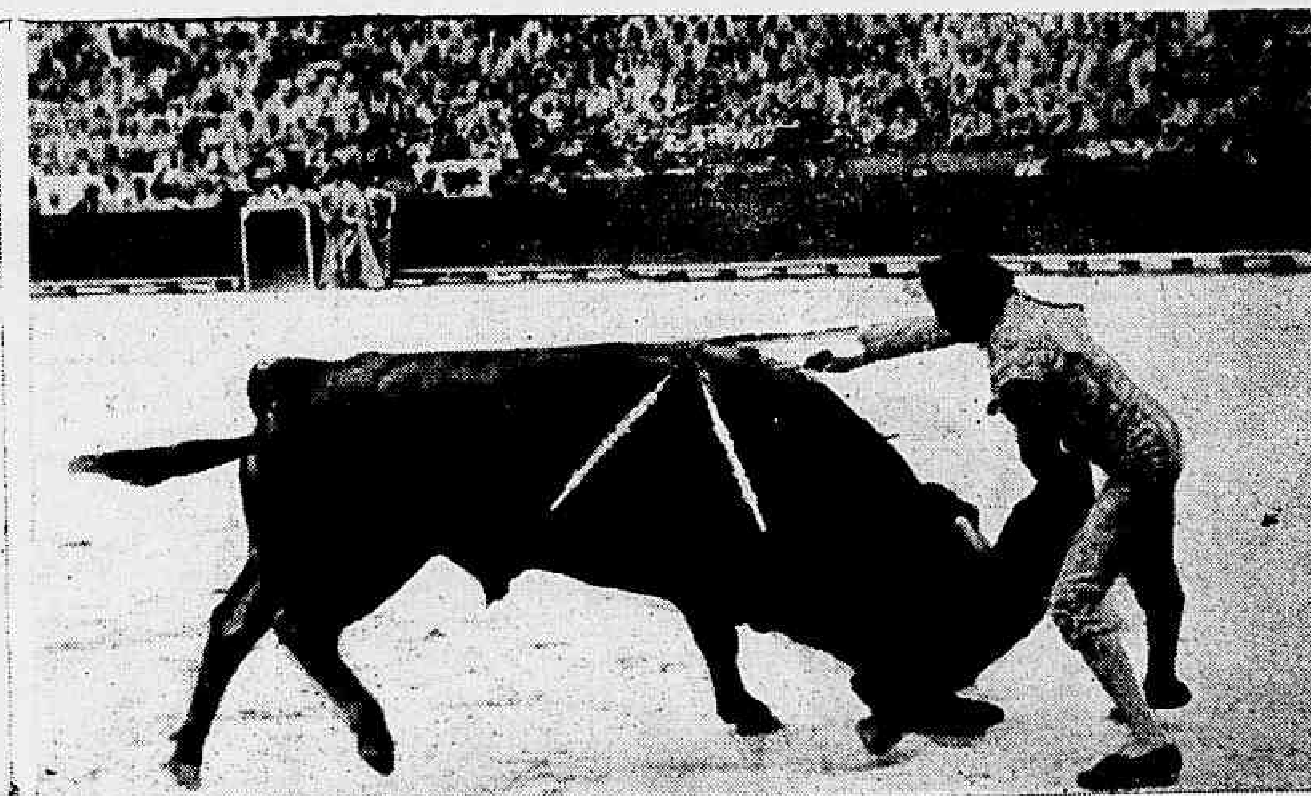
E NOVAMENTE de «rodillas», mostra o toureiro estar disposto a expor a sua vida...



MOMENTO perigoso. Touro e toureiro confundem-se e o povo delira. Mas êle sabe o que faz



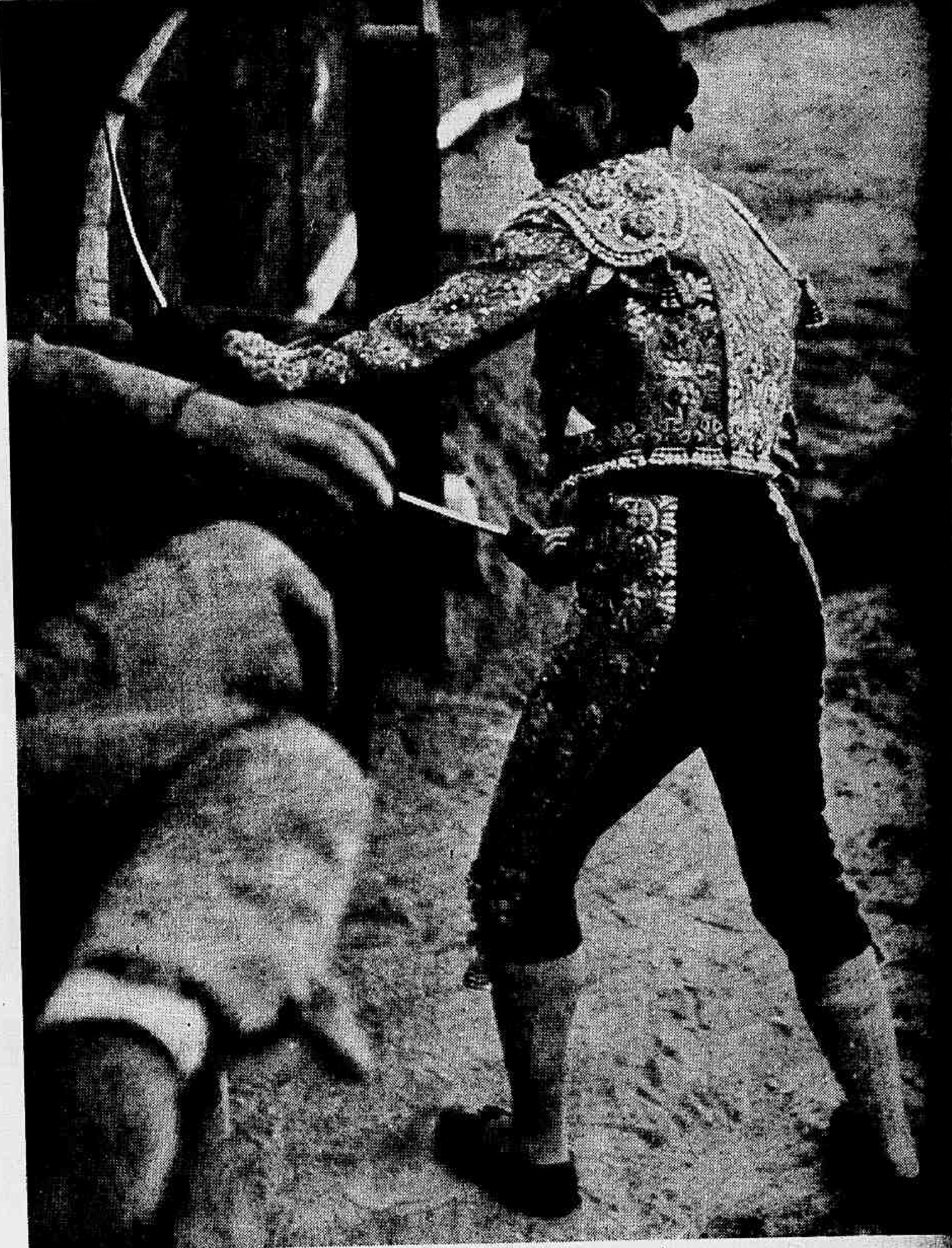
E O PANO VERMELHO enfurece o animal, em sucessivas investidas que nada adiantam...



ENFIM, a estocada que a multidão anseia! Enterra-se a espada no dorso do animal...



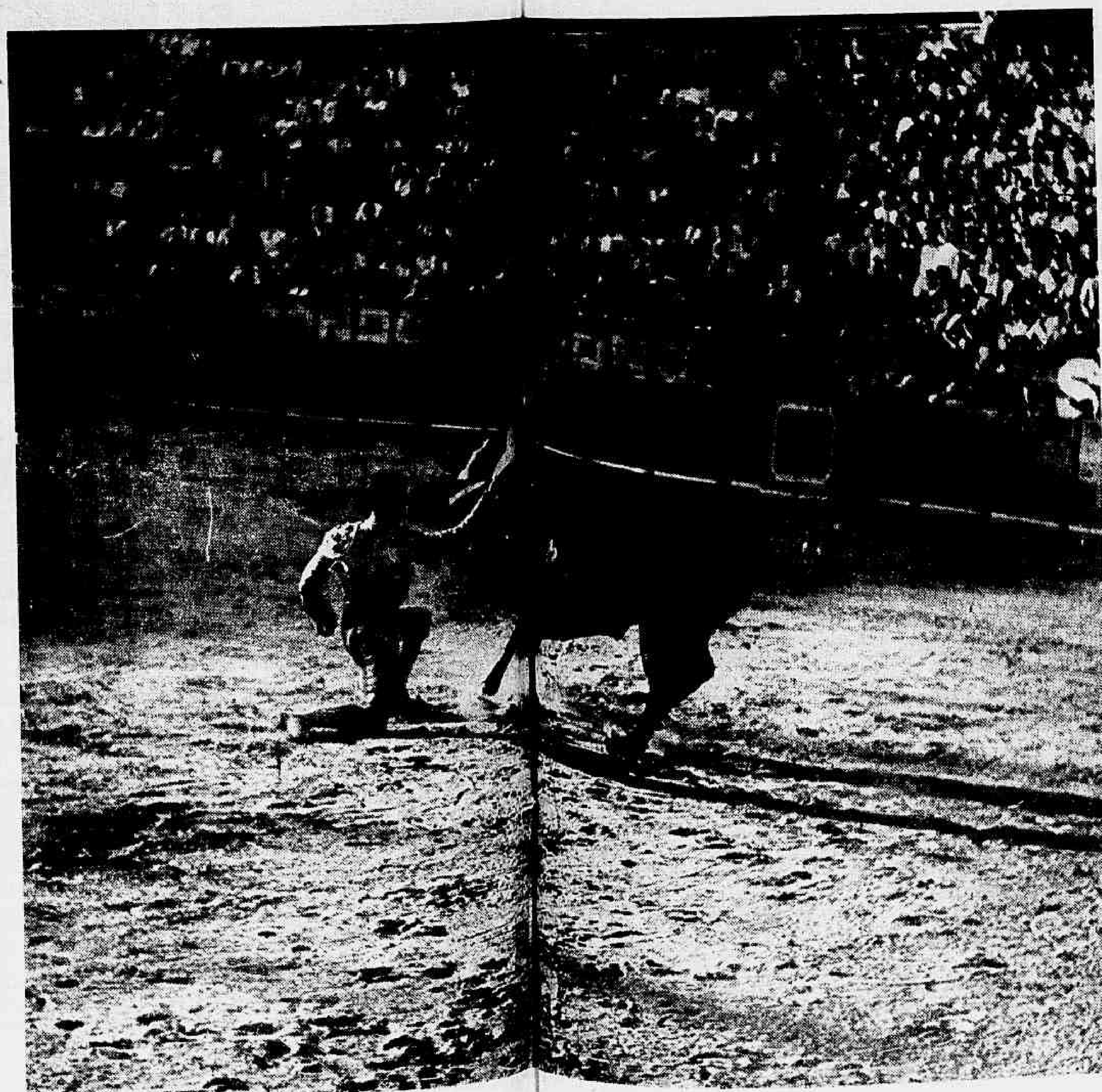




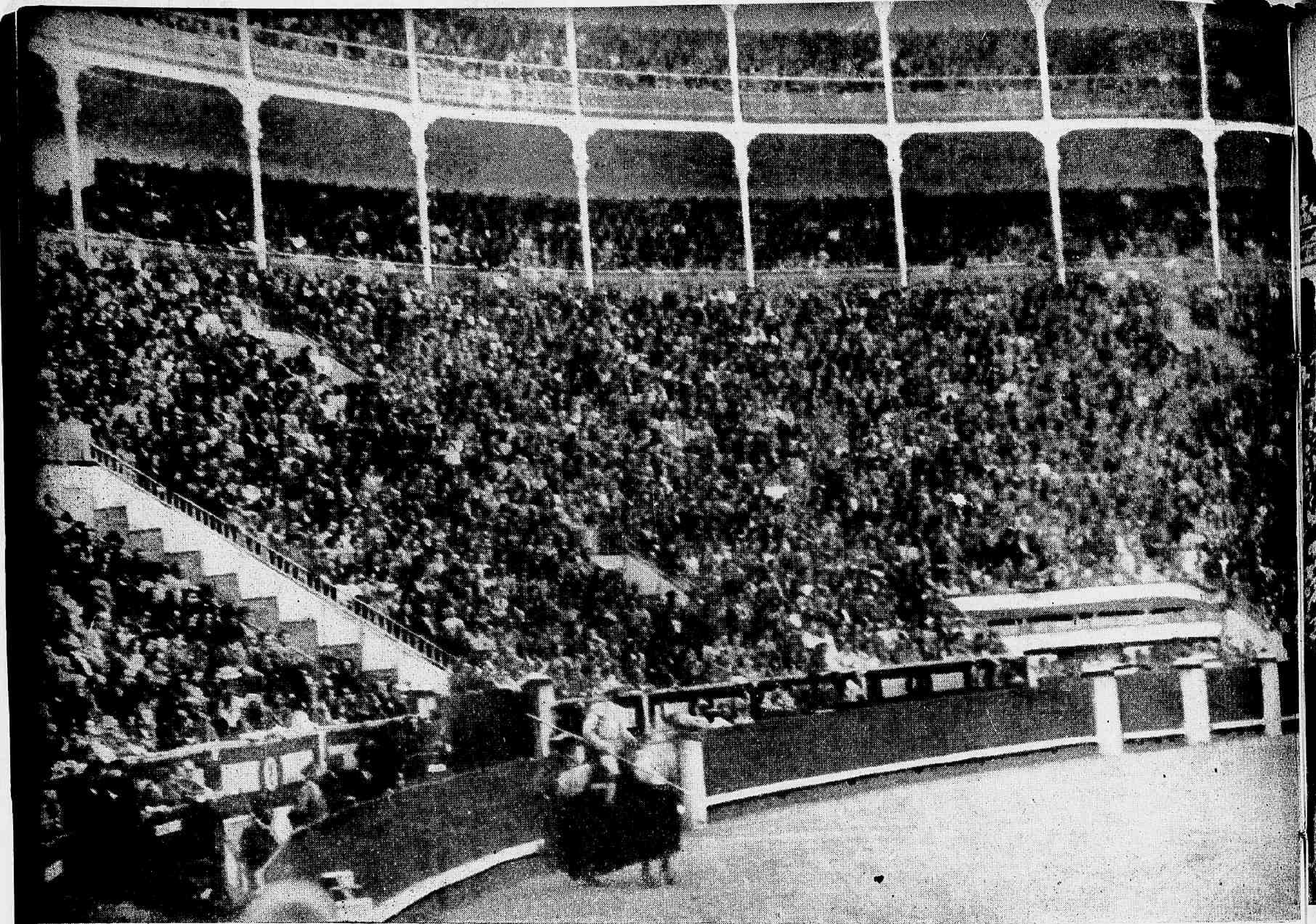
PREPARATIVOS — Obedecem a um ritual cheio de tradições e de alto sentido tético para os aficionados, os preparativos de uma tourada. Vêja-se à esquerda «espada» já dentro da arena, confabulando com outro toureiro sôbre as de ches da corrida e pronto para iniciar a sua exibição. Ao centro, flagrante da tência com uma graciosa madrilenha em seus trajes típicos, e à direita, o matad recebendo a espada, de lâmina bigume, ponteaguda e afiadíssima, com a qual tirar a vida ao animal que nesse meio-tempo está sendo «distraído» pelos capinhas pelo picador, sem adivinhar o triste destino que lhe foi reservado para daí a pou

AÇAO — E aqui estão, nas gravuras abaixo, três fases culminantes do ataque ao touro. Forte e ainda enraivecido, o animal investe para o pano rubro acenado pelo «espada», permitindo que o toureiro mostre à assistência seu domínio da situação. Pouca importância dando ao perigo, de joelho em terra, o bravo matador excede-se em requintes de técnica e destemor, para corresponder à expectativa da multidão que vai gritando sucessivos «Olé!» em cada novo lance. Finalmente, à direita, o golpe mortal, quando o bicho, humilhado, baixa a cabeça. E' nesse momento exato que a espada se crava em cheio — e a morte sobrevém, quase fulminante. «Olé!»









DE OLHOS VENDADOS, o cavalo do Picador aguarda inconscientemente a primeira arrancada do touro. Não fôsse a sela protetora, que lhe cobre um dos flancos até os pé, e sem demora as hastes do animal iriam cravar-se na sua barriga. E' ainda a fase do início na «pegada» ao bicho o qual não tarda a receber o primeiro golpe de lança do cavaleiro

é o choque do homem com o animal, numa análise desapaixonada sôbre qual dêles oferece maior soma de predicados pessoais. Às mulheres, o touro não interessa e o que importa é tirar-lhe a vida quanto antes, sem demora, para evitar que o toureiro de seus amôres sofra alguma investida traiçoeira do adversário na arena. Mas — pergunta-se — traiçoeira por quê, desde que o pobre animal nada fêz para receber as investidas dos picadores, dos "capinhas" e do toureiro, nem ali está sacrificando a vida por vontade própria? Entretanto, essa é a concepção da tourada, através do ângulo feminino. O touro é o perigo iminente, a falsêta, o tropêço; o toureiro — a galanteria a serviço da mulher desconhecida que o aplaude da arquibancada, que sofre por êle quando na iminência de um golpe do bicho e que o cobrirá de flores no remate da proeza sanguinária. Vá se compreender as mulheres...

★

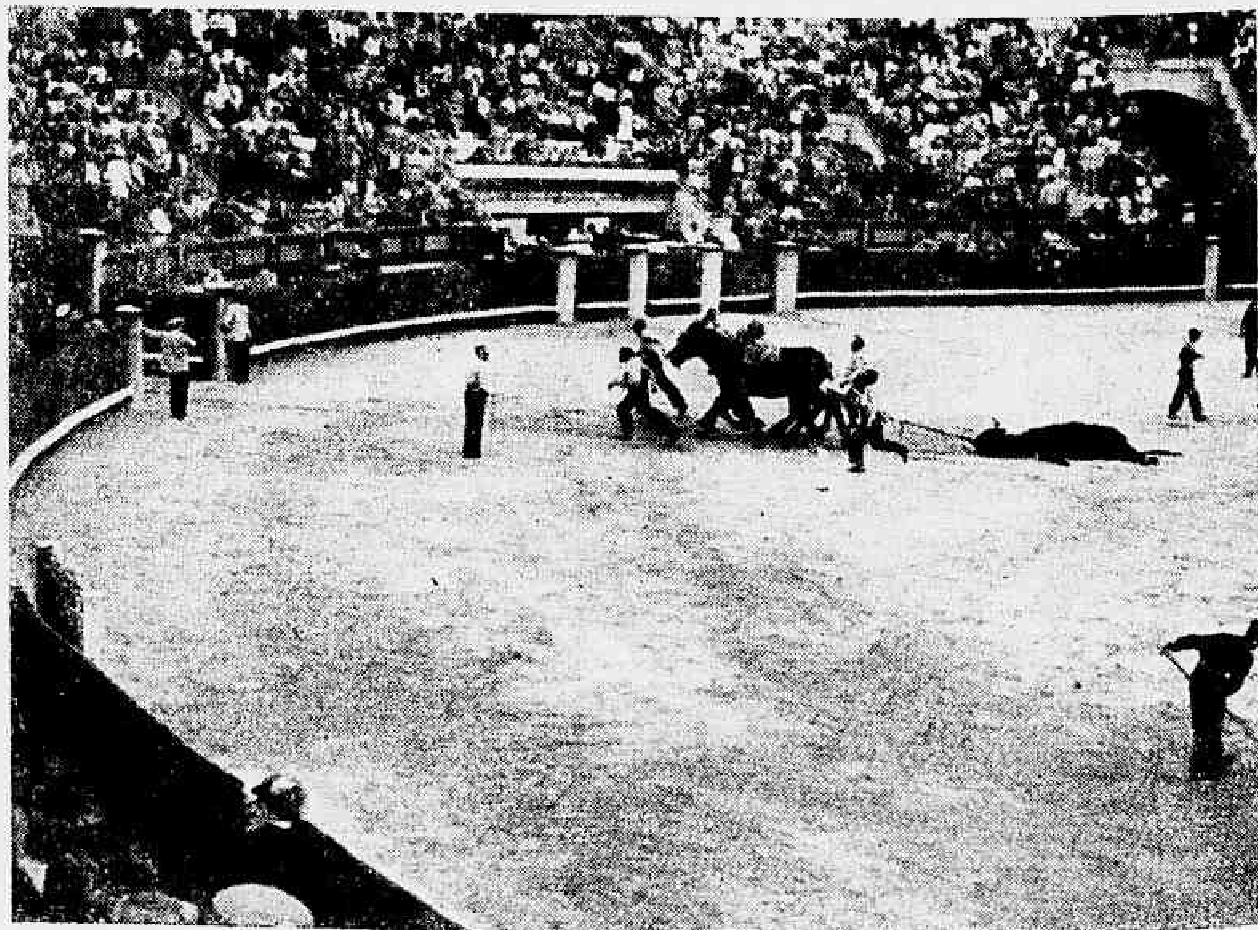
Havíamos, anteriormente, assistido a touradas, mas em Portugal, onde a vida do animal acaba sendo poupada. Todos os lances, até o golpe decisivo, são mais ou menos iguais. Sofre o bicho a perseguição de seus algozes, esvai-se em sangue quando as farpas lhe vão sendo cravadas no lombo, desespera-se diante do farrapo vermelho que lhe mostram os "capinhas" — mas não há morte. Ou por outra, o golpe mortal é simbólico. Em dado momento, obedecendo às instruções do presidente da corrida, que as transmite por intermédio de um serviçal e com o auxílio de um clarim, investe o toureiro contra o inimigo, mas apenas faz encostar o florete na epiderme do bicho. Se quisesse, poderia desferir o golpe, corpo a dentro, mas não o faz em obediência às regras tauromáquicas portuguêsas que proibem seja tirada a vida ao touro.

Já na Espanha as coisas se passam de modo diferente — e tourada sem o remate mortal constituiria, para êstes aficionados castelhanos, apenas uma burla. Um dêles, a quem interpelamos no intervalo do espetáculo, é quem o diz:

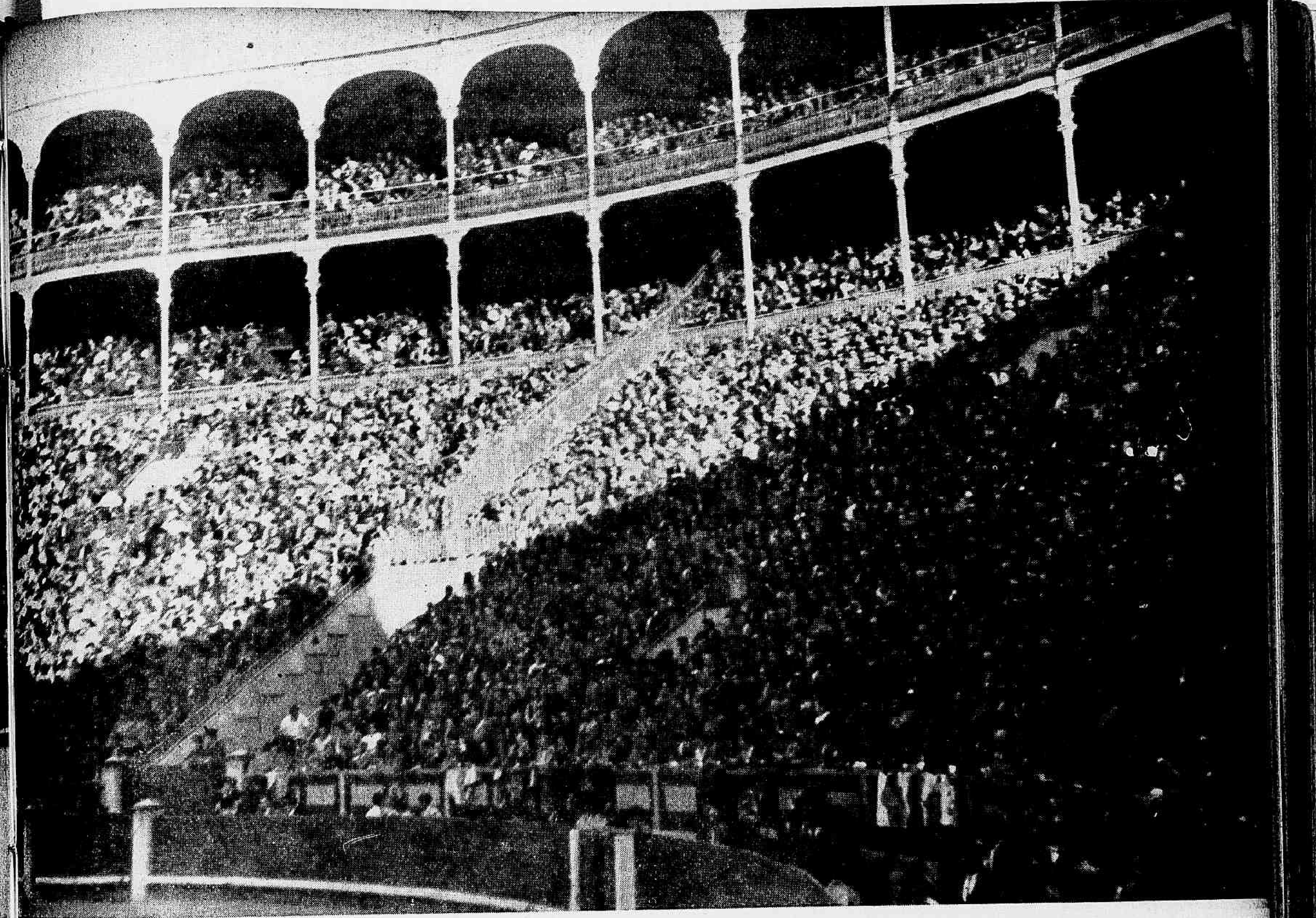
— Onde se viu sair o touro com vida da arena? Ficaríamos nós todos desmoralizados, toureiros e espectadores... E' preciso que o animal morra, e só arrastado pelas mulas, com o auxílio dos empregados da praça, já sem vida,



DESFERIDO O ESTOQUE mortal, dobram-se as pernas do touro, cujas fôrças se esvaem. Mesmo assim os «capinhas» e o espada ficam de sobreaviso. Mas a morte é imediata



JÁ SEM VIDA, o touro é retirado da arena, por mulas que vão badalando guisos, enquanto o público em delírio, cobre de flores, chapéus e lenços coloridos, o matador vitorioso...



SOL E SOMBRA, sangue e areia, sol e moscas — são frases feitas que se relacionam com uma corrida de touros. As primeiras horas da tarde, o sol castiga sem clemência quem não teve recursos para adquirir outros lugares à sombra. Terminado o espetáculo a praça se esvazia em poucos minutos Todos satisfeitos... se os touros morreram direitinho, com técnica...

êle pode sair dêste recinto. Do contrário... haveria uma revolução!

Assim é, de fato. Seis vêzes a estocada mortal foi dada em cheio no dorso ou no cangote de outros tantos touros, depois de sucessivas "banderillas", dos passes de "rodillas", de "muletas cogiendo el piton" e de outros lances que arrancam estrepitosas aclamações do auditório. Seis vêzes também as mulas entraram em campo, para levar, presos aos arreios, outros tantos cadáveres dos "novillos" de doña Teresa Oliveira...

Mas não pensem que os aplausos, as exclamações delirantes, as ovações destemperadas se façam ouvir de princípio ao fim. Os mesmos toureiros são simultâneamente vaiados e ovacionados, depende do modo por que se portam na arena. E quando tardam a dar a estocada mortal, não falta quem os aconselhe, das gerais ensolaradas, a ir cheirar flores no prado, qual Ferdinando, ou a cuidar das fraudas dos nenês em casa... Nesses momentos acreditamos estar assistindo a um jôgo de futebol aí mesmo, no Rio, entre dois "teams" regionais. Na hora da insatisfação das massas, tôdas as platéias são iguais. E tôdas muito pouco educadas, convém sublinhar...

★

Assistimos a êste espetáculo com o pensamento voltado para o Rio, onde se discute acaloradamente, neste momento, se devem ou não voltar a realizar-se corridas de touros. E adivinhamos a pergunta que nos será feita quando regressarmos:

— Depois de ter visto matar seis touros em Madrid, qual a sua opinião a respeito? Pró ou contra?

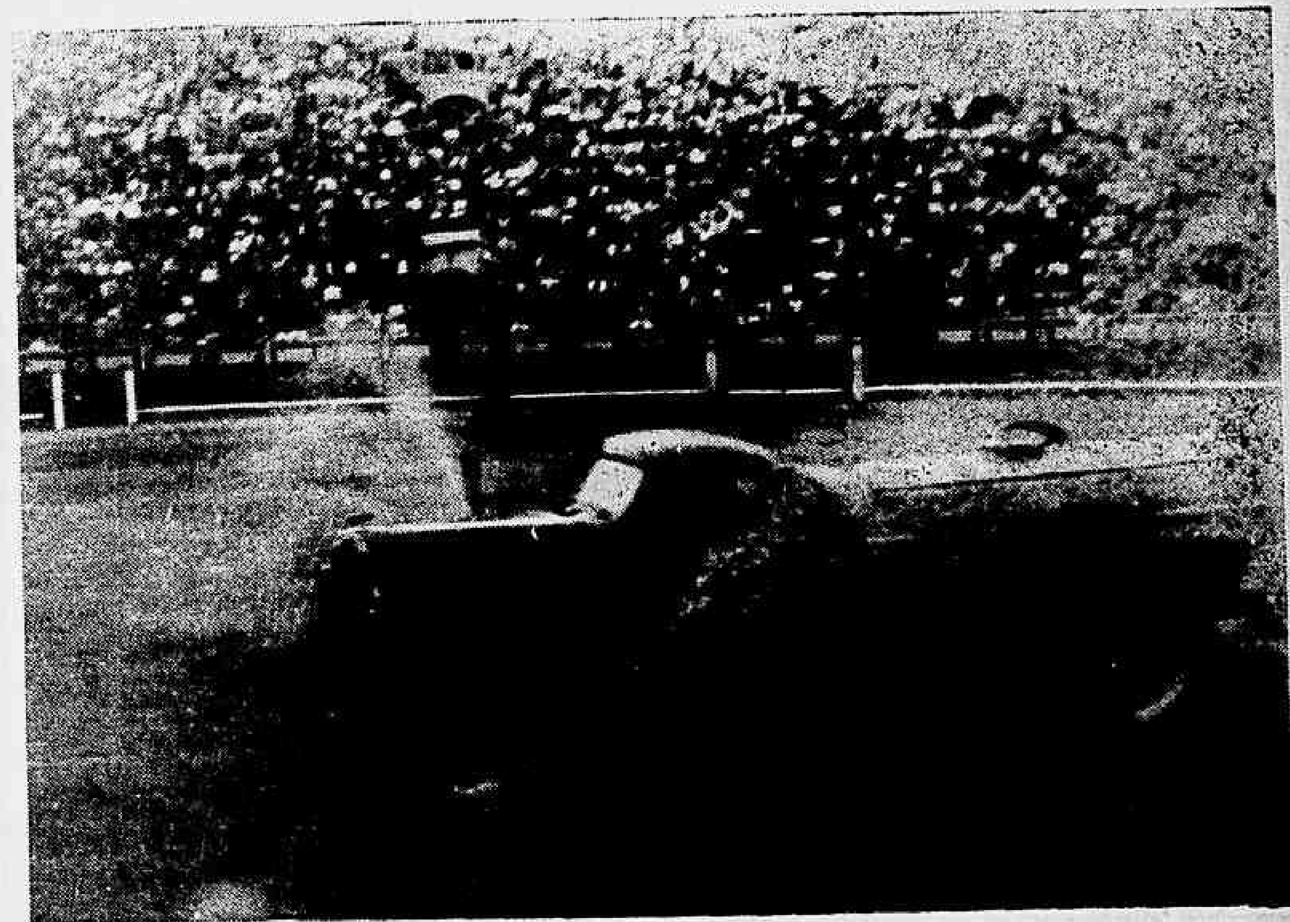
Meditamos um pouco antes de formular a resposta, que só póde ser esta:

— Contra. Formalmente contra, sem contudo essa opinião abranger o que estamos presenciando aqui na Espanha. Na Espanha é diferente: o povo já se habituou a assistir touradas, espetáculo de fundas tradições que em nada infui na sua formação espiritual. E tanto não influi que — já foi dito acima — gente em muito maior quantidade aflui aos campos de futebol. Mas no Brasil é diferente. Qual será a reação dêste espetáculo sangrento no espírito da nossa gente, e muito mais dos adolescentes, da gente moça, por

(Cont. na pág. 46)



UMA BIGA ROMANA? Não, senhores. Apenas a volta do touro, imolado na arena, arrastado pelos outros animais cuja função é essa: limpar o lugar para as próximas vítimas...



Nos intervalos e no final da função, o carro-pipa faz ato de presença, irrigando a arena para destruir os vestígios de sangue. Um pelotão de varredores surge para revolver a areia.



DÊ-ME A SUA MÃO...

AQUÊLE menino sardento, chamado Mendes, nascera ao ar livre, no vilarejo dos Taipas. Na infância, seu programa diário tinha sido "matar" aulas escolares, quebrar vidraças, furtar jaboticabas e melancias, e nadar, às escondidas, no pasto do Odócio.

Mais tarde, na adolescência, o programa foi-se modificando: o Mendes deu-se à mania de adivinho, lendo as mãos dos garotos. Quando não estava vadiando nas bibocas da charneca, para lá e para cá, como as borboletas do meio-dia, ou fariscando bagres no riacho do Zé Turun, ou catando muricis, guabirobas e bacuparis no matinho do João Minhoca — lá estava êle embrenhado nas linhas palmares, desenhando e colorindo mãos de todos os tipos.

Essa predileção pela quiromancia lhe havia sido despertada por um velho volume de seu avô — "Os mistérios das mãos" — da autoria de Desbaroles, um cientista francês.

Quando morria qualquer "cabra" no vilarejo dos Taipas, o Mendes corria a observar, disfarçadamente, as mãos do morto. Em casa, desenhava os traços palmares do defunto, conforme os vira, notando que qual ou quais linhas significavam determinada doença, acidente ou morte.

Assim era que o arquivo de desenhos do Mendes ia crescendo cada vez mais, à medida que cada freguês "esticava as canelas"...

E, nessa mania de pesquisar defuntos e colecionar desenhos de mãos, cresceu o Mendes, o menino-prodígio do vilarejo dos Taipas.

★

Quinze anos mais tarde, quem entrasse no quarto do Mendes, aliás, prof. Mendes, como já lhe chamavam, ficaria, para logo, surprêso: muitos desenhos coloridos de mãos cobriam literalmente as paredes, lembrando uma coorte de braços suplicantes... Havia mais dedos por ali, pintalgando a caiadura, do que pássaros-pretos em tempo de capina, nos macegais do vilarejo.

O ardiloso menino tinha-se tornado homem de inteligência aguda e olhar penetrante. Suas feições nem davam mais a idéia do guri sardento que fôra. Sòmente a costumeira mania de colecionar desenhos de mãos poderia lembrar a sua característica individual do passado.

Tínhamos ido visitá-lo, por uma tarde. Morava êle numa casinha rodeada de tamareiras, lá no fim de certa ruazinha torta do vilarejo, onde alguns capineiros se divertiam com o gramado.

A chuvinha da noite anterior tinha renovado os ramos, e o prof. Mendes cuidava de umas açucenas recém-abertas, cujo perfume enchia de suavidade o seu jardim.

— Ditosos olhos que os vêem! — saudou-nos êle, sorrindo. — Desde criança, sou doido por açucenas. Mas é muito passageiro o encanto, pois elas morrem depressa como os pensamentos...

Ansiosos, interrompemos sua frase: — Viemos visitá-lo, prof. Mendes, e saber, ao mesmo tempo, o que nos revelarão estas pobres mãos...

— Pobres, nada, amigos! — consolou-nos êle, convidando-nos a entrar. — Não há mãos realmente más... Existem fatalidades, é certo, mas, se houver coordenação de vontade, canalização de tendências, sofreamento de instintos anormais, haverá, provàvelmente, uma atenuação... compreenderam? — uma espécie de dique psíquico, capaz de barrar qualquer coisa ruim.

— Mas... e os instintos maus de origem, as taras? — indagámos.

— Exercem influência, sim. Mas, como o próprio Messias disse — "o homem terá o destino na palma de sua mão" — podemos moldar a vida ao sabor de nossa vontade. Isolando a existência dos pensamentos venenosos e adotando um sistema de renúncia e bondade, pode um homem modificar um destino perigoso.

Entramos no quarto de estudos do prof. Mendes. Tudo muito colorido. Quadros de mãos adornavam as paredes. Não havia livros de estudo. Só havia uma Bíblia em cima da mesa. A estante atulhada de blocos de desenhos, rigorosamente colecionados.

— Isto aqui — mostrou-nos êle — é meu arquivo de mãos. Desde menino, vivo estudando mãos de gente daqui e de fora, de vivos e de mortos. Extravagante mania, não acham?

— E muito fúnebre... Mas os defuntos lhe fornecem conhecimentos positivos, professor?

— Sim. Meus conhecimentos não são livrescos, pois estudei na escola do mundo... Aprendi tudo por percepção instintiva. E' verdade que meu avô me abriu a tendência. Mas também é certo que já nasci com esta característica psicológica.

— Dizem que as mãos são o espêlho da vida, professor...

— Isso é velho! Eu direi, parodiando o provérbio: "Dê-me a sua mão e dir-lhe-ei quem é..."

E apontando vários desenhos nas paredes:

— Eis as mãos mais importantes. Vêem a mão vermelha? E' a mão do sanguinário, do assassino. A azul é a mão do idealista, do humanitário. A verde é a mão do sonhador, do esperançoso. A branca é a mão do justo, do cenobita. A roxa é a mão do espiritualista, do sofredor. A amarela é a mão do agiota, do fariseu. A negra é a mão do pessimista, do atrabiliário. E assim por diante...

(Cont. na pág. 45)

CONTO DE EUGENIO MORATO — ILUSTRAÇÃO DE A. QUEIROZ

MERLIN, O MÁGICO

UM conto — e um epílogo. O conto é de Noelle Roger: uma página sutil e encantadora sôbre os mistérios e as maravilhas da televisão e do amor. O apólogo é a moralidade do conto: a lesma que surge do seio daquela flor.

★

Noelle Roger imaginou um moderno Merlin ,apaixonado pela visão a distância e apaixonado, também, por sua espôsa, a linda Eliana. Para testar — como se diz em linguagem radiofônica — os aparelhos de televisão e telefotografia que montou no seu castelo de Périgord, o senhor de Landiac, isto é, o novo Merlin, um belo dia partiu para a África. Antes, dando à espôsa o seu beijo de despedida, Merlin levou-a ao estúdio de televisão, montado num pavilhão do parque e explicou:

— Não há mais ausência. Diàriamente, virei aqui encontrar-me contigo. Aparecerei naquele "écran" e ouvirás minha voz. Conversaremos aqui, de onde quer que eu esteja.

Em seguida, deu à espôsa um presente:

— Deixo-te esta lembrança.

Eliana abriu o invólucro. Era um broche de metal escuro, de grande tamanho, com uma guarnição de rubis, opalas e esmeraldas.

— Quero que me prometas, Eliana, que o trarás sempre contigo dia e noite.

— E' um talismã? — perguntou "madame" Merlin.

— Talvez, porque êle te defenderá de todo mal.

★

Acontece que êsse broche continha p e d r a s preciosas, mas também continha cédulas foto-elétricas. Por essa forma, "monsieur" Merlin, em plena África, tinha um diário telefotográfico da vida de sua formosa consorte. Acontece...

★

Bem, mas aqui suspendo o conto de Roger e entro com o meu epílogo: sempre que tenho repetido essa história às minhas amiguinhas, tôdas elas ficam muito assustadas — algumas mais, outras menos — e indagam logo se êsse broche-mágico é simples fantasia de escritor ou se é possível existir mesmo uma jóia tão indiscreta como a da conto de Noelle Roger... Querem saber, aflitas, se a ciência da televisão já passou mesmo a espiar pela fechadura dos "boudoirs" e a fazer o ofício até hoje reservado aos Bourget e aos Frondaie da psicologia feminina...

E tôdas parecem desprezar, horrorizadas, a q u e l a jóia guarnecida de rubis, opalas e esmeraldas. — **Lyse.**



Modelos de Rosalind Russell

ROSALIND Russell, a talentosa «estrêla» da Columbia, apresenta-nos três sugestivas e originais criações de Hollywood, para várias horas do dia. Em cima: — um elegantíssimo modêlo para jantar em cetim preto, ombros nus, saia justa com drapeado em forma original, terminando em cauda. **Em baixo, à direita**, um sugestivo «robe» em cetim lilás, composto de largas faixas de fazenda fosca e brilhantes no mesmo tom. Finalmente, para um dia frio, êste sugestivo conjunto de «sweater» em lã preta e «slack» de casimira.









VARIADOS

ALGUNS variados e sugestivos modelos de Hollywood, vemos nesta página na apresentação de três consagradas «estrêlas». À esquerda Bette Davis, da Warner, com elegante modêlo para a noite, em pesada sêda preta, mangas três quartos e saia ampla, plissada. Em cima: — Joan Bennett, da Columbia, com um modlo em tafetá cinza prata, com grande gola, saia bem franzida. Finalmente, em baixo, Janis Carter, também da Columbia, apresentando um elegantíssimo modêlo para o «cock-tail» em cetim preto, mangas justas, decote bem baixo.





CASACOS

PARA os próximos dias frios, Hollywood nos apresenta três elegantes casacos, todos êles bastante originais. A direita, Alexis Smith, da Warner, com amplo casaco em lã branca, ornado com peles de marta. Em cima: — a sempre elegante Claudette Colbert, da RKO, com lindo casaco em lã mescla, recortes na saia formando bolsos. Em baixo: — Joan Bennett, da Columbia, apresentando um casaco três-quartos em lã quadriculada, creme e marron. Acompanha-o um lenço de sêda com desenhos multicores.





O preto é côr que está sempre no rigor da moda, em trajes para qualquer ocasião. Principalmente quando o tempo esfria, usa-se esta côr que aparece muito em costumes. Amenizando a seriedade do tom, usam-se com os costumes pretos, golas brancas, blusas por dentro em côres claras, enfeites de fazendas diferentees, écharpes ou então procura-se para confeccioná-los tecidos que tenham um pouco de brilho, como o cetim.

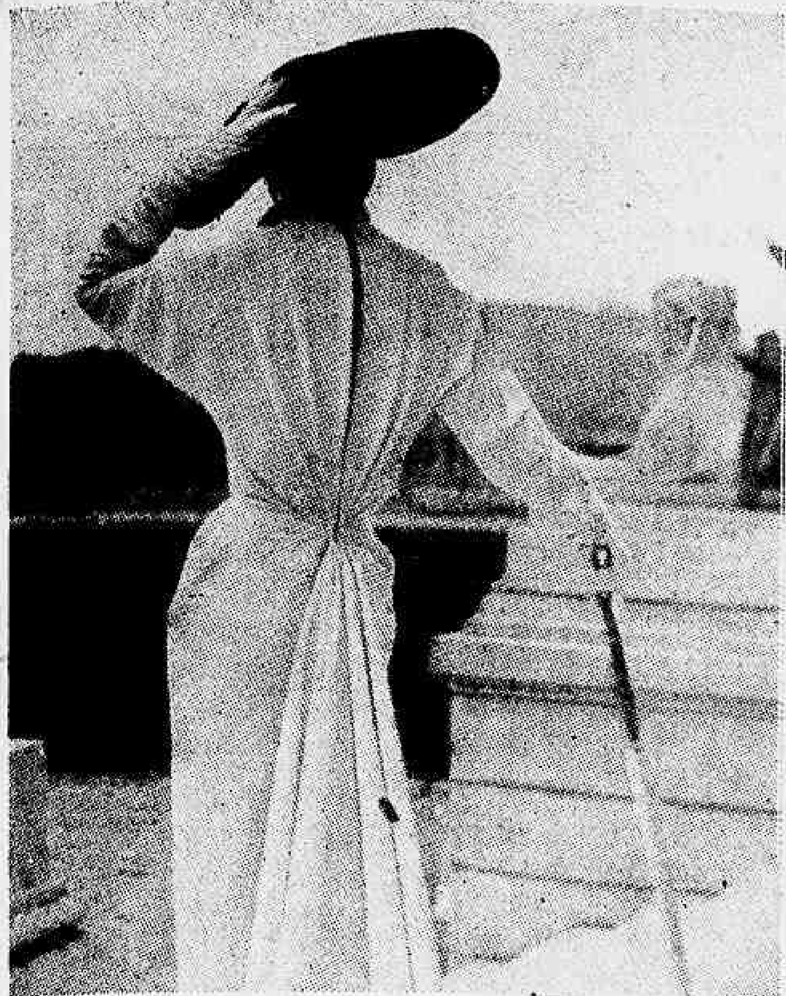




"TAILLEURS" PRETOS







MODELOS EM LÃ

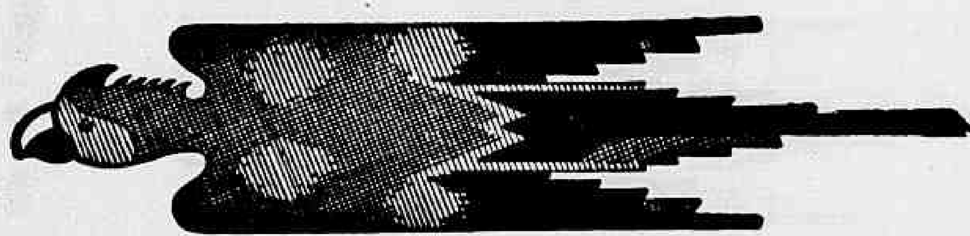
ÊSTES modelos por sua simplicidade e elegância adaptam-se para diversas ocasiões e podem ser confeccionados em qualquer qualidade de lã. À esquerda: — Saia godé, subida até à altura do busto, abotoando do lado. Mangas de bocas justas, com as cabeças bem franzidas. À direita: — Elegante vestido em lã branca. Na frente é inteiramente liso com o corpo drapeado e saia godé. Atrás, é aberto até à cintura e forma quatro pregas. Mangas japonêsas. Em baixo: — Vestido em lã quadriculada, interessante decote, mangas três quartos obotoadas, com punhos brancos. — Em pied-poule», vestido com o corpo trespassado, saia com amplos bolsos formando um largo macho. E' interessante notar as mangas, também com grandes bolsos.







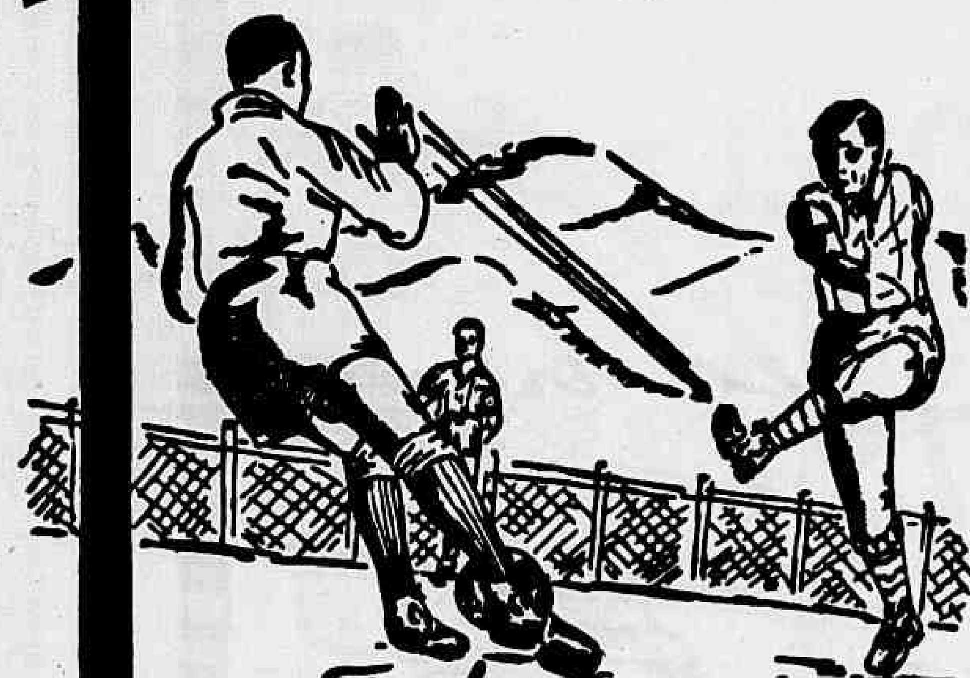
AEROVIAS



ANÁPOLIS • ARACAJÚ • ARAGUARÍ • BELÉM • BELO HORIZONTE • BOM JESUS DA LAPA • CAROLINA • CORONEL FABRICIANO • CURITIBA • FORTALEZA • GOIÂNIA • ILHÉUS • LA GUAIRA (Venezuela) • LONDRINA • MACEIÓ • MIAMI (Estados Unidos) • NATAL • PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) • PARNAIBA • PEDRO AFONSO • PETROLINA • PORTO ALEGRE • PORTO NACIONAL • PORT OF SPAIN (Trinidad) • RECIFE • RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • SÃO LUIZ • SALVADOR • TEREZINA • TRUJILLO (Rep. Dominicana) • UBERABA • UBERLÂNDIA • VARGINHA • VITÓRIA.

BRASIL

Instante decisivo!

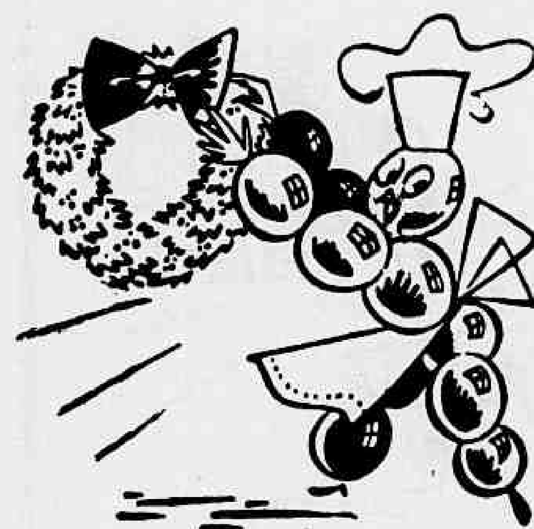


Também num instante

BAYER

CORTA os RESFRIADOS

WEEK-END NA COZINHA



OVOS MEXIDOS COM CEBOLINHA

4 ovos, ½ litro de leite cru, sal, pimenta e bastante cebolinha picada. Batem-se os ovos, misturam-se-lhes os outros ingredientes, continuando-se a bater muito bem. Cozinham-se em manteiga quente e servem-se imediatamente.

PANQUECAS

Para cada panqueca calcula-se 1 ôvo, 1 colher de farinha, 2 colheres de leite, 1 pitada de sal, 1 colher das de chá de açúcar, 1 pouco de casca de limão ralada, ou 1 colher das de chá de rhum. Bate-se tudo muito bem e frigem-se as panquecas dos dois lados. As panquecas ficam melhores quando se tampa a frigideira, enquanto estão frigindo, antes de virar. Devem elas ser servidas quentes.

OMELETE SOUFLÉE

Calculam-se por pessoa dois ovos e 2 colheres de açúcar. Batem-se as gemas com o açúcar, quanto mais, melhor. Em seguida batem-se as claras em neve que se juntam, às colheradas às gemas. Para melhorar o gôsto, pode-se adicionar qualquer essência como de baunilha, limão ou laranja. Frige-se a omelete em manteiga quente, mas só de um lado. A massa cresce muito. Quando a parte inferior estiver corada por igual, deixa-se escorregar metade da omelete sôbre um prato aquecido. A outra metade dobra-se, de forma que a parte corada fique para cima. Pulveriza-se com açúcar e serve-se imediatamente, porquanto, ao esfriar, a massa abaixa muito. Querendo, rega-se a omelete com aguardente que se acende, levando-se neste caso, ardendo à mesa.

RECHEIO PARA RAVIOLI

Misturam-se restos de carne com ôvo, refogando-se tudo em manteiga e cebolinha. Pode-se também fazer um recheio da seguinte maneira: 125 gr de carne de galinha picada, espinafre picado, cheiro verde, 2 colheres de queijo parmezão ralado, sal, pimenta e 1 ôvo.

POLENTA FRITA

Misturam-se 200 gr de fubá com 200 gr de farinha, cobrindo-se esta mistura com água fervendo e sal. Deixa-se descansar e, depois de 2 a 3 horas, tira-se a água que por ventura restar, e vai-se frigindo, às colheradas, em manteiga ou gordura quente.

SANDUICHES FRITOS

Pão de fôrma, 200 gr de queijo, sal e pimenta, 2 ovos. Corta-se o pão em fatias. Rala-se o queijo que se mistura com as gemas, sal, pimenta e as claras batidas em neve. Passa-se uma camada bem grossa desta mistura sôbre uma fatia de pão que se cobre com outra fatia de pão. Deixam-se descansar os sanduiches, que se frigem em seguida em gordura quente. Ou: cobre-se uma fatia de pão com uma camada grossa de mistura, deixa-se descansar durante alguns minutos e frige-se em seguida em gordura quente, com o lado da massa voltado para baixo.

FORMINHAS DE BATATA PRALINE

Tome ½ k de batatas cozidas e descascadas e reduza a purê. Junte 2 colheres de nata batida, 2 gemas, 1 colherzinha de manteiga e sal. Misture tudo e acrescente 2 claras em neve mexendo levemente. Leve para o forno em forminhas compridas, untadas de manteiga. Doure com gemas e manteiga, derretida, e espete em cima amêndoas torradas partidas ao meio, formando uma flor com as pétalas em pé.

GELATINA SIMPLES

Para uma fôrma contendo 8 xicaras de liquido: Abra 1 lata de qualquer compota e parta as frutas em pedaços. Descasque 2 maçãs e parte em cubos de 2 cm. Tire os cabos de 1 punhado de morangos, ou a pele de algumas uvas. Pode variar à vontade. Deite de môlho em água fria por 5 minutos, 8 fôlhas de gelatina vermelha ou branca. Retire a gelatina e leve a derreter no fogo em 3 xicaras de água. Retire do fogo, junte 1 xicara de caldo de compota, o caldo de ½ talhada de limão e 2 cálices de licor e açúcar que baste. Deite uma camada fina de gelatina numa fôrma untada de azeite. Arrume ao redor uma coroa de morangos, e leve a gelar. Assim que começar a coagular, deite por cima uma cercadura da compota entremeada com as maçãs. Cubra com gelatina e torne a levar a gelar. Depois, coloque o resto das frutas, cubra com o resto da gelatina e deixe a gelar. Pode fazer de véspera. Laranja e abacaxi crus, desandam a gelatina.

MASSA PARA CROSTAS E PASTÉIS

250 gr de farinha de trigo, 125 gr de manteiga, ½ colherinha de sal fino, 6 a 7 colheres de água. Com a manteiga e a farinha faz-se uma massa.

No centro da massa coloca-se a água e o sal e vai-se mexendo até formar uma bola que se despegue da tábua. Deve descansar de 10 a 12 horas.

SALADA DE PEPINOS

Descascam-se os pepinos, que se cortam em rodelas bem finas que se mistram com sal, pimenta, azeite e vinagre ou com um bom môlho de salada. Antes de levar à mesa, acrescenta-se um pouco de salsa picada. Não se deve juntar sal ao pepino muito antes de servi-lo, pois isso dificultaria sua digestão, por si já algo difícil.

EMPADAS COM GELATINA

Forram-se as forminhas com massa de empadas, levam-se ao forno e, quando a massa estiver assada, tiram-se as forminhas do forno e enchem-se com quadradinhos de presunto, e um pouco de geléia de carne. Sôbre a geléia, colocam-se uma rodela de ôvo, quatro rodelas de pepino em conserva e uma alcaparra no centro.

PÃOZINHO COM PATÉ

Mistura-se o paté muito bem com manteiga fresca, passando-se esta mistura sôbre fatias quadradas de pão. Cortam-se as fatias em diagonais, de modo a formarem 4 pedacinhos triangulares. Sôbre cada triângulo colocam-se uma rodela de ôvo e uma de pepino em conserva.

"HORS-D'OEUVRE" SIMPLES (Para 5 ou 6 pessoas)

6 ovos russos, 1 lata de salmão com maionese, salada italiana, 150 gr de salsichas. Enfeita-se êste "hors-d'oeuvre" com tomates, pepino em conserva, limão e salsa.

MÔLHO DE BAUNILHA

¾ de litro de nata ou leite, 8 gemas (ou 4 gemas e 20 gr de maizena), 250 gr de açúcar, ½ fava de baunilha. Põe-se para ferver a nata ou leite, o açúcar e baunilha. Neste meio-tempo, batem-se as gemas em uma travessa e despeja-se o leite sôbre elas, mexendo-se continuadamente. Leva-se novamente o creme ao fogo, onde deverá ficar até o momento de começar a levantar fervura. Põe-se de lado para esfriar, mexendo-se de vez em quando, a fim de evitar que se forme a casca na superfície superior. Os ovos nunca devem ferver juntamente com o leite, a fim de evitar que o creme talhe.

MORANGOS NEUCHATEL

Limpam-se os morangos e pulverizam-se com açúcar. Derrama-se sôbre êles um pouquinho de vinho branco ou suco de limão, deixando-se descansar em lugar fresco. Em seguida, arrumam-se em um prato de vidro, enfeitando-se com creme Chantilly.

PÃO DOCE ESPECIAL

1 quilo de farinha de trigo, 600 gr de água, 4 tabletes de fermento, 14 gramas de sal, 125
de manteiga

Mistura-s
o sal até
gradualmen
creme fica
mento em
o restante
o creme e
bem dissol
xe-se bem,
fermento
até que a
caroço. De
fica muit
ação dos
tornar-se-á
dos pães

Fermenta
cantar a
ma está
maneira;
da massa
xa-se pen
tira-se em
ação; se
logo ao
pelos ded
cêrca de
e 15 min

Enrola-s
tas e os
descansar
pronta pa
pães doc
onde dev
minutos.
cançar o

TO

2 ovos,
teiga, 1
1 colher
lada de
e a casc
pumoso,
e a fari
morna.

Enchem
lhadas c
ao forno
frias, po



WEEK-EN NA COZINHA

com as gemas, sal, pimenta e as claras batidas em neve. Passa-se uma camada bem grossa desta mistura sôbre uma fatia de pão que se cobre com outra fatia de pão. Deixam-se descansar os sanduiches, que se frigem em seguida em gordura quente. Ou: cobre-se uma fatia de pão com uma camada grossa de mistura, deixa-se descansar durante alguns minutos e frige-se em seguida em gordura quente, com o lado da massa voltado para baixo.

FORMINHAS DE BATATA PRALINE

Tome ½ k de batatas cozidas e descascadas e reduza a puré. Junte 2 colheres de nata batida, 2 gemas, 1 colherzinha de manteiga e sal. Misture tudo e acrescente 2 claras em neve mexendo levemente. Leve para o forno em forminhas compridas, untadas de manteiga. Doure com gemas e manteiga, derretida, e espete em cima amêndoas torradas partidas ao meio, formando uma flor com as pétalas em pé.

GELATINA SIMPLES

Para uma fôrma contendo 8 xícaras de liquido: Abra 1 lata de qualquer compota e parta as frutas em pedaços. Descasque 2 maçãs e parte em cubos de 2 cm. Tire os cabos de 1 punhado de morangos, ou a pele de algumas uvas. Pode variar à vontade. Deite de môlho em água fria por 5 minutos, 8 fôlhas de gelatina vermelha ou branca. Retire a gelatina e leve a derreter no fogo em 3 xícaras de água. Retire do fogo, junte 1 xícara de caldo de compota, o caldo de ½ talhada de limão e 2 cálices de licor e açúcar que baste. Deite uma camada fina de gelatina numa fôrma untada de azeite. Arrume ao redor uma coroa de morangos, e leve a gelar. Assim que começar a coagular, deite por cima uma cercadura da compota entremeada com as maçãs. Cubra com gelatina e torne a levar a gelar. Depois, coloque o resto das frutas, cubra com o resto da gelatina e deixe a gelar. Pode fazer de véspera. Laranja e abacaxi crus, desandam a gelatina.

MASSA PARA CROSTAS E PASTÉIS

250 gr de farinha de trigo, 125 gr de manteiga, ½ colherinha de sal fino, 6 a 7 colheres de água. Com a manteiga e a farinha faz-se uma massa.

No centro da massa coloca-se a água e o sal e vai-se mexendo até formar uma bola que se despegue da tábua. Deve descansar de 10 a 12 horas.

SALADA DE PEPINOS

Descascam-se os pepinos, que se cortam em rodelas bem finas que se mistram com sal, pimenta, azeite e vinagre ou com um bom môlho de salada. Antes de levar à mesa, acrescenta-se um pouco de salsa picada. Não se deve juntar sal ao pepino muito antes de servi-lo, pois isso dificultaria sua digestão, por si já algo difícil.

EMPADAS COM GELATINA

Forram-se as forminhas com massa de empadas, levam-se ao forno e, quando a massa estiver assada, tiram-se as forminhas do forno e enchem-se com quadradinhos de presunto, e um pouco de geléia de carne. Sôbre a geléia, colocam-se uma rodela de ôvo, quatro rodelas de pepino em conserva e uma alcaparra no centro.

PÃOZINHO COM PATÊ

Mistura-se o patê muito bem com manteiga fresca, passando-se esta mistura sôbre fatias quadradas de pão. Cortam-se as fatias em diagonais, de modo a formarem 4 pedacinhos triangulares. Sôbre cada triângulo colocam-se uma rodela de ôvo e uma de pepino em conserva.

"HORS-D'OEUVRE" SIMPLES (Para 5 ou 6 pessoas)

6 ovos russos, 1 lata de salmão com maionese, salada italiana, 150 gr de salsichas. Enfeita-se êste "hors-d'oeuvre" com tomates, pepino em conserva, limão e salsa.

MÔLHO DE BAUNILHA

¾ de litro de nata ou leite, 8 gemas (ou 4 gemas e 20 gr de maizena), 250 gr de açúcar, ½ fava de baunilha. Põe-se para ferver a nata ou leite, o açúcar e baunilha. Neste meio-tempo, batem-se as gemas em uma travessa e despeja-se o leite sôbre elas, mexendo-se continuadamente. Leva-se novamente o creme ao fogo, onde deverá ficar até o momento de começar a levantar fervura. Põe-se de lado para esfriar, mexendo-se de vez em quando, a fim de evitar que se forme a casca na superfície superior. Os ovos nunca devem ferver juntamente com o leite, a fim de evitar que o creme talhe.

MORANGOS NEUCHATEL

Limpam-se os morangos e pulverizam-se com açúcar. Derrama-se sôbre êles um pouquinho de vinho branco ou suco de limão, deixando-se descansar em lugar fresco. Em seguida, arrumam-se em um prato de vidro, enfeitando-se com creme Chantilly.

PÃO DOCE ESPECIAL

1 quilo de farinha de trigo, 600 gr de água, 4 tabletes de fermento, 14 gramas de sal, 125 gramas de açúcar, 100 gramas de manteiga, 2 ovos.

Mistura-se bem a manteiga, o açúcar e o sal até ficar um creme. Adiciona-se gradualmente os ovos e mistura-se até o creme ficar bem leve. Dissolve-se o fermento em ¼ da água; põe-se depois o restante da água numa vasilha contendo o creme e mistura-se tudo até que fique bem dissolvido. Junta-se a farinha, mexe-se bem, despeja-se ao mesmo tempo o fermento diluido e continua-se mexendo até que a massa fique lisa e sem nenhum caroço. Depois de misturada, essa massa fica muito mole; entretanto, devido à ação dos ovos durante a fermentação, tornar-se-á sêca e facilitará a formação dos pães doces.

Fermentação da massa: Deixa-se descantar a massa. Para verificar se a mesma está pronta, procede-se da seguinte maneira; coloca-se a mão na superfície da massa e com uma pressão média deixa-se penetrar as pontas dos dedos. Retira-se em seguida a mão e observa-se a ação; se a massa estiver pronta, voltará logo ao redor das impressões causadas pelos dedos. Esta fermentação deve levar cêrca de 1 hora e 45 minutos a 2 horas e 15 minutos.

Enrola-se a massa, virando-se as pontas e os lados para dentro e deixa-se descansar mais 30 minutos; está então pronta para tomar a forma comum dos pães doces. Põe-se êstes em assadeiras, onde devem permanecer cêrca de 40 a 50 minutos. E' o tempo suficiente para alcançar o ponto.

TORTINHAS DE MADALENA

2 ovos, 70 gr de farinha, 50 gr de manteiga, 1 colherinha de fermento em pó, 1 colher de sopa de corintos, casca ralada de limão. Com os ovos, o açúcar e a casca de limão bate-se um creme espumoso, juntam-se os corintos, o fermento e a farinha e, por último, a manteiga morna.

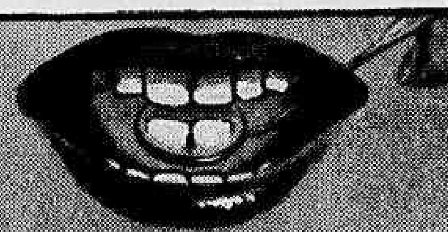
Enchem-se forminhas untadas e polvilhadas com farinha de pão e levam-se ao forno durante 20 minutos. Depois de frias, polvilham-se com açúcar.



DENTES SADIOS E ATRAENTES, SÃO CARACTERÍSTICOS DE TODO KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...
olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-305

VAE VIAJAR?





Viaje a qualquer parte do mundo e aproveite os ótimos serviços da

AIR FRANCE

Aviões modernissimos SUPER-CONSTELLATION, segurança, conforto, luxo e suculentas refeições com legitimo Champagne frances, gratis.



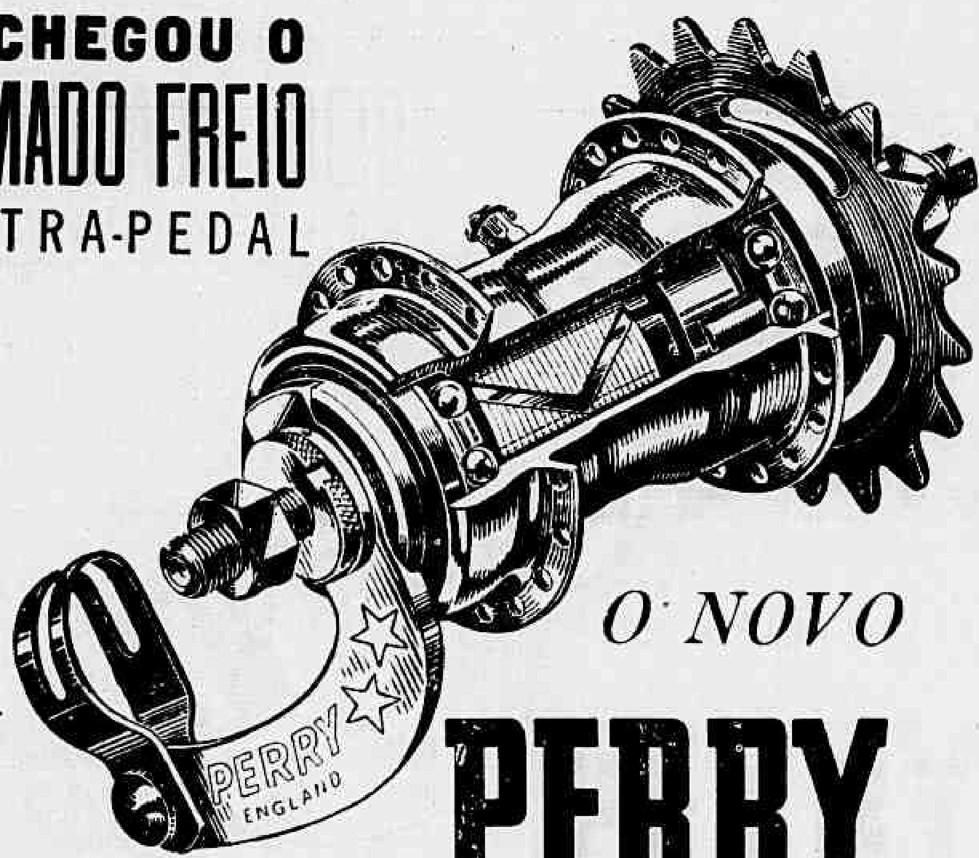
AIR FRANCE

Rêde aérea mundial

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco 257-A — tel.: 42-8838
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró 184 — tel.: 2-3902
RECIFE: Av. Guararapes 210 — tel.: 7-549

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O AFAMADO FREIO CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

MÚSICA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO DE JANEIRO

ROBERTO LYRA FILHO

EM recente crônica, aludimos à sadia e estimulante competição que a existência de mais um conjunto sinfônico estabeleceria, inevitàvelmente, em nossos círculos musicais. A presença de mais uma organização artística, em atividade, longe de prejudicar outras emprêsas semelhantes, traria evidente proveito para o público, pois a disputa da preferência dêste forçaria novos aperfeiçoamentos e realizações, impedindo que a ausência de concorrentes trouxesse a estagnação.

O aparecimento da Orquestra do Rio de Janeiro veio confirmar nosso prognóstico, trazendo ao setor sinfônico um novo elemento que solicita, com tantos títulos de merecimento, a atenção dos cariocas.

A O.S.R.J. — como é chamada a mais recente aquisição do nosso mundo musical — estreou auspiciosamente, sob a regência de Karl Kruger, equilibrado e eficiente artista, já conhecido e estimado por todos nós.

Não tendo inscrito o seu nome entre as figuras máximas da regência — como um Toscanini, um Koussevitsky, para lembrarmos êste admirável mestre que foi nosso glorioso hóspede ano passado — Kruger, entretanto, é um maestro escrupuloso e correto. E, se não houve pròpriamente brilho, flama, entusiasmo contagiante e dominador, em seus concêrtos, pelo menos o conjunto, logo impressionou pela disciplina e harmonia com que se articulou, em interpretações limpas e seguras, apreciadas pela sinceridade e honestidade demonstradas.

Aliás, tratando-se de uma nova orquestra, o leitor nos perdoará algumas observações sôbre a composição dos naipes e da sua integração no conjunto.

Raramente ouvimos, entre nós, metais tão seguros, sem aquelas sonoridades ásperas que quebram o equilíbrio das execuções. No terceiro concêrto, por exemplo, admiramos os recursos dos instrumentistas que nos deram um Mozart delicado gracioso (com o concurso, aliás, da eficiente solista, de técnica segura e "toucher" suave — Jacqueline Potier). A mesma fluência, a correção aqui registrada caracterizou o comportamento da orquestra durante tôda a série regida por Kruger.

O sucesso dos concêrtos repercutiu na imprensa, que acolheu com simpatia, a nova O.S.R.J. E o efeito dessa vitória foi decisivo. A O.S.B., entregue a Lamberto Baldi, cuja atuação já comentamos, aqui, em têrmos gerais, preparou-se para as inevitáveis comparações, convocando, para suportá-las melhor, grandes "cartazes" internacionais, como o inglês Malcom Sargent e já prometendo a volta do incomparável Erich Kleiber. Em face dêsse movimento, que prova a vitalidade e a capacidade da O.S.B., congratulamo-nos com a sua direção pela maneira certa e eficiente de reagir à realização de sua rival. Desprezando a intriga, as tramas de bastidores, O.S.B. pretende dar uma demonstração de valor, que o público julgará. E a O.S.R.J. naturalmente saberá colocar-se à altura dessa atitude elegante, correspondendo ao estímulo que ela representa, e caminhando rumo a novas conquistas artísticas.

A essas iniciativas das duas orquestras acrescentaremos as boas notícias sôbre a organização de uma temporada sinfônica intensa, com o conjunto do Teatro Municipal, com programas entre os quais se destacam homenagens especiais a Bach, em comemoração centenária. A Orquestra do Teatro Municipal precisa, para melhor aproveitamento de suas possibilidades, de um maestro permanente, de primeira categoria. Só assim poderá ser atingido o rendimento artístico máximo de que ela é capaz. A visita de Kleiber sugere esta idéia: por que não oferecer-lhe o pôsto de regente efetivo, dando-lhe oportunidade para realizar, com mais vagar, séries como aquêle memorável ciclo Beethoven, no qual ouvimos, sob a batuta mágica, uma orquestra municipal transfigurada?

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

O.E.S.T.E
BAILLES
COMPTE

Afinam
e aformoseam a cutis



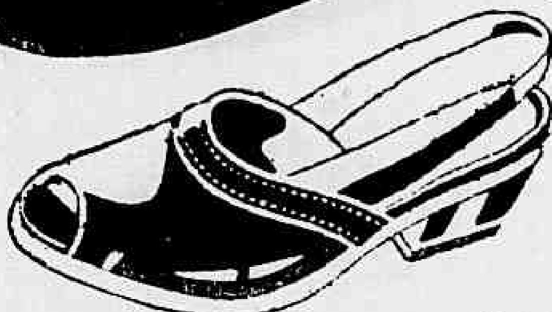
PÓ DE ARROZ
MADERAS
DE ORIENTE

ROUGE
UN RUBOR

MYRURGIA

CHINELOS

PARA TODO O BRASIL, PELO REEMBOLSO POSTAL



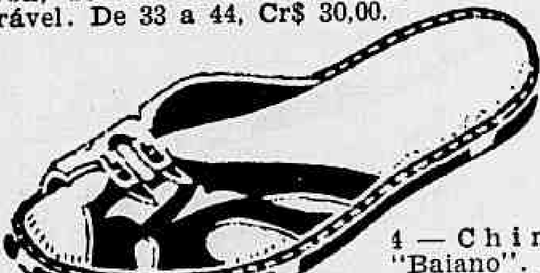
1 — Chinelo de pelica levíssimo. Artigo de primeira qualidade, sola flexível, nas côres azul marinho e preta. De 33 a 39, Cr$ 75.00. O mesmo artigo, sem salto, Cr$ 72,00.



2 — Chinelo de ótima pelica, fechado, muito leve e elegante, próprio para pessoas que apreciam o melhor. Sola flexível. Nas côres grená e preta. De 33 a 39, Cr$ 75,00. O mesmo tipo, em feltro, em grená ou em azul. De 33 a 39, Cr$ 70,00.



3 — Chinelo de vaqueta, marron, solado costurado, artigo forte e durável. De 33 a 44, Cr$ 30,00.



4 — Chinelo "Baiano". Acolchoado. Todo de couro, com fivela e enfeites brancos no peito do pé. Artigo muito resistente. De 33 a 44, Cr$ 30,00.



5 — Chinelo aberto, forrado de couro, de 33 a 44. Cr$ 25.00. Chinelo de sola, colado. De 33 a 44, Cr$ 20,00. Chinelo de primeira, solado, costurado a mão, de 33 a 44, Cr$ 25,00. Chinelo para crianças, artigo de sola. De 22 a 32 — Cr$ 12,00.



6 — Chinelo "chagrin", artigo extra, marca CASTANHO. De 33 a 44, Cr$ 75.00. O mesmo tipo, em couro, e na mesma numeração, Cr$ 38,00.



7 — Chinelo de lã, para ser usado fechado ou aberto. Tipo propaganda. De 33 a 40. Cr$ 25,00. O mesmo tipo, artigo bom e lã de primeira. De 33 a 40, Cr$ 50,00. O mesmo tipo, qualidade extra, com acolchoado, marca CASTANHO. De 33 a 42, Cr$ 75.00. CHINELO DE LIGA, com salto, de 33 a 44. Cr$ 16,00.

Ao fazer o seu pedido, escreva com clareza o número do chinelo, seu nome, cidade e Estado

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL por carta ou por telegrama, para

CASA RANIERI LTDA.

RUA CAETÉS, 317 — End. Telegr.: "Ranieri" — Belo Horizonte — Minas

O PARTIDO LIBERTADOR

(Cont. da pág. 12)

mente esclarecidas as áreas em que se vai travar a luta (pelo menos até o momento em que preparamos estas páginas) já se pode dizer que os grandes partidos políticos estão com suas tendas de campanha devidamente instaladas e com as tropas em marcha para a batalha das urnas.

A êsse panorama vem juntar-se o P.L., formando ao lado do sr. Eduardo Gomes e lhe dá todo o apoio de que dispõe no sentido de contribuir com os seus contingentes eleitorais. E' uma adesão valiosa e que deve pesar na balança das possibilidades para a eleição de outubro próximo.

O fato constituiu motivo de palestras e comentários nas rodas políticas e entre o povo que acompanha com a mais viva atenção êstes acontecimentos que tanto caracterizam as pugnas da democracia. A imprensa apreciou o caso e bordou os comentários que o momento oferecia. O sr. Raul Pila, Presidente do Partido Libertador, homem de reputadas tradições de honestidade mental em nosso meio, além de jornalista e parlamentar é, sobretudo, um político sincero e de indiscutível respeitabilidade.

Abraçando a candidatura do Brigadeiro êle é coerente consigo mesmo, sentindo-se jubiloso com a ratificação do movimento pelos seus companheiros de lutas partidárias. A Primeira Convenção Nacional do Partido Libertador, levada a efeito no auditório da A.B.I. veio definir mais uma atitude política em face da sucessão.

Dê-me a sua mão..

(Cont. da pág. 24)

O prof. Mendes explicava com eloquência. Admirável a sua demonstração. Examinou, mais tarde, nossas mãos e contou, tim-tim por tim-tim, todos os episódios interessantes de nossa vida passada, prevendo fatos futuros e aconselhando-nos quanto aos prováveis deslizes do Destino.

Contou-nos que nossos pais já haviam morrido (isso êle já sabia...); que tínhamos ganhado em loterias; que tínhamos passado por uma operação cirúrgica, aqui e acolá; que éramos sujeitos a ser feridos por ladrões; que o nosso noivado se tinha acabado; que íamos morrer lá por 1960 ou 1970, etc.

Tudo muito certo, muito exato. Veio-nos até a idéia de que o vidente tinha parte com o diabo...

Depois, ao ler a mão do meu amigo Jorge, exclamou:

— Viva! Esplêndida mão! Notável! Magnífico!

E franzindo o sobrecenho:

— Mas, note bem, meu amigo: o senhor terá um grande triunfo diante de si, depois, porém, de uma grande catástrofe. Uma catástrofe e um belo triunfo em seguida!

— Não espero nenhum futuro bom, prof. Mendes — interrompeu Jorge — pois sou da gandaia e não tenho ambições particulares...

— O senhor não o espera, mas a catástrofe e o triunfo estão à espera do amigo, muito longe daqui.

— Não penso em partir jamais dêste vilarejo, profesor.

— Não pensa, mas partirá. E, como tôda viagem lhe é perigosa, prevejo que tomará parte em um pavoroso desastre aéreo!

Jorge tossiu, coçou a orelha, gracejando:

— Quando poderei mandar riscar a cova, prof. Mendes?

— Não faça troça, caro Jorge. Espere a bomba estourar no próximo ano...

— Tem certeza, professor?

— Absoluta! Como já disse, vejo um pavoroso desastre, em que quase todos morrerão, menos o senhor e, talvez, menos alguém... Depois, virá o seu triunfo... a pompa de um casamento...

— Eu, casar?... Com que roupa, "seu" Mendes!? Pobreza aqui é como os morcegos na capelinha do arraial: temos de sobra...

— Não se afobe, Jorge, pois vejo uma chuva de oiro caindo sôbre sua cabeça... Eis tôda a história de sua mão. E é só.

— Muito bem. Estamos satisfeitíssimos. E agora, uma pergunta, prof. Mendes: que nos diz o senhor sôbre a sua própria morte?

— Não posso prefixar datas. Não sou nenhuma divindade. Contudo, penso que morrerei naturalmente em 1958! Talvez, num setembro, dia 30... e já irei um pouquinho tarde...

— Diabo! O homem marca até as datas! Vamos embora, Jorge. Até logo, prof. Mendes.

— Até logo, amigos, e não se esqueçam de tomar nota de tudo em seus caderninhos...

★

No ano seguinte, feria-se a guerra mundial.

Muitos rapazes tinham sido convocados às armas, e o vilarejo do Taipas ficou deserto. Apenas aquêles mesmos coqueiros e bambuais estalando ao vento... um còrregozinho chorando, jururu, no meio das umbaúbas... um solzinho medonho pegando fogo nas ruelas de capim, no largo parado da capelinha... e o prof. Mendes, com um cigarrinho de palha espetado no canto da bôca, conversando com os astros, ou passeando com os gafanhotos que ziniam de ramo em ramo, nadando nos vapores tremulantes do veranico.

Distante de casa, nunca me lembrava do vilarejo sem recordar a figura magnética do prof. Mendes, com aquêle quarto cheio de mãos suplicantes...

Não sei se Jorge se lembrava também do vidente e daquela sinistra profecia. Não se lembrava, certamente, pois nem dera importância à tal história de catástrofe aérea. Vivia êle metido em comes e bebes, como um fanfarrão perdulário, sempre a dizer que sua vida era igual à de um cachorro "vira-lata", e que não via futuro promissor diante de si.

Chamado ao serviço militar, Jorge teve de pegar no duro, e já estava esfolado na caserna como um burro magro de carroça.

Lá um dia, recebeu êle ordens de seguir para Pernambuco. Veio abraçar-me, muito garboso, piscando-me aquêles seus olhos de sírio:

— Agora, sim, meu caro! A coisa está "de colher"! Vim despedir-me de você e saber o que o "bichão" manda pra Recife.

— Pois, não, Jorge: quando você pasar na Bahia, arranje uma morena pra mim... Quero casar com uma baiana!

— Indeferido, meu velho! Não vou por água, vou de avião.

— Chi! De avião?... Mas, nem se lembra você da profecia do nosso prof. Mendes?... Malandro, você não irá de avião!

— Qual o quê? Aquilo é patacoada! Aquêle nosso Mendes é amasêca e só sabe plantar açucenas! Sou malandro de morro e topo qualquer parada...

— Bem, tome um abraço paternal e vá depressa, desgraçado!

— Estou indo... Um beijinho nas crianças, e outro no prof. Mendes.

E lá se foi o Jorge, assobiando um samba.

À bôca da noite, o avião deixou o aeroporto, rumo de Pernambuco, levando o novo pracinha.

★

A noite havia descido, negra de ébano, açulada de ventos rijos.

A temperatura preludiava iminentes transtornos atmosféricos. E a foice luminosa de um minguante havia deixado o céu.

Com efeito, ameaçava desencadear-se um temporal. Os nimbos já começavam a rebolear-se na amplidão, como se fôssem perseguir, longe, o avião de pasageiros. Resplendores fosfóreos cintilavam de lado a lado, como esteiras de fogo-fátuo que brotassem das pirâmides gasosas do infinito...

Apesar das ameaças do tempo, o avião prosseguia sua rota, noite a dentro. Os pilotos estavam esperançosos de alcançar, sem aterragem forçada, o primeiro aeroporto.

A rota, porém, se tornava, aos poucos, um labirinto perdido. E, de um momento para outro, um furacão principiou a varrer a extensão fuliginosa, numa velocidade, talvez, de trinta metros por segundo.

Repentinamente, deu-se um atrito elétrico na imensidade, com o fragor de um fenômeno sísmico que se aproxima. E, num ronco de catadupa, ao fuzilar de relâmpagos, uma avalanche cônica, uma espécie de tromba, adelgaçando-se do nimbos e turbilhonando sôbre si própria, estampou-se à frente, como para estourar de encontro ao avião.

Ao aparecimento dessa muralha líquida, cuja base ficava na terra e cujo cimo se ligava aos nimbos, irromperam gritos de horror a bordo.

Em seguida, forma-se uma descarga elétrica. Ocorre a paralisação de motores. E tudo fica às escuras, ao ribombo de trovões.

Correrias, confusão. E, finalmente, o cáos a bordo. E a tromba aérea como que engole o avião em sua dança macabra, abismo a dentro...

Segundos depois, o aparêlho não era senão um pedaço de lâmina a girar na treva, e precipitava-se num pantanal, nas proximidades do rio ...oxoró.

★

Pela madrugada, amainara o temporal, deixando um quadro sangrento.

Frangalhos ainda fumegantes do avião, corpos despedaçados juncavam o solo pantanoso, aqui e ali, à beira do rio. Pedaços de braços, molambos de roupa, pernas mutiladas e crânios decepados, dependurados em galhos ou boiando nos mangais, figuravam o açougue da morte...

A intensidade da tragédia dizia não haver escapado um só passageiro. No entanto, passado algum tempo, uma cabeça sanguinolenta surgiu do meio de um juncal. Um vulto como que se esforçava por sair de entre as plantas aquáticas. Um sobrevivente, talvez, remexia os juncos por ali... Um sobrevivente, sim, salvo milagrosamente, atirado espetacularmente à lama do pântano.

O coitado, ofegante, procurou respirar, mas entrou em colapso.

Mais tarde, voltando ligeiramente a si, começou a perceber vagamente as coisas. Abriu, a custo, os olhos e compreendeu que tinha havido um terrível desastre. Quis erguer-se. Não pôde. Sentiu que estavam fraturados alguns ossos das pernas. Mal poderia arrastar-se no barro, como um caramujo ferido.

O painel de morte, em tôrno, lhe dava náuseas e vertigens. Em sua

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30.00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legitimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS — **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



visão, chispas tremulavam como uma vela à mingua de ar.

Os ferimentos lhe doíam muito. Seu coração já quase não batia direito... E, como a sêde lhe queimava a garganta, tentou rastejar até a uma poça, em baixo, senão quando viu uma cabeleira de mulher emergindo, a dois pasos dali, do meio de juncos e lama areenta. Esforçou-se por rastejar, mais e mais, até próximo daquele corpo. Notou logo que os membros dêle davam sinal de vida.

Era um corpo de mulher. Apesar de se achar com os cabelos chamuscados e tôda cheia de rasuras a minar sangue, a desconhecida parecia formosa. Seus restos de vestido e seus anéis deixavam transparecer que era moça de fino requinte.

De seu colar arrebentado pendia u'a medalinha de Santa Teresinha, e na pulseira de ouro estava gravado seu nome — Heloísa.

— Heloísa! He-lo-ísa! — chamou o companheiro da pobre moça, o qual outro não era senão Jorge.

A jovem não respondeu. Seu corpo se contorcia, como para morrer.

Jorge pegou-lhe na mão gelada e inerte. Afastou da lama, a custo, a face dela. Poderia morrer mais depressa, asfixiada no pântano, se êle não a movesse um pouco dali. Nada mais, porém, podia fazer. Estava liquidado também. Restava-lhe confiar na Providência Divina. Ficaria deitado ali, curtindo dores e velando a pobre mocinha, até que, corrida a notícia do desastre, viesse alguém em socorro de ambos.

Quando o sol abriu os olhos, manhã ainda azulada, dois aviões da Marinha sobrevoaram o pântano da tragédia.

Mais tarde, apareceram fura-matos, encontrando os dois sobreviventes em completo esvaicimento. Dois "jeeps" conduziram-nos, então, para Recife, tendo sido ambos internados em um hospital.

★

O início dêste ano acenou-me com uma surprêsa magnífica: convidaram-me para servir de padrinho em casamento de luxo, lá em Recife.

O Jorgé ia casar-se. Tinha-se apaixonado justamente pela desconhecida que êle encontrara no pântano do rio Moxoró. Ia unir seu destino ao destino igual de Heloísa, a linda pernambucana que êle nunca imaginara conhecer — filha de um banqueiro que jamais sonhara vir a ter um genro tão pobre como Jorge.

Voei, mais que depressa, para Recife, e fui encontrar um palácio diante dos olhos. Assisti a um casamento de fidalgos, como num conto das "Mil e uma Noites"...

No momento de abraçar os noivos lembrei-me, nitidamente, do prof. Mendes, lá distante, perdido no vilarejo dos Taipas, e disse ao Jorge:

— Dê-me a sua mão e dir-lhe-ei quem é...

Tinha-se realizado a grande profecia.

Resta-nos, agora, esperar a indesejável morte do prof. Mendes em 30 de setembro de 1958...

OUTRO CAMINHO

(Cont. da pág. 22)

Revoltei-me:

— Pois faz muito mal. Essa gente simples e sem maldade deposita em você a sua crença e não merece ser assim ludibriada em sua boa-fé.

Êle riu-se e veio sentar-se mais perto de mim.

— Sempre me repreendendo, hein, Ema? Olhe que isso é bastante sintomático... Bem, eu mesmo não poderia esperar que o meu fascínio não se estendesse também até você...

— Não resta dúvida que você é bastante presumido.

Levantei-me e atirei-lhe mais esta:

— Nem parece que você me ache tão inteligente, como diz...

Ia me dispondo a deixá-lo, quando êle veio até mim, retendo-me pelo braço:

— Acho-a inteligente, sim senhora. No entanto não creio que se deixe governar pela inteligência, minha prima. Você é muito mulher para isso... E, ademais, não é da marca dêles aqui. Você está fora do seu meio... sinto-a desajustada, Ema. E sob todos os pontos de vista... Até em relação a Anselmo...

Por que eu me detinha a escutá-lo? Por quê? Talvez aquelas coisas novas tivessem me surpreendido apenas como novidade, ou quem sabe, eu já sentisse a sua atração nos desvãos da minha alma, o expurgo de idéias que eu julgava viverem em mim em estado latente. O certo é que eu o escutava, inventando um enfado que estava longe de sentir. E, mesmo pressentindo nêle uma maldade inata, não podia deixar de me sentir atraída pelo seu poder de persuasão. E êle me dizia ousadamente:

— Não adianta fugir, Eminha... Eu sei, você se sente infeliz, oprimida... Não é essa a vida que você queria... Leio em seus olhos um anseio de novas emoções, uma sêde de vida, de libertação... E isso porque a sua inteligência já foi cultivada, porque você já adquiriu conhecimentos um dia, e não pode sentir-se feliz estacionando como agora. Você tem necessidade de se expandir, de ampliar o seu mundo. A compulsão mata, destrói... Você merece e precisa outra forma de vida. E você quer outra vida... mesmo subconscientemente...

Olhou-me nos olhos, vitorioso:

— E' por isso que eu sei... você fixa em mim um interêsse secreto... você sabe que só a minha inteligência poderá arrancá-la das trevas em que vive...

Tive um súbito movimento de reação:

— Você está seguro demais de si mesmo, Roberto. Essas coisas não passam de fantasias da sua imaginação. Eu sou feliz e me sinto em paz aqui, no meio dessa gente simples, humilde e boa. Não desejo outra vida, Roberto. Não... Você falhou em sua psicologia, meu caro...

— Não acredito. Estou em condições de não acreditar, Ema. Nenhuma criatura superior há-de se sentir feliz entre mediocres.

Fui positiva:

— Isso é apenas um ponto de vista seu. Mediocres, ou não, essa gente merece a minha estima e é digna do meu respeito.

Mas estaria eu mesmo tão segura de mim? A alma humana é insondável. Pensamentos firmes, decisões inabaláveis, pontos de vista definidos podem, súbitamente, perder a razão de ser, diante de um sentimento, mormente quando êle constitui surprêsa, e, fatalmente, quando aparece depois de amadurecido. Embora eu lutasse para não me deixar abater, intimamente já me sentia transformada. Tudo o que sempre me atraira e encantara, dava-me agora à alma, um gôsto amargo de coisa incompleta. Vivi momentos de desespêro e de dúvidas atrozes, como eu jamais pensara atravessar em minha vida conjugal. Passava longas noites em vigilia, oprimida, exausta de tanto pensar, medindo e pesando as coisas sob novos pontos de vista, equiparando a minha anterior forma de ser, com a nova filosofia de Roberto. E Roberto insistindo sempre, não perdendo oportunidade de se infiltrar na minha mente, nos meus nervos, nos meus sentidos. Absorveu-me de tal forma que era já uma tortura viver a seu lado sem o direito de expandir os meus desejos contrariados, receiosa de perder os meus valores antigos. Foi quando as coisas mudaram súbitamente e eu pude despertar da minha confusão interior e penetrar a alma de Anselmo.

Excusado dizer que, durante o meu delírio, a dignidade de Anselmo sempre me pesou como uma advertência irritante. A lembrança da sua postura, do seu feitio equilibrado, eu me sentia extremamente indigna e desleal. Se bem que a minha queda fôsse apenas mental, a sensação de culpa era a mesma, como se situações vividas apenas na imaginação, já se tivessem realmente consumado. Foi então que houve um imprevisto que fêz com que eu recuperasse de um sôpro todos os valores perdidos.

★

Roberto estava no alpendre de madrugada, olhando o sol nascer. Assim, na campina livre e imensa, a perder de vista,

(Cont. na pág. 50)

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

"Êle depende da Sra...



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



O PADEIRO BRAULINHO

(Cont. da pág. 3)

teza. Os lacaios (José Diogo e Carlos Alberto), demoram-se na limpeza do trono, enquanto a Princesa (Sônia Keller), passeia pelas salas. Aparece o filho do jardineiro (Ed. Castro), entrega uma rosa à Princesa, que a leva aos lábios. O Rei (J. Malaman), seguido do Capitão, senta no trono e manda chamar o novo médico. Surge Braulino e é forçado pelos soldados (José do Nascimento, José Carlos e Rui Caldas) a dizer que curará a Princesa. Pede auxilio divino e uma voz sugere-lhe a pedir ao Rei que o deixe sòzinho com a Princesa. Assim faz e é atendido. Aparece o filho do jardineiro e a Princesa fala com êle, deixando maravilhado o padeiro. Revela a moça que fingia-se de muda para não casar com o Príncipe Alonso o Grandalhão, conforme desejo do pai, pois era êle mau e feio. Os dois namorados querem que o padeiro os auxilie e combinam dizer ao Rei que a Princesa só ficará boa se o filho do jardinenro lhe der um beijo na face. O Rei não quer, pois seria obrigado por lei a entregar como espôsa sua filha ao rapaz, mas afinal termina cedendo. E' chamado o filho do jardineiro, dá um beijo na Princesa que readquire a voz e os dois vão casar. Olivia Dente-Grande e a espôsa do padeiro vão até o palácio, pois arrependeram-se da história que inventaram sôbre o padeiro e pedem para serem perdoadas. O Rei descobre tòda a trama urdida não só pelas duas mulheres, com também pela filha para não casar com o Principe Alonso Grandalhão. Mas já não pode fazer mais nada. Os dois jovens estão casados. Ouvindo o relato, Olivia Dente-Grande beija o Capitão e os dois são obrigados pelo Rei a casar, pois não podem fugir à lei. O Capitão fica triste, acha a mulher feia e o Rei, para acalmá-lo dá-lhe o título de Marquês Viralata. Assim, em meio à alegria geral, são festejados os dois casamentos.

O CASAMENTO DE "HAMLET"

(Cont. da pág. 11)

enlace. Seguida de uma recepção oferecida aos muitos convidados, foi uma reunião social como outra qualquer. Antes, o ato presidido pelo Juiz de Paz, o consentimento, a assinatura, os padrinhos, as fotos, o arroz, e o beijo. Depois os abraços, mais beijos, os cumprimentos, o corte do bôlo tradicional, os salgadinhos, os doces, os coquéis.

Assim, em companhia dos artistas, dos amigos e dos admiradores presentes, consorciaram-se dois dos mais moços artistas do teatro brasileiro. O voto de todos nós é que a felicidade não impeça de continuarem batalhando para o aperfeiçoamento da arte cênica em nosso país e que essa luta não impeça a felicidade de reinar para sempre no lar que ora se forma.

AVENTURAS DA VÊNUS...

(Cont. da pág. 15)

ção seus decobridores deviam saber a posição primitiva dos braços e tinha-se a posibilidade de completá-la.

A Vênus de Milo ainda passou por mal bocados em 1870-71 quando os alemães estavam ante Paris. A estátua foi escondida no fundo da adega da prefeitura policial, construiu-se uma parede em tôrno dela e ante esta parede foram colocadas pilhas de papéis importantes para, dêsse modo, distrair a atenção do inimigo. Infelizmente, êsses cuidados excessivos só trouxeram prejuízos; a prefeitura policial foi, durante agitações, queimada pelos parisienses e depois de retirada do esconderijo foram notados mais alguns danos na deusa.

Hoje as paixões acalmaram-se, mas continua-se ocupado com o mistério da Afrodite de Milo. Ela, porém, continua inacessivelmente bela como uma esfinge e ninguém conseguirá resolver seu mistério. Talvez seja melhor assim. Das muitas tentativas de reconstrução nenhuma conseguiu os aplausos gerais, sempre notou-se algo impróprio, um espírito diferente. Mesmo completada exatamente ela nunca seria o que é para nós. Porque nós amamos o fragmentário, o incompleto e precisamente a aventura e o mistério que a cerca, torna, como acontece com mulheres belas, mais desejável aos nossos olhos a Vênus de Milo.

TOURADAS EM MADRID

(Cont. da pág. 33)

natureza já contaminada de tantas manifestações violentas e próprias da época turbulenta em que vivemos? Se mesmo proibidas as touradas, os ânimos da mocidade timbram em manifestar-se de modo pouco pacífico ao assistir — por exemplo — a um espetáculo cinematográfico — o que acontecerá quando assistirem a "isto" pela primeira vez? Será o desporte tauromáquico, por alguma razão, aconselhável nessas circunstâncias? Não vemos porque. E' muito preferível conservar a proibição dos nossos dias, porque emoções violentas não faltam no Rio, mesmo sem touradas. E afinal, não encontramos, a rigor, o apregoado heroismo dos toureiros. Heroismo maior é do animal que acaba imolado na arena sem benefício algum. Quando o touro aparece, enfurecido, picado nos bastidores, não é o heróico e bem enfarpelado toureiro que o recebe — mas o picador. E o picador, coitado, não passa de um pobre homem cavalgando um trôpego quadrúpede de olhos vendados por um pano espêsso, para não ver o touro, ou do contrário dêle fugiria a sete fôlegos. Permanece o picador, do alto da alimaria, de lança em punho, sempre encostado ao tapume de madeira, para receber as investidas do animal enfurecido. E quando êste avança, procurando enfiar as hastes no estômago do cavalo cego, não o fazendo porque esbarra na sela comprida de proteção, forrada de tecido bem forte — o picador crava-lhe, no lombo, um espigão de ferro com o comprimento de dez ou quinze centímetros. E' bárbaro, sem dúvida. O sangue espirra — e as energias do touro começam a reduzir-se por fôrça. Não raro, assim mesmo ferido, êle repete a arrancada contra a barriga do cavalo, de encontro ao tapume, e lá vão, de roldão, cavalo e cavaleiro de mergulho em terra. Mas quando o touro, vitorioso nesse primeiro lance, insiste em destroçar o duplo adversário, lá vem os bandeirinhas, de pano rubro nas mãos, desviando-lhe a atenção para o meio da arena. Por vêzes o cavalo sai mancando, senão estripado. Mas não o retiram. Ferido que esteja, maltratado, sem merecer a menor atenção do público, ali fica, sempre de olhos tapados, enquanto o picador volta a montá-lo para outros e repetidos golpes de ferrão espigado no dorso do touro já ensanguentado. As farpas vão se pendurando pelo corpo além do animal. E o espoucar do sangue, desvitalizando a vítima, arranca mais e mais ensurdecedoras exclamações da assistência.

Só nessa altura se faz ouvir o toque de clarim, mandando arredar picador, cavalo cego e "banderillas". E' a vez do herói, do galã, do bonitão: entra o toureiro de farpela dourada, galões vistosos, jaqueta curta por cima das ancas, joelhos apertados no calção de múltiplos botões brilhantes — quando já o touro perdeu o melhor de suas energias. E o que sucede a partir de então, serve apenas para consagrar o matador e tirar a vida ao alvo de seus desesperados ataques.

★

Claro que há muito requinte de técnica nesse frente-a-frente de touro e toureiro. Ninguém vai negar que também o segundo expõe a vida na arena, pois ao menor descuido, o animal saberá tirar partido da situação, mandando-o para os anjinhos. Foi numa dessas emergências que o famoso Manolito perdeu a vida — e até hoje, velhos e novos, homens e mulheres, crianças e adultos choram a sua perda, na Espanha, como o de um legitimo herói nacional. Mas, convenhamos, quem leva a pior é sempre o touro. E não há memória de nenhum dêles cortar a orelha do matador e sair carregado nos ombros, como o vitorioso da tarde... O "gran capitan de la toreria", há de ser sempre o moço vistoso das "manoletinas" e "molinetes", dos "adornos" e "desplantes", com o estoque em punho, protegido pelos segundos da arena, enquanto êle espera firme a investida do bicho, cravados os pés na terra, desenhando com a melhor geometria taurina figuras imaginárias de as mãos ao alto, as farpas em riste, o pano escarlate na "muleta" e por fim a lâmina afiada do florete que vai enterrar-se, até o cabo, no corpo exausto da vitima.

Quando, porém, mesmo ferido de morte, a agonia é demorada, o clarim ordena o golpe de

(Cont. na pág. 50)

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADORNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

★

Preço - Cr$ 25,00 sem mais despesas

★

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DUZIA



Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1049
SANTOS (Est. São Paulo)

Lustres de Cristal

FRANCESES E TCHECOS

O maior, o melhor e o mais deslumbrante sortimento

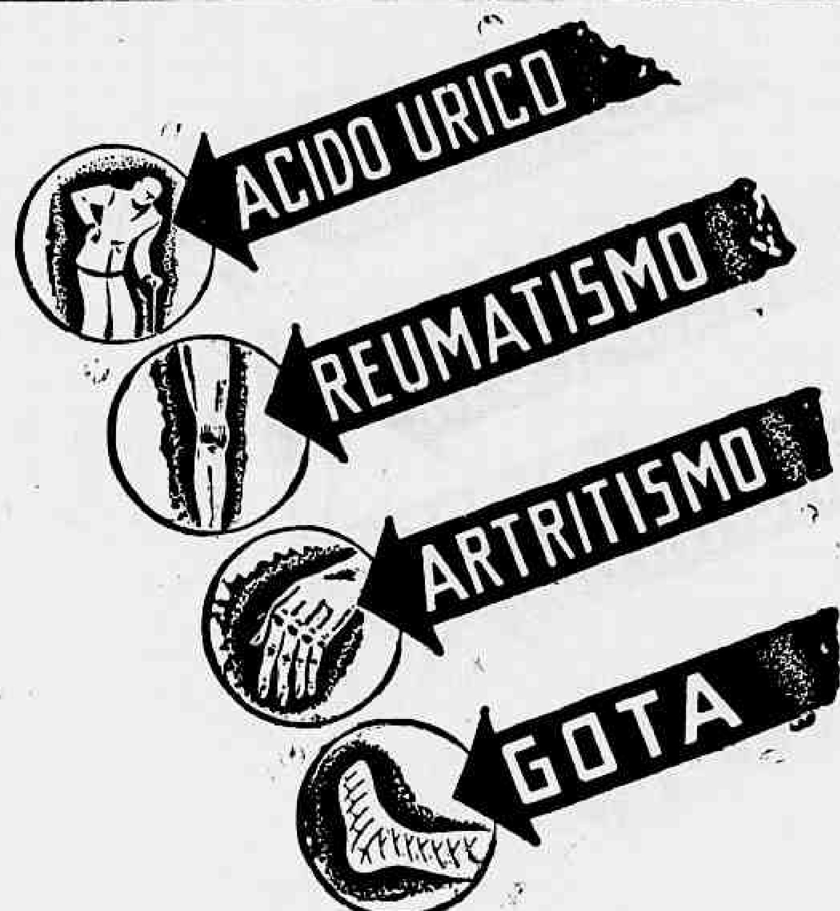
NA

PRINCEZA DOS CRISTAIS

A MAIS FINA CASA DE LOUÇAS

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida



LYTOPHAN

A SAÚDE DO BEBÊ

QUESTÕES DO ALACTAMENTO MATERNO

DR. SABOIA RIBEIRO

As mães devem esforçar-se sempre o mais que possam, a fim de que jamais falte a seu filhinho o seu próprio leite em quantidade suficiente, muito menos falte por completo, o que, afinal, depende sobretudo delas próprias, exclusivamente.

De fato, quando acontece faltar o leite à criancinha, abaixo dos três primeiros meses, há sempre dificuldades a vencer, nem sempre fáceis, pois nenhum leite supera ao leite materno, nesse período.

E' a vida repousada, a alimentação cuidada e suculenta, a sucção enérgica do bebê durante a mamada (o que estimula a função glandular do seio, esvaziando-o e fazendo vir mais leite), as principais condições que asseguram a continuidade da secreção dos seios, até o momento de passar o alactamento, de exclusivamente *natural*, a *misto*.

Se, nas diferentes horas, a secreção dos seios pode ser maior nessa que noutra mamada, é sempre vantajoso a fixação do horário desde logo a primeira semana, de 3 em 3 horas. A verdade, por outro lado, é que o estômago da criancinha só se esvazia do leite ingerido em uma mamada, sòmente depois de um período acima de 2 horas, e o exame aos Raios X mostram mesmo que, em média, isto sòmente se dá depois de 2 e meia horas.

Seja como fôr, criança que mama a tôda hora é criança que faz do seio materno menos fonte de uma satisfação natural do que objeto de vício, e tantas vêzes mame o faz quase sempre sem vontade.

Ora, vimos que para que os seios secretem bastante leite, necessário se torna, sempre, que o bebê os sorvam com energia e vontade, digamos mesmo, com gula.

Na hipótese, portanto, de a amamentação não ser conduzida com o devido método e regularidade de horário (de 3 em 3 horas, até o sexto mês), poderá dar-se, então, o estarrecimento dos seios, o que acontece, muitas vêzes, no decurso apenas de poucos dias.

Aliás, o preparo de uma boa lactação deve datar ainda da gestação, mediante certos cuidados mercê, principalmente, da alimentação da mulher e cuidados com os seus.

Na verdade, acontece muitas vêzes que, durante todo o período da gravidez, a gestante não observou um regime alimentar capaz de possibilitar uma boa secreção futura do leite, não sòmente sob o aspecto da *quantidade* como da *qualidade*.

Devido a sua riqueza em ferro, cálcio e fósforo, no regime da gestante não deverão faltar alimentos como — queijos, quiabos, rabanetes, couve, agrião, chicória, limão, gema e clara de ôvo, ervilha, vagens, espinafre, feijão, farinha, arroz, batata, bertalha, língua, extrato de carne, cacau, vísceras, aveia, leite, abacate, peixe do mar, trigo e centeio, aipo, banana, pera, chuchu, selga, azeitona, etc.

Como boa fonte de vitaminas, entrará ainda no regime — tomates, laranja, cenoura, suco de frutas, verduras.

Organismos desnutridos ou mal nutridos não estão em boas condições de fornecer boas nutrizes, e também acontece que as crianças, nessas condições, já vêm ao mundo com um notável deficit do pêso e fracos depósitos de vitaminas, manifestando-se, logo cedo, nêles, a anemia e certos sinais das avitaminoses.

Fetos mal constituidos durante a gestação, e pequenos, não raro tornam o parto prolongado, devido as posições defeituosas que tomam no ventre materno, dificultando o próprio nascimento.

Mas o que queremos é encarecer as vantagens de criar, durante a gestação condições favoráveis à lactação abundante materna, já por sua alimentação completa sob todos os pontos de vista durante a gestação, já mediante a instituição de um horário, nascido o bebê, em que o seio sòmente lhe seja dado em horas certas.

Uma das circunstâncias que mais levam as mães a abandonar o alactamento ao seio, é representada pela ausência ou depressão do bico do seio, ou rachaduras que nêle se desenvolvem.

Ambas as situações não justificam só por si o desmame da criancinha.

No primeiro caso — ausência ou depressão do bico do peito — o recurso é aplicar um bico de borracha ou iniciar o alimento com o leite extraido de 3 em 3 horas por intermédio de uma bomba apropriada a êsses casos, sendo necessário esgotar cada vez o seio para evitar que a secreção desapareça.

Com as manobras repetidas de tração e sucção da bomba, o defeito de conformação do bico do peito vai desaparecendo, permitindo à uma pegada firme, ulteriormente.

Na hipótese de rachaduras do seio, que são, aliás, grandemente dolorosas — pode-se, ou ainda fazer uso de um bico artificial, ou também com o uso da bomba extrair o leite e dá-lo na mamadeira à criança.

Como remédio, localmente, cumpre lavar o seio com água fervida depois de cada mamada, pincelando as fissuras com uma solução de nitrato de prata a 3% (vidro de côr), passando em seguida a seguinte pomada:

Nitrato de prata	0,10 grs.
Bálsamo do Peru	0,30 grs.
Anestesina	0,50 grs.
Lanolina	3,0 grs.
Vaselina	20,0 grs.

Essa pomada deverá ser retirada antes da nova mamada, com o auxílio de óleo de vaselina ou azeite.

BALANÇA PARA BEBÊ

Vende-se uma em perfeito estado. Informações pelo telefone 49-3046.



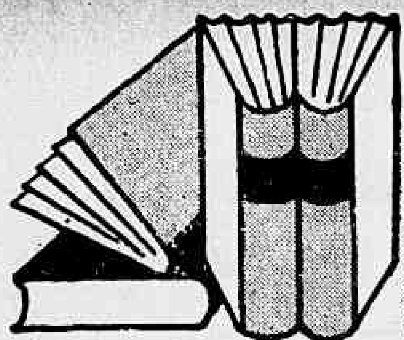
Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

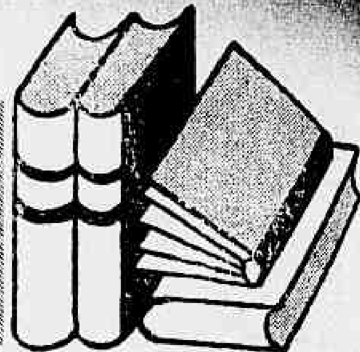
Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



SEMANA LITERARIA



SHAKESPEARE HUMORISTA



SHAKESPEARE humorista. Sim, do humorismo mais popular, não daquele espírito que atribuiu às suas personagens, nas comédias. Um dos mais importantes documentos biográficos sôbre Shakespeare é a famosa "crônica" de John Aubrey. Essa autoridade, muito citada pelos defensores de Shakespeare, na célebre polêmica a respeito da autoria das peças do imortal poeta, atribuídas a Lord Bacon, essa autoridade, dizíamos, quando nos informa sôbre o "divino Will" conta o seguinte caso:

"Mr. William Shakespeare — escreve — nasceu em Stratford sôbre o Avon, no condado de Warwick; seu pai era açougueiro e contaram-lhe, certa vez, vizinhos seus, que êle havia exercido, em pequeno, o ofício do pai, mas que, quando matava um vitelo, êle o fazia em grande estilo e acompanhando o ato com um discurso. Havia, à época, naquela cidade, um outro filho de açougueiro que não era menos bem dotado que seu concidadão, mas êste morreu jovem. Êste William, sendo naturalmente votado à poesia, veio de Londres, acho eu que com cêrca de dezoito anos. Êle era ator em um dos teatros e representava superiormente; ao contrário, Ben Johnson nunca foi bom ator, embora bom "metteur-en-scène".

Começou muito cedo a fazer ensaios de poesia dramática, que, àquele tempo, era muito inferior, e suas peças resultaram muito boas. Êle era um bonito rapaz, elegantemente pôsto, de boa companhia e de uma grande vivacidade de espírito. Havia se inspirado para o papel cômico do "Sonho de uma noite de verão", em um indivíduo que conheceu em Grendon, no Buckinghamshire (onde estêve em uma noite de meado do verão, ao que suponho); a aldeia é sôbre o caminho entre Stratford e Londres; êsse personagem vivia ainda em 1642, quando fui pela primeira vez a Oxford. Monsenhor Jos. Howe, que é daquela paróquia, o conhecia. Ben Johnson e Shakespeare recolhiam sempre, por onde iam, as esquisitices dos homens. Um dia, êste último estava jantando em uma taverna de Stratford; um certo Combes, um velho usurário, ia ser enterrado, e êle propôs êste epitáfio:

CI-GIT

Celui qu'on nomme dix pour cent
Je parie cent contre dix
Qu'il n'ira pas au paradis
Lorsque Satan saura
Qui git dans cette tombe
Bien certain qu'il dira
A moi mon bon Jean Combe.

Transcrevemos o trecho da tradução francesa do célebre livro de Longworth Chambrun sôbre Shakespeare. Não quisemos, com uma segunda tradução tirar o delicioso sabor dêsse epitáfio, essa rara obra do genial poeta e que tão bem apresenta o homem, no "divino Will".

A PEQUENA ROSA DE MAIO

REALMENTE interessante essa figura de mulher, Nina de Villard, sôbre a qual Jacques Dyssord publicou uma página muito curiosa, dizendo dela que foi a madrinha literária de Villiers de l'Isle Adam. Foi de fato no seu pequeno hotel do número 17, na rua Chaptal, que Villiers foi "descoberto", isto é, revelado aos escritores de sua geração, lendo algumas cenas de seu drama "Morgane". A êsse tempo, o notável "conteur" se divertia naquele salão, improvisando ao plano páginas de grande beleza que nunca, entretanto, se dignou transportar ao pentagrama.

Em casa de Nina de Villard surgiram "Tribulat Bonhomet" — tão grande como

EDMUNDO LYS

"Joseph Prudhomme" — e "Bouvard et Pécuchet". Aos olhos de uma mamã benevolente, Nina de Villard presidia as reuniões um pouco cusadas de poetas e artistas cujos nomes ficaram na história das letras francesas e da boêmia parisiense. Mas quem foi essa Nina de Villard? Moça, rica, ela havia sido espôsa de Hector de Callias, jornalista e "boulevardier" que fazia profissão de homem de espírito. Em pouco tempo de casados, cada um seguiu o seu caminho. Ela voltando ao seu "salão"; êle, ao seu absinto.

Em casa de Nina de Villard, Villiers foi uma espécie de deus. Charles Cros — pai do poeta Guy Charles Cros — reinava sôbre o cenáculo e, por certo tempo, no coração da encantadora "maitresse de maison". Cros tinha, como disse Auriol, uns olhos de faquir. E da fascinação de sua palestra nos falou Louis Marsollean.

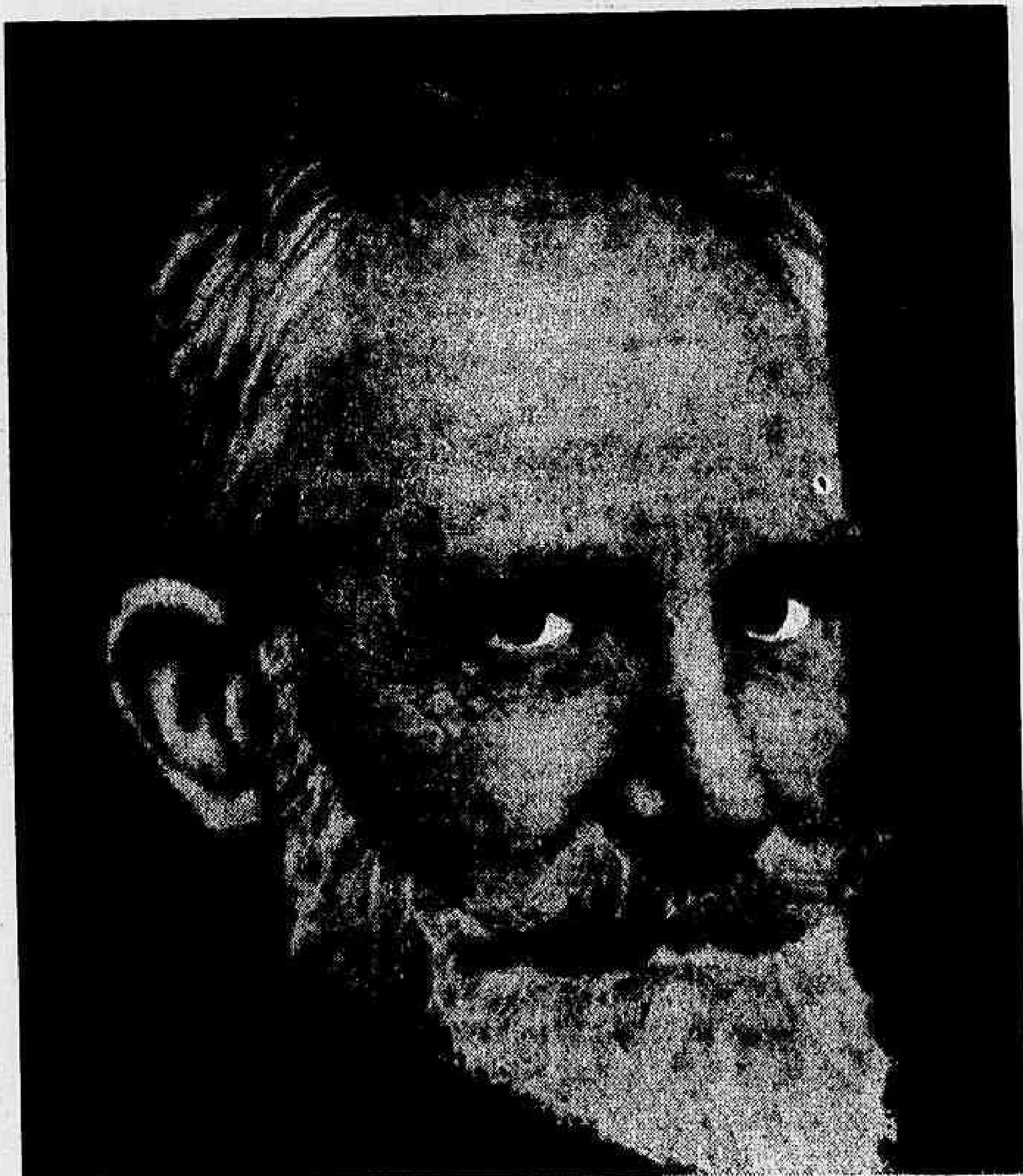
— Ora — conta Dyssordo — aconteceu que Charles Cros se apaixonou pela caprichosa Nina, amando-a, como podia amar um homem de sua espécie: como um louco lúcido, a quem sua loucura, portanto, faz sofrer duplamente. Um de seus poemas termina assim:

"Il est mort pour avoir aimé
La petite Rose de Mai."

"Rose de Mai" era o nome que êle dava a Nina de Villard. Perdendo-a, pelo menos perdendo o seu amor, inconsolável, o poeta entregou-se inteiramente ao notambulismo e à "Fada Verde", como se chamava, então, a perigosa beberagem verde que perdeu tantos poetas e artistas. Depois, veio a guerra e, depois, a Comuna. Nela foram comprometidos vários convivas do salàozinho da rua Chaptal: Raoul Rigault, que acabou fuzilado pelos versalheses como delegado à ex-prefeitura de polícia e procurador da Comuna; Villiers de l'Isle Adam, um momento capitão dos "enfants perdus" de la Villette; Verlaine, por fim, que ficou, imprudentemente, no seu "bureau" do Hotel-de-Ville. Então, Nina e sua mãe se refugiaram por algum tempo na Suiça. De volta, retomam as suas "soirées" em uma outra casa, o n.º 82, da rua "des Moines". Mas as reuniões não têm mais "o espírito" do outro tempo. Aos boêmios de gênio sucedem vulgares parasitas. Desiludida, a encantadora "marraine" literária se entrega, por sua vez, ao absinto, frequentando os cafés de Montmartre... Aos poucos, seu juízo vai se perturbando e ela começa a delirar... Acredita-se morta e fala em si mesma como de alguém que morreu... Esta é a breve e comovida história que nos conta Dyssord de uma amável figurinha do mundo literário do outro século... Dessa que foi a linda e volúvel "Rosa de Maio" do poeta Charles Cros.



GALERIA DE CELEBRIDADES



G.B.S. — e para que o nome? — o maior autor teatral de todos os tempos, segundo sua própria opinião, continua bem de saúde e cada vez mais interessado pela vida contemporânea. Ainda há pouco, a filmagem de suas peças teve sua assistência efetiva. E, mais recentemente, êle se submeteu a um debate literário num dos círculos mundanos inglêses.

DOIS POEMAS DE MARIA FERNANDA

DESESPERANÇA

O coração transborda de amor
e eu tão só, meu Deus!

O corpo despertou para a vida,
cada vez mais só, Deus meu!

Até no meu quarto a primavera
e eu tenho frio dentro de mim.

Só, tão só, cada vez mais só.
Senhor, mandai-me a hora da serenidade.

DESAMPARO

Ai, a triste solidão dos vivos!...
Pobre alma que morreu,
ó companheiro não mais!

Meu corpo não havia morrido
e despertou.
A minha alma morreu,
— o que será de meu corpo?

Sinto o espreguiçar de um demônio
que desperta com o meu despertar!

NOVA TRADUÇÃO DO "RUBAIYAT"



CORDÉLIA Fontainha Seta, jovem poetisa mineira que se estréia com uma primorosa tradução de «Rubaiyat», preferiu abandonar seus primeiros versos e oferecer aos leitores a poesia de Khayyam através de sua sensibilidade rica e de sua apurada arte do verso.

LIVROS BRASILEIROS NA POLONIA

«Geografia da fome», em polonês — Anuncia-se a publicação em polonês da conhecida obra do prof. Josué de Castro, «Geografia da fome». A edição polonesa dêste livro, que já foi vertido para o inglês, francês, espanhol e italiano, será lançada pela cooperativa editora «Czytelnik» (O Leitor). Esta é a primeira obra científica brasileira a ser vertida para o idioma polonês.

★

«Vidas Sêcas» de Graciliano Ramos — A mesma cooperativa editora polonesa lançará, dentro em breve, o romance «Vidas Sêcas», de Graciliano Ramos. O livro se acha no prelo. Alguns de seus trechos, publicados no ano passado por uma revista literária de Cracóvia despertaram um vivo interêsse entre o público polonês.

A tradução de «Vidas Sêcas» deve-se à sra. Janina Wrzosek, espôsa do ministro da Polônia no Brasil.

Uma outra obra de Graciliano Ramos, de cuja publicação se cogita é «São Bernardo». Possìvelmente também «Angústia» será traduzida para o polonês.

★

Jorge Amado em edições do «Clube do Bom Livro» — O «Clube do Bom Livro» — popular instituição, mantida pela «Czytelnik» — distribuiu no ano passado aos seus numerosos associados «Terras do Sem Fim», de Jorge Amado. Êste ano, o Clube publicará «São Jorge de Ilheus».

★

«Jubiabá» em folhetim — «Rzeczpospolita» — um dos maiores diários de Varsóvia — está publicando em folhetim «Jubiabá», de Jorge Amado.

Do mesmo escritor foram ainda vertidos para o polonês «Cacau», «Suor» e «País do Carnaval». Alguns trechos dessas obras foram radiofonizados e apresentados pela Radiofonia Polonesa.

★

Monteiro Lobato e uma antologia de contos brasileiros — E' provável que em futuro próximo seja preparado um volume com contos escolhidos de Monteiro Lobato e um outro, apresentando obras de vários contistas brasileiros, a serem lançados em Varsóvia.

★

CULTURA E ALIMENTAÇAO

A arte de comer bem tem agora a seu serviço uma revista interessante: «Cultura e Alimentação», publicada pelo SAPS, cujo diretor geral, o major Humberto Peregrino, confiou o trabalho da direção lieterária a Murilo Miranda. Entre os nomes dos colaboradores do primeiro número figuram os dos melhores escritores e publicistas: José Lins do Rêgo, Rubem Braga, Genolino Amado, Eugênio Gomes, Cecília Meireles, assim como especialistas de nutrição e ótimos ilustradores. Não se podia escolher meio mais simpático e persuasivo para divulgar as noções fundamentais acêrca da alimentação sadia.

FORA DO PRELO

GALO E MORCÊGO — Gibson Lessa — Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte

Gibson Lessa é com certeza um poeta que o jornalismo absorveu. E a profissão não apenas lhe furtou a técnica do verso, habituando-o à prosa. O título dêste livro de idéias e de opiniões — sobretudo de opiniões — é um resíduo de poesia, juntando, para um contraste simbólico, o arauto festivo das madrugadas e o silente e solitário "habitué" das trevas. Mas êsse título não é, na sua significação, um contraste. Antes, representa um ponto de partida unificador, mostrando-nos que o pensamento e os conceitos não sofrem das alternativas da luz exterior, nem da constituição particular dos indivíduos. E nisso, nessa alegoria, é que encontramos o poeta que está "refoulé" em Gibson Lessa.

Dissemos que o jornalismo absorveu o autor. A própria feição dispersiva, a falta de unidade externa, o aspecto fragmentário de "Galo e Morcêgo" provam isto. Também o estilo nervoso, de frases curtas, de expressões contundentes como látegos, com certo brilhantismo propositado, indicam a mesma coisa. O pudor do sentimentalismo, a acuidade crítica a ironia e o sarcasmo são outros elementos jornalísticos dêste autor que foge a qualquer doçura e que prefere a reticência sempre que não pode ser sêco, mesmo áspero.

Entretanto, não queremos chegar, por aqui, à condenação do livro, nem do autor. O aspecto planetário de sua obra, seu acerbo pessimismo, às vêzes, não excluem a simpatia que nos inspira, principalmente porque, apesar de sua alta voltagem de ironia, aqui encontramos uma atitude de combate — e a luta é sempre simpática. Certo ceticismo que o autor deixa purgar, aqui ou ali, não nos parece mais que um recurso de combatente que quer aliciar por essa aparência desinteressada do assunto. Mas isso é raro na obra que fixa uma posição e nos conduz aos seus objetivos, às suas opiniões que nos abalam, em geral, por essa forma direta e desbastada que rarefaz o ar em volta das idéias expressas de maneira brusca e quase explosiva.

"Galo e Morcêgo" é um obra atual, um depoimento contemporâneo, com as inquietações e agonias de nossa época, a procura ou, antes, a ânsia de soluções que as teorias não chegam a oferecer. E, por isso mesmo, por sua mensagem moral contida, por seu senso de humor diante das coisas mais graves, "Galo e Morcêgo" fala ao nosso interêsse e fecunda o pensamento.

★

RUBÁIYÁT — Cordélia Fontainha Seta — Edições João Calazan — Belo Horizonte

Esta poetisa mineira, sôbre cuja sensibilidade já nos falara Djalma Andrade, possuidora de talento e cultura, dedicou-se à tarefa ingrata de traduzir Omar Khayyám. E' curioso observar que o imortal poeta persa, cuja obra nada perde no correr do tempo, ressurge em cada geração, merecendo os tributos da juventude e, assim, se renovando, a cada vinte anos, como uma fonte fresca e inesgotável de poesia. A presença de Khayyám se marca pelas traduções de sua obra que, de tempos em tempos, aparecem entre nós. E isso prova a cada vez maior aproximação que buscamos com o seu espírito iluminado, pois dir-se-ia que aquêles que melhor comungam com a sua poesia não se satisfazem com as versões anteriores dos seus "rubái".

Cordélia Fontainha Seta é a autora desta nova interpretação do grande Omar em língua portuguêsa e, talvez, a primeira feita por uma mulher. Sua tradução vem somar-se às muitas já aparecidas entre nós, superando-as a quase tôdas, porém, em muitos pontos. Sobretudo o movimento dos versos e a estrutura das estrofes ganham aqui maior parentesco com a obra original, de acôrdo com o trabalho de FitzGerald, cuja primorosa quinta edição serviu à autora mineira. Em geral a contribuição pessoal dos tradutores do "Rubáiyát" se manifesta por um afastamento do texto de origem, interpretado através das traduções inglêsas e francesas. Há mesmo, entre nós, uma tradução em quadras rimadas, onde os poemas de Khayyám perdem todo o sabor oriental. Cordélia Seta preferiu conservar-se estritamente fiel ao texto de FitzGerald que tomou como roteiro. E, com isso, situou-se mais próximo do coração e da voz do poeta. Não nos parece menos importante, também, nesta tradução, o fato de ter sido feita por uma mulher. O sentimento da minúcia, a delicadeza de expressão dos poetas orientais são condições do clima feminino. E, por outro lado, êsse sensualismo como que envôlto em véus, essa poesia com uma leveza de carícia, própria às musas do oriente, são também particularmente sensíveis às mulheres, criaturas de sentidos e de amor, com o gôsto quase físico da palavra poética. Cremos que nisto está a melhor qualidade de sua tradução, apresentada em cuidada obra gráfica que muito recomenda a indústria livreira de Minas.

★

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A POESIA CRISTÃ — Agripino Grieco — Livraria José Olímpio Editôra — Rio

Acaba de aparecer, na edição das obras completas de Agripino Grieco, o quarto volume — "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã". Lemos com renovado prazer esta série de ensaios sôbre os grandes poetas cristãos, com que o planetário abriu um intervalo na sua obra causticante, para nos proporcionar um momento de doçura na companhia dos poetas que, depois do Poverello, trouxeram à poesia um pouco do céu prometido pelo Messias — quer, como o Dante, nos venha queimar o coração nas chamas do inferno; quer, como Antero, nos comunique as torturas da dúvida filosófica; quer, como Baudelaire, nos mostre a miséria humana mais lancinante; quer, enfim, como Alfonsus, se proste aos pés da Virgem para entoar a litânia das Sete Dores da Mãe de Deus.

O livro de Agripino Grieco é uma obra do mais largo interêsse, escrita nesse estilo que é um dos valores do crítico e do ensaísta, de prosa tão sedutora e cativante que arrasta o leitor e nos prende pelo sabor original, pela harmonia da frase, pela notação justa e colorida, pelo contôrno volutuoso dos períodos. Agripino Grieco é sem dúvida um de nossos últimos grandes escritores, pois, ao que parece, a literatura atual, entre nós, visa uma inversão da hierarquia e coloca no alto da escala exatamente aquêles que escrevem mal e pèssimamente, com um grande desprêzo da forma, do estilo, de todos os requisitos inseparáveis de qualquer obra literária.

A viagem de Agripino Grieco através da poesia cristã vem da legenda franciscana até os nossos dias, sendo o último poeta estudado aquêle grande José Albano, de quem há pouco Manuel Bandeira nos apresentou uma edição das "Poesias". E, assim, um significativo livro de estudos sôbre vários poetas dos mais variados climas, irmanados pela unidade do pensamento e da angústia, da poesia e da fé. Sobretudo oportuno, neste momento em que a poesia universal se volta para o Cristo, procurando um sentido para a crise contemporânea, buscando um lastro espiritual para a humanidade perdida, a que a física nuclear trouxe mais um elemento de agonia e desespêro — certo, a poesia, de que não há outros rumos senão o da Verdade e da Luz, êsse caminho que se abre aos nossos passos para pacificar todos os espíritos.

PEQUENOS POEMAS EM PROSA — Charles Baudelaire — Livraria José Olímpio Editôra — Rio

Tradução de Aurélio Buarque de Holanda, apareceu na "Coleção Rubáiyát" esta obra de Baudelaire conhecida indiferentemente sob êstes dois títulos que lhe deu o autor — "Le Spleen de Paris" ou "Petits Poèmes en Prose". No prefácio, aliás, o autor da tradução conta a história dêsses dois títulos com que o grande poeta batizou essas pequenas grandes páginas de prosa poética inseparáveis de seu outro livro, "Les Fleurs du Mal", como um complemento, se quisermos melhor conhecer o mundo baudelaireano.

Dedicando êste livro a Arsène Houssaye, Baudelaire poupou dos críticos o trabalho de defini-lo "uma pequena obra da qual ninguém poderia dizer, sem injustiça, que não tem pé nem cabeça: tudo nela, ao contrário, é ao mesmo tempo cabeça e pé, alternativa e reciprocamente".

Como confessa mais adiante, inspirado em "Gaspard de la Nuit", de Aloysius Bertrand, Baudelaire objetivou, nos seus "Pequenos poemas em prosa" — agora aparecidos nesta bela tradução, numa edição muito cuidada e na apresentação luxuoso que caracteriza a "Coleção Rubáiyát" — aplicar à observação da vida moderna ou, antes, de "uma" vida moderna e mais abstrata, o processo que êle (Bertrand) aplicara à pintura da vida antiga, tão estranhamente pitoresco.

Quanto à forma, é ainda Baudelaire quem esclarece: "Qual de nós, em seus dias de ambição, não sonhou com o milagre de uma prosa poética, musical sem ritmo e sem rima, bastante maleável e bastante rica de contrastes para se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência".

Foi aquêle "processo pitoresco", que teve como modêlo, que Baudelaire ultrapassou. Nas suas mãos o processo ganhou em profundidade e nos proporcionou obra muito mais densa. Basta ler algumas destas páginas para sentirmos que elas atingem uma zona muito além da simples "pintura da vida moderna", o ponto de partida visado pelo autor. No que respeita ao milagre da prosa poética, cremos que, com Baudelaire, só Wilde e, mais recentemente, Leon-Paul Fargue conseguiram a rara taumaturgia.

★

OUTRAS OBRAS O professor Heitor Péres envia-nos dois folhetos, em separata do "Boletim da Colônia Juliano Moreira": "Síntese da Vida Inquieta e da discutida obra de Paracelso" e "Angústia". No primeiro, temos um brilhante ensaio sôbre Paracelso e, no segundo, o estudo clínico de um neurótico. Trata-se, em um e outro caso, de excelente subsídio à psiquiatria e que muito esclarece os leitores, mostrando-nos no autor um escritor brilhante, ao lado do cientista e do erudito que tanto sabe observar, na sua clínica, como investigar nos arquivos, as grandes vidas como a de Paracelso, cujo conhecimento representa inestimável benefício para a cultura contemporânea.

★

Jorge Duarte vem de editar dois opúsculos do mais palpitante interêsse: "Introdução Popular à Filosofia" e "Do Valor", ensaio axiológico.

São obras de vulgarização filosófica, simples e claras, que muito contribuirão para o mais amplo conhecimento dos assuntos tratados.

TOURADAS EM MADRID

(Cont. da pág. 46)

misericórdia. De misericórdia, poderá chamar-se? Talvez. Mas o que vemos é o toureiro, ufano da sua bravata, arrancar da cinta um punhal de vinte ou trinta centímetros, enfiando-o "con bravura y destemor" na testa do touro, girando-o em todos os sentidos, para a direita e para a esquerda, até quando o desgraçado esticou o pernil, e "entregou a alma ao Criador", como disse, com muito espírito, um aficionado tauromáquico ao nosso lado.

Impressionante a queda e a consequente agonia do touro, depois de um "molinete". Sentiu-se ferido de morte — e o está efetivamente. Roda de maneira espetacular, tenta ainda investir contra qualquer coisa que lhe surja pela frente — é êsse o momento de maior perigo para o adversário — e tomba. Estertora. Suas patas traseiras repuxam-se. A agonia, diante de vinte e duas mil pessoas, é lancinante. E o povaréu delira, e os lenços brancos acenam no espaço, e o presidente da corrida concede a orelha que o toureiro vai decepar ao bicho já morto, com ela dando a volta na arena, para oferecê-la, simbòlicamente, a uma personagem destacada da tarde, ou à dama de sua predileção. Vai recolhendo flores e devolvendo chapéus que despencaram lá do alto, chapéus, flores e outras prendas. Logo o carregam nos ombros. E' triunfal a saída do vitorioso — que passa a ser, nesta tarde amena de maio, início das festividades de San Isidro, "el gran capitan de la toreria"...

Tudo muito certo. Bonito. Tìpicamente espanhol. Cheio de vitalidade, emoção e bravura. Agora a multidão desocupa os lugares, abandonando as almofadas que alugou por dois "duros", para amaciar o assento, enquanto, na arena, um caminhão-pipa se apressa em desfazer os vestígios de sangue.

Saimos também. Satisfeitos? Evidentemente, sim. Mas desejando que êste sugestivo espetáculo, por demais realista, não volte ao hábitos do nosso Rio. E para imitar o caminhão-pipa, escolhemos desde logo outro espetáculo para esta noite. Um espetáculo capaz de desfazer os vestígios de sangue que nos ficaram na retina.

Anuncia-se uma revista aparatosa, tôda em côres, no Teatro Lope da Vega, em plena Gran Via, com dezenas de espanholas bonitas, de olhos negros e formas divinais.

Para esquecer a tarde de touros vai servir.

EXPEDIÇÃO A TRINDADE — I

(Cont. da pág. 21)

mortos pelo pessoal da expedição, os naturalistas do Museu Nacional nos explicaram que aquilo não era sentimentalismo, não; as vitimas iam servir de repasto aos seus companheiros, lá nos pequenos e escuros recantos das pedras... Os "guaiamuns" são amarelados, ao passo que os "aratus" cinzentos e pontuados de branco, razão por que muitos os chamam de "Maria farinha".

Em Trindade não há urubus. Os animais que morrem são devorados pelos insetos e o tempo. Uma espécie de môsca a que vulgarmente se chama "sarcófaga" substitui, na ilha, os negros, feios mas tão úteis carnivoros do ar. Além dessa môsca responsável pela higienização da ilha, outras há, não, porém, iguais a essas domésticas que são um verdadeiro inferno nos restaurantes e lares cariocas, talvez por que lá não existam lares.

Alguns expedicionários avistaram gatos passeando pelas pedras e lugares altos da ilha. Gatos pretos, frizaram. Nós, porém, não vimos nenhum dos preguiçosos "bichanos", donos de tantas e tantas janelas no Rio. Não há cobras em Trindade, felizmente para os seus futuros moradores, e para nós da expedição, que tivemos que cruzar a ilha em todos os cantos e direções. E todo mundo sabe como os lugares pedregosos se prestam bem para o desenvolvimento de certas espécies de ofidios. Há, por outro lado, muito gafanhoto, que por não morder o homem não deixa de arrasar quaisquer plantações. Como a ilha é pequena, poderão ser fàcilmente extintos.

O litoral de Trindade é riquissimo em peixes, seja dos saborosos badejo e garoupa, do belo e pequeno "camiseta" (um peixe semelhante a camisas listradas) e outros bons e inofensivos, assim como dos perigosissimos representantes da familia tubarão. Um peixe lá existe em tanta quantidade que todos o chamavam de "por favor me pega", pequeno, prêto, feio e indigesto. Nas praias pode ser morto até a pau. Quando as ondas viram a sua crista para arrebentar ficam coalhadas por êles. Chamam-no "peixe porco". Com um fundo do mar todo de pedras e corais até uma profundidade de 100 ou mais metros, o litoral de Trindade é exuberantemente piscoso. Uma temivel variedade também habita essas águas: a "moréa", verdadeira cobra do mar, umas cinzas, outras listradas, que vivem nas arrebentações, entre as pedras ou nas cavidades formadas pelo fundo de coral. Sua mordedura é dolorosissima. Elas, o fundo coralígeno ponteagudo e os tubarões, além da violência do mar, ali quase sempre revôlto, impedem se possa tomar banho nas belas praias da ilha.

★

A violência do mar em Trindade é fato constatado por todos os navegantes e expedições que passaram na ilha. O nossó desembarque, consequentemente, foi muito difícil. Tendo saido do Rio no dia 17 do corrente, após mais de três dias de mar, os navios que conduziam a expedição, contra-torpedeiros "Baependi" e "Beberibe", ancoraram no lugar conhecido como a "Enseada dos Portuguêses", que os revolucionários que lá estiveram degredados entre 1923 e 1925 crismaram de "Enseada Luiz Carlos Prestes". O pessoal e material da expedição, inclusive um valioso microscópio levado pela turma de Manguinhos ou a custosa aparelhagem dos capitães-tenentes Maximianiano e Pragana, da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha, desceram numa grande e forte balsa, especialmente construida para isso no Arsenal da Marinha. Foi uma verdadeira operação de "comando". Sôlta pelo "Baependi" a bóia à qual se teve que prender um cabo passado pelo "Beberibe", começou o desembarque. Primeiro um grupo para inspeção do local, do qual fazia parte o eng. Paulo de Assis Ribeiro, a quem o sr. João Alberto entregara a execução da expedição. Com a volta dêste ao navio, fomos descendo, aos grupos, até que o mar, na sua fúria incontida, obrigou a interrupção do trabalho. Sòmente no dia seguinte póde, então, descer à terra tôda a expedição, graças ao denodado esfôrço dos oficiais e marinheiros do "Beberibe", coadjuvados pelos expedicionários.

Na madrugada dêsse mesmo dia o cabo de manilha, que prendia a balsa e uma lancha do "Beberibe" ao navio, foi arrebentado pelo mar, sendo as embarcações lançadas contra as pedras, na praia, quase se estragando por completo Para serem recolhidas, as embarcações tiveram que ser novamente amarradas ao navio e por êle puxadas quando cresceu a maré. Uma pequena lancha a motor levada pelos pescadores do "Clube dos Marimbás", dias depois, ao se aproximar muito da terra, foi virada. Por sorte, porém, os seus dois ocupantes, o arquiteto e pescador das horas vagas Cavalcanti e o geólogo, prof Paul Vogeler, nadam muito bem e nenhum cação apareceu para socorrê-los.. Duro também, como há de se imaginar, foi o regresso da expedição aos dois navios, feito, aliás com grande ajuda dessa lanchinha, com base num ponto onde o mar, na ocasião, estava mais camarada.

★

Se perigoso fôra o desembarque, pior ainda a conquista do terreno. Trindade é um conglomerado de montanhas e pedras ponteagudas. Fora das praias, não se pode andar mais de 50 metros sem se estar subindo. A ilha é totalmente de origem vulcânica. Nada menos que cinco crateras extintas foram localizadas durante a nossa rápida estada, e de acôrdo com o calendário da geologia, a última erupção dêsses vulcões foi recente — a cêrca de mil anos... no dizer do prof. Vogeler. Não se apresentando perfeitamente solidificada em tôda a sua extensão, a caminhada pelas montanhas da ilha oferece, em alguns pontos, grande perigo. As rochas formadas pelas lavas dos vulcões se desagregam às vêzes fàcilmente, ante o simples passo de uma pessoa. Guardadas as proporções, ao se olhar para as grandes escarpas que recebem de frente o viajante, tem-se a impressão de que Trindade acaba de sair de um terremoto. Os pontos mais altos da ilha são de dificil escalada, um desafio aos alpinistas. Agarramo-nos numa ponta de pedra que julgamos segura, e esta se desmorona; pisamos em encostas aparentemente firmes, e estas se desboroam, levando o intruso a grandes e perigosos tombos. Olhada do lado onde desembarcamos, Trindade parece que vai se desmoronar tôda, de uma hora para outra. Assim mesmo, quase todos os pontos mais altos da ilha foram atingidos pela expedição, inclusive o maior, o "Desejado", com 600 metros de altitude e do qual se descortina um panorama maravilhoso, em qualquer direção que se olhe: os picos abruptos, sem vegetação, formando silhueta sôbre o mar imenso e que olhado de longe parece calmo; os rebanhos de cabritos e carneiros dando cabo da vegetação rasteira dos vales profundos; a zoeira feita pelas aves marinhas que fazem ninhos nos cumes mais altos e escarpados; as praias esburacadas pelas covas das tartarugas; a "floresta" que se espalha pelos vales da parte sul da ilha, com suas árvores raquiticas, como se fôssem laranjeiras anêmicas, e formando contraste, os altos fetos arborescentes. Fato curioso é que os melhores guias dos homens nessas caminhadas por aquelas montanhas e precipícios são os cabritos; são êles os construtores das mais seguras trilhas de acesso a qualquer ponto da ilha, estradeiros natos, por necessidade de água e pasto, um e outro ali sempre racionados. Olhada de cima Trindade parece o cenário agreste para o romance de um homem que procure na natureza o seu Paraiso.

E' um belo recanto. Sua beleza exótica enche a vista de quantos pisaram ou venham pisar aquêle rincão perdido no oceano. Do alto do "Desejado", centenas e centenas de metros à altura e longe do mar, vê-se nitidamente todo o contôrno submarino, ressaltando entre as águas azuis, claras como se fôssem distiladas, as rochas submersas e as formações de coral. Trindade, porém, está localizada a 1.400 kms. do litoral brasileiro, o que deu nome, talvez, a quantos pensaram até hoje em povoá-la. Isso, porém, é perfeitamente possivel, conforme veremos na próxima reportagem sôbre êstes sete dias de ciência e aventura que passamos na ilha das lendas, derradeiro limite do Brasil no Atlântico.

OUTRO CAMINHO

(Cont. da pág. 45)

como um mar verde-azulado, o disco do sol não encontrava barreiras. Aparecia logo na curva do horizonte, vermelho e imenso, como um ôlho vigilante e atento aos problemas da vida.

Eu não pudera dormir aquela noite. Pressentindo Roberto lá fora, saí de manso, cuidando de não perturbar a quietude da casa adormecida. Mal me viu, voltou-se para mim serenamente:

— Sabia que você estava acordada.

— Sabia?

— Sentia — corrigiu. E me olhou nos olhos. — Sei o que se passa com você, Eminha... Também eu tenho penado nesses últimos tempos. Já não é possivel esconder a verdade: quero-a para mim e você sabe disso. E' uma obsessão, uma coisa que entrou em mim e não posso arrancar...

Eu precisava dizer qualquer coisa, esconder o meu tumulto interior:

— Isso é uma atitude errada, Roberto. Você não tem o direito de me falar assim...

— Mas errada por quê? Só por que os homens inventaram um punhado de convenções idiotas e afirmaram que essa era a maneira correta de se viver, nós devemos ditar leis ao coração também?

Algo em mim insistia em esconder minhas próprias vacilações. Não sei bem se a minha formação moral é que me preservava do mal, ou se a minha sensibilidade feminina me fizera pressentir em Roberto apenas a influência de uma aventura mais dificil. O certo é que eu respondi:

— Você já pensou no que seria da humanidade se desprezasse os preconceitos? Não sabe que essas normas foram criadas justamente para nos defender, para salvar os homens do descalabro?

Já êle reagia ansiosamente:

— Mas quem disse aos homens que essa era a maneira certa de viver? Quem afirmou que êsse é o caminho exato por onde se deverá pautar a humanidade inteira, cega e surda a outras verdades?

E transbordou tôda a sua verve, numa luta titânica para me convencer.

Era óbvio que êle acreditava na fôrça da minha vontade mais do que eu própria nos últimos tempos. Era evidente que não suspeitava das quedas do meu espirito, da vacilação das minhas antigas convicções, que ignorava as minhas derrotas intimas. A sua veemência é que me fêz perceber essa verdade, fazendo com que, por meio dela, eu fôsse recuperando a antiga crença em mim mesma, a certeza do meu auto-domínio e da fôrça do meu caráter.

Êle continuava:

— Não pense que os homens sempre pensaram como agora. Na história antiga, por exemplo, os gregos encaravam o amor de maneira mais ampla, mais completa. A Mitologia conta que as deusas do Templo divinizaram o culto pagão da entrega do corpo. Dai se depreende que tudo é questão de ponto-de-vista. Os nossos principios nascem de dogmas que nos foram impingidos faltalmente por herança. Portanto, ninguém pode afirmar que o êrro está dêsse ou daquele lado dos principios humanos...

Meus lábios se entreabriram e eu afirmei convicta:

— Pode, Roberto: a nossa consciência.

Vi-o largar os braços em atitude de profundo desalento. Seria possivel que tivesse de recomeçar tudo outra vez?

— E você pode me dizer o que é a consciência, Ema? Pode?

Mas antes que eu pudesse responder, já êle estava falando, encontrando novamente palavra fácil para dizer do vulcão que o atormentava intimamente, para explicar que consciência é resultado de educação, do meio em que vivemos. Que sempre acreditou na minha compreensão perfeita das coisas, que se surpreendia da minha teimosia burguesa, do meu atrazo ao procurar conservar principios arcaicos por puro convencionalismo. No entanto, parece que a minha certeza das coisas aumentava na proporção direta da sua excitação para me vencer. Eu o escutava tão tranquila e silenciosa, que êle desistiu de me convencer:

— Você é recalcitrante, Ema. Aposto como me contraria só para me exacerbar... Mas vamos ser práticos. Você sabe que devo embarcar amanhã e que não posso deixá-la para sempre no meio dessa gente boçal.

E como eu sorrisse, interpretou erradamente o meu sorriso, procurando tomar-me as mãos. Foi quando Anselmo apareceu à porta, pronto para montar, com um brilho novo nos olhos, e eu atentei para o seu rosto transformado e estranhei a indiferença com que me ordenou:

— Ema, dê um jeito no amargo, sim? Vou sair agora.

E então negros pressentimentos invadiram minha alma.

★

Agora eu sabia de tudo. Diante das afirmações da velha criada de dentro, eu tinha a certeza de tudo. Roberto transformara a nossa casa, o nosso lar, a nossa vida. Insinuara-se de tal forma com o poder das suas convicções, que tôda a gente se deixara envenenar. Agora eu sabia. Enquanto eu me detivera dentro do meu mundo a sofrer a luta contra o seu contágio, uma porção de modificações havia se processado em tôrno. A peonada encarara a doce filosofia de seguir os impulsos, da forma que mais lhe conviera, e os resultados aí estavam: o Neco deixara a mulher com meia dúzia de filhos, embarcando para o desconhecido à cata de aventuras. Tibúrcio recomeçara a beber, e o peão caseiro fôra apanhado roubando. Até Anselmo era agora outro homem. A velha criada não quisera satisfazer plenamente a minha curiosidade, mas eu adivinhei pelos seus olhos. E, ligando fatos insignificantes, palavras sôltas, acabei concluindo a verdade. Agora eu me lembrava fielmente das palavras de meu marido, ainda na véspera: (Cont. no próximo número)

UMA PEQUENA VAIDOSA

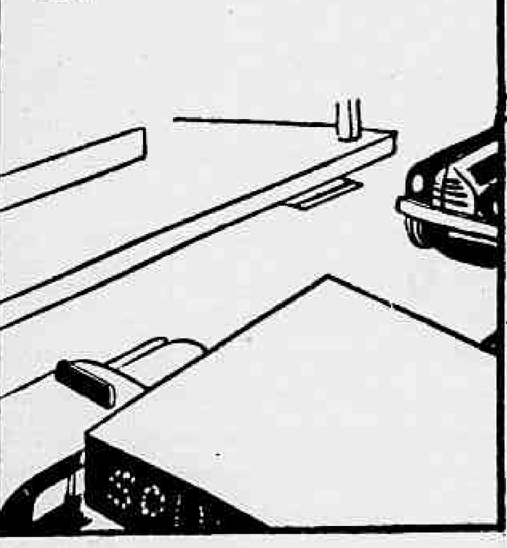
















— Sinto ter chegado tarde, querido! Mas tive muito trabalho na loja. Entremos.

— Por Deus, querida! Você está magnífica! Onde comprou tão belo vestido?



Quais serão as conseqüências da leviandade de Joan usando o vestido de miss Dickens?



PELA PRIMEIRA VEZ, após o nascimento do filho, Ingrid Bergman saiu de casa. Eram 11,30 do dia 24 de abril passado, quando os fotógrafos conseguiram essa foto da estrêla.

AINDA INGRID BERGMAN

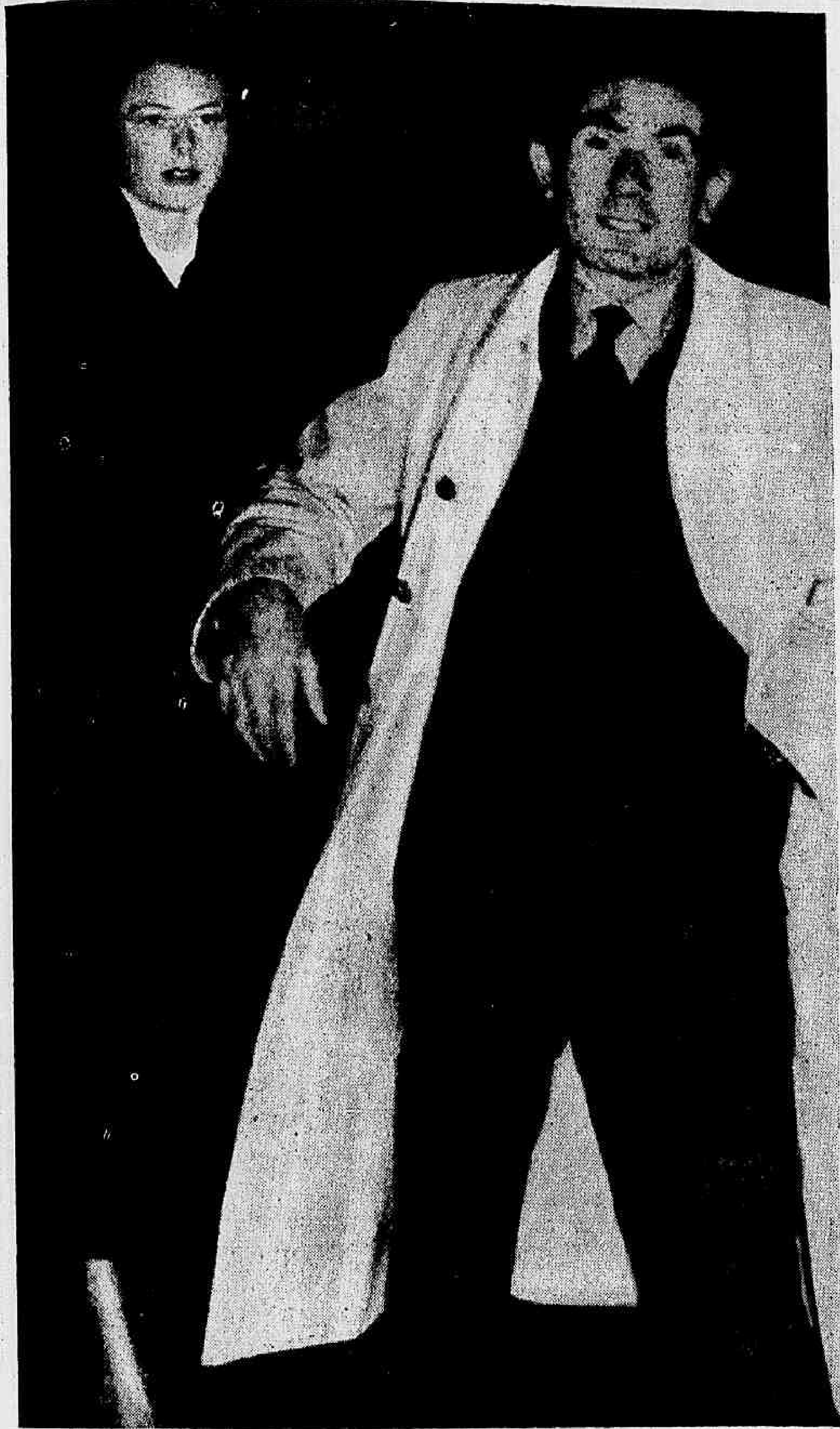
OS FOTÓGRAFOS CONSEGUEM SURPREENDÊ-LA NA RUA



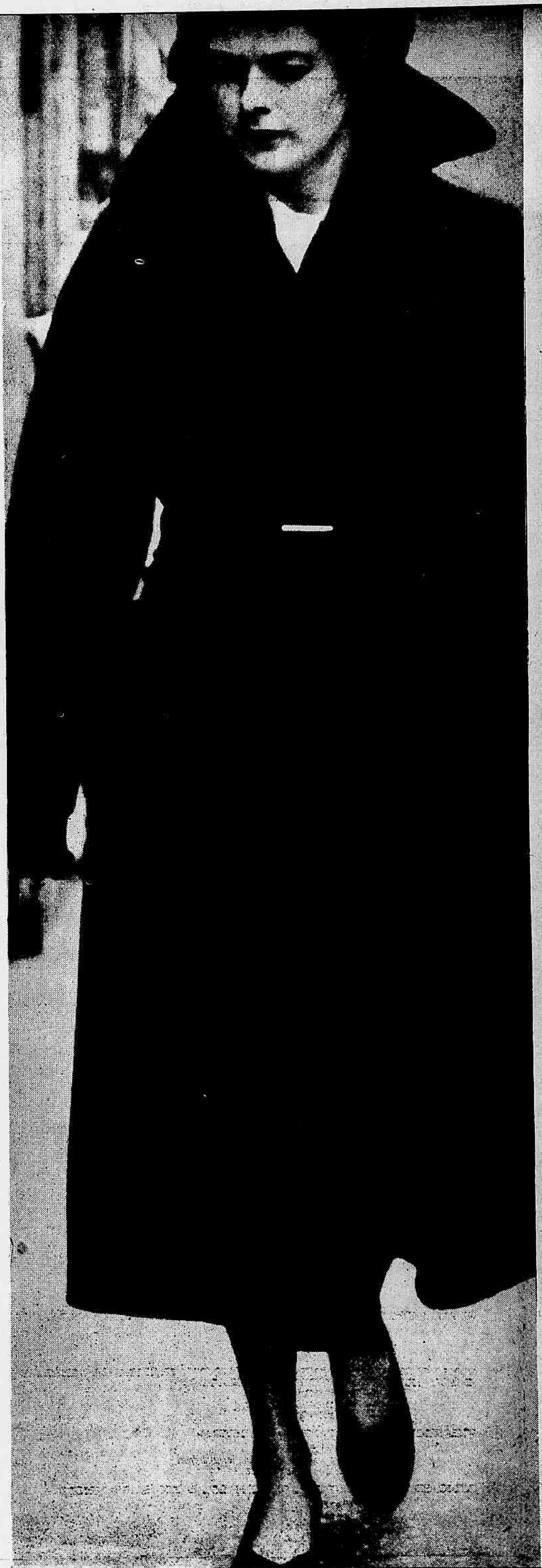
APÓS SUBIR NO CARRO, o chauffeur não conseguia sair do lugar devido ao ajuntamento logo estabelecido. Foi preciso um guarda para descongestionar o trânsito impedido.



INGRID BERGMAN do portão do número 47, após a consulta ao dentista, dirige-se para o carro, estacionado pouco adiante. Apesar de nervosa, permitiu que lhe fotografassem.



O CHAUFFEUR PEDRO, percebendo o movimento dos jornalistas, quis alarmar a estrêla. Mas eram muitos e todos conseguiram fazer funcionar suas máquinas quase à vontade.



O mundo inteiro preocupou-se com a vida da artista sueca, desde que ela foi para a Itália, que filmou o "Stromboli" sob a direção de Roberto Rossellini, desde que deu à luz um menino de que o regista italiano reivindica a paternidade e desde que, através do México, divorciou-se do marido sueco e casou-se com o italiano. Na realidade não há dúvida que o assunto foi bom de mais para ser explorado pelos jornais. Porém a artista assustou-se com a propaganda gratuita que lhe era feita e recolheu-se a vida quase enclausurada especialmente após o nascimento do menino e a saída da clínica Villa Margherita, a 15 de fevereiro dêste ano.

Dêsse dia em diante, os diários e os periódicos do mundo inteiro incumbiram seus fotógrafos de obter a qualquer custo flagrantes de Ingrid. Para isso os profissionais da imprensa fizeram um verdadeiro cêrco à fortaleza sueca. Horas, dias e semanas seguidas, em constante vigilância, para descobrir o primeiro sinal do aparecimento da "estrêla". Alguns contavam até com a cumplicidade dos empregados que deviam avisar com antecedência quais os movimentos que Ingrid realizaria. A espera foi longa, paciente, enervante e mesmo perigosa para a continuidade dos empregos dos jornalistas que não conseguiam o desejado pelos patrões.

No dia 24 de abril, até que enfim, foi dado o grito de alerta. A senha foi passada rápida e misteriosamente entre os fotógrafos e em poucos minutos verdadeiro batalhão dêles estava a postos para fotografar a primeira saída nas ruas de Roma da "estrêla" sueca, após a sua volta da clínica. Ingrid havia saído para ir até o dentista Della Torre, situado no número 47 da Via dei Macelli. Pois foi à saída do consultório que foram batidas as fotos que ilustram estas páginas. O "chauffeur" ainda quis avisar, mas não conseguiu impedir a ação dos jornalistas. Ingrid mostrou-se um pouco nervosa, mas nada disse nem fêz gesto algum de desagrado. Deixou que os "flashs" estourassem enquanto ela ia do portão do edifício até o carro que a esperava na esquina. Os fotógrafos estão satisfeitos e talvez de agora em diante arrefeça a curiosidade em tôrno de Ingrid. Seja como fôr, ela continua bonita e simpática e acreditamos que ainda fará sucesso no cinema.

QUANDO FOI BATIDO êsse flagrante, Ingrid estava chegando ao carro. Um pouco séria, mas sempre fascinante, continua sendo uma figura de primeiro plano no cinema mundial.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 COM QUE OBRA CARLOS GOMES FOI APROVADO NO CONSERVATÓRIO DE MILÃO E RECEBEU O DIPLOMA DE MAESTRO:
— A Fosca?
— O Guarani?
— La Fanciulla delle Asturie?

2 COMO SE CHAMAVA A ESPÔSA DE CARLOS GOMES:
— Ana Prado?
— Adelina Peri?
— Lucia Taques?

3 POR QUANTO VENDEU CARLOS GOMES, EM 1870, À CASA ARTUR NAPOLEÃO, OS DIREITOS DE IMPRIMIR TÔDAS AS SUAS COMPOSIÇÕES, INCLUSIVE ÁRIAS E TRECHOS DE ÓPERA:
— Quinze contos de réis?
— Trinta e dois contos e quinhentos?
— Oitocentos mil réis?

4 QUAL O PRIMEIRO NOME DA ÓPERA «SALVADOR ROSA», DE CARLOS GOMES:
— Mazaniello?
— Libertá?
— Brasil?

5 QUE OBRA ESCREVEU CARLOS GOMES POR MOTIVO DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS DAQUELE ESTADO EM 1884:
— Um poema épico?
— Marcha patriótica?
— Um romance histórico

6 COMO CONSEGUIU CARLOS GOMES PUBLICAR, EM MILÃO, A ÓPERA «O ESCRAVO»:
— Pela intervenção de D. Pedro II?
— Contraindo um empréstimo?
— Dando 50% à editora Ricordi?

7 O TÍTULO DE DUQUE DE CAXIAS A QUAL DESTAS CIDADES SE REFERE:
— À Caxias do Rio Grande do Sul?
— À do Estado do Rio?
— À do Estado do Maranhão?

8 QUE SIGNIFICA O TÊRMO «SARARÁ»:
— Qualquer estrangeiro?
— Ao mulato de cabelo alourado?
— Ao filho de índia com negro?

9 QUE NOME TEM A MUSA DA COMÉDIA NA MITOLOGIA GREGA:
— Thalia?
— Melpomene?
— Terpsícore?

10 QUAL O NOME POPULAR DA MAMONA:
— Cacho de uvas?
— Açafrão?
— Carrapateira?

11 COMO SE CHAMAVA O NATURALISTA EUROPEU QUE ESTUDOU «IN LOCO» AS GRUTAS DE MINAS GERAIS:
— Alexandre Humboldt?
— Peter Lund?
— Saint-Hilaire?

12 QUAL É A SANTA PADROEIRA DOS FOTÓGRAFOS:
— Santa Luzia?
— Santa Margarida?
— Santa Verônica?

13 ETIMOLÒGICAMENTE, QUE QUER DIZER A PALAVRA «PÓLVORA»:
— Pós?
— Poder?
— Polvo?

14 COMO SE CHAMOU, AO SER DESCOBERTO, O ATUAL ESTREITO DE MAGALHÃES:
— Estreito da Aflição?
— Todos os Santos?
— Meridional?

15 QUE NOME TINHA A MULHER QUE SERVIU DE MODÊLO A LEONARDO DA VINCI PARA SUA TELA LA CIOCONDA:
— Marina de Treviso?
— Uma freira de Roma?
— Mona Lisa?

16 QUE SIGNIFICAM AQUÊLES DOIS PÊS (PP) EM NOSSOS AVIÕES COMERCIAIS:
— Particular?
— Prefixo de Brasil
— Carga e passageiros?

17 QUAL A AREA DA ILHA DA TRINDADE EM QUILÔMETROS QUADRADOS:
— Vinte?
— Doze?
— Sete?

18 COMO SE CHAMAVA O ÚNICO CIVIL QUE FOI MINISTRO DA GUERRA DO BRASIL EM TODO O REGIME REPUBLICANO:
— Pandiá Calógeras?
— Barão do Ladário?
— Salgado Filho?

19 QUE SIGNIFICA A PALAVRA «PERIERGIA»:
— Moléstia dos pés?
— Apuro exagerado de linguagem?
— Limites geográficos?

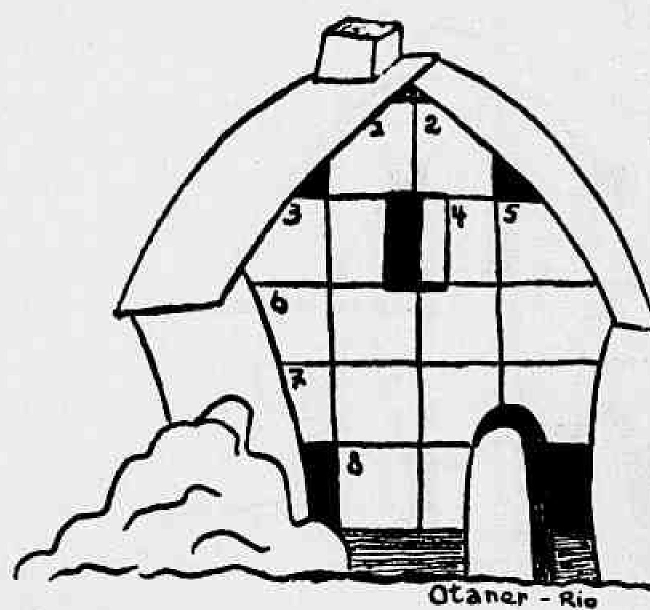
20 COMO SE CHAMA A SERRA ONDE NASCE O RIO S. FRANCISCO:
— Cubatão?
— Canastra?
— Mantiqueira?

(Respostas na pág. 58)

PALAVRAS CRUZADAS

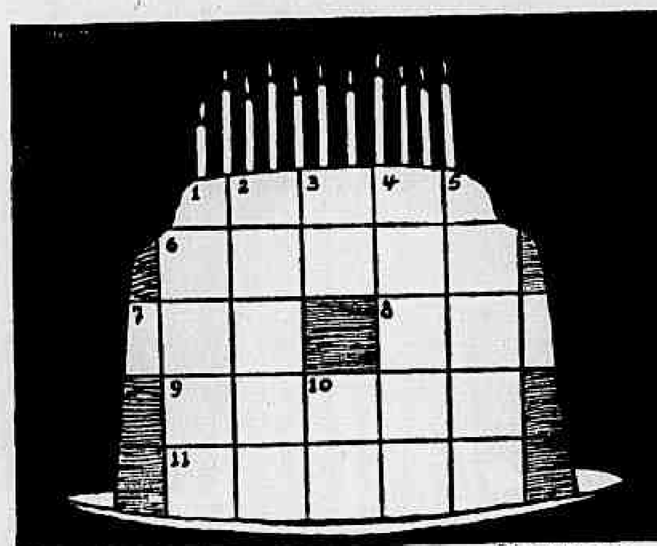
PARA VETERANOS

PROBLEMA N. 6



HORIZONTAIS: 1. Medida japonêsa de capacidade — 3. Morrer — 4. Relação entre o diâmetro e a circunferência — 6. Junco com que se fabricam esteiras e velas de embarcações — 7. Velocidade — 8. Vácuo.

VERTICAIS: 1. Lima — 2. Escolher — 3. Variedade de abelha — 5. Orçavas.



PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 6

HORIZONTAIS: 1. Um par — 6. Guarnecido de abas — 7. Cólera — 8. Reza — 9. Dou adesão — 11. Estarás.

VERTICAIS: 1. Rostos — 2. O que governa na abadia — 3. Sadia — 4. Correia que sustenta o estribo (pl.) — 10. Seguir.

Soluções dos problemas do número anterio

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Mareta — Oritas — Caama — Fa — Ir — Ad — Só — Lúpia — Areara — Razoar.

VERTICAIS: Mó — Arcadura — Ria — Eta — Tamisara — Ásaro — Falar — Pez — Iao — Ar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Cão — Ler — Cara — Are — Tio — Om.

VERTICAIS: Clarim — Aéreo — Ora — Cato.

COLABORAÇÃO — Com o máximo prazer aceitamos a colaboração dos cruzadistas que nos queiram favorecer com seus problemas, os quais devem obedecer às seguintes condições

a) desenho feito a nanquim, em papel de desenho, devendo cada problema vir acompanhado de um «fac-simile» a lápis com a respectiva solução;

b) não são admitidas palavras invertidas, decepadas, isto é, sem letra inicial ou final, bem como iniciais de nomes próprios ou de coisas;

c) são admitidos os dicionários mais comuns: Pep. Dic. Bras. da Língua Portuguêsa, Simões da Fonseca e Cândido Figueiredo (edições pequenas), Pequena Enciclopédia de Monossílabos, Enciclopédia do Charadista.

d) os colaboradores deverão, para nossa verificação, indicar os dicionários usados na confecção dos seus problemas.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

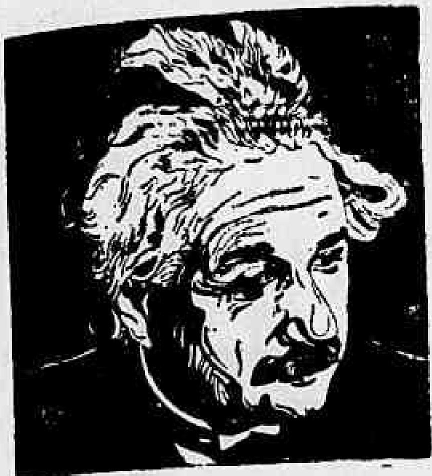
5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

RETIFICAÇÃO Intitula-se «A Grandeza dos Pequenos Mestres Holandeses», e não como saiu por lamentável equívoco, o artigo da sra. Andréa Szabados Jósa, publicado em nossa edição de 27 de maio último.

TUDO ISTO ACONTECEU

TEORIA DE RELATIVIDADE



EINSTEIN e Churchill são dois nomes mundiais. Ambos do gênio. O primeiro, nas ciências matemáticas; o segundo, na ciência política. Ambos geniais em suas especialidades. Como tais, um e outro são dotados de bom humor. Churchill acaba de provar que é um velho-jovem. Fisicamente envelhecido, possui espírito de moço de 25 anos. Eleito em começos de junho cidadão honorário de Worcester, perguntou ao prefeito se êsse diploma lhe daria as mesmas prerrogativas que em Paris lhe dava a medalha militar. E explicou: "Em Paris, se me encontrarem na rua em estado de embriaguez, não sòmente estaria eu livre da polícia, como ainda a autoridade me levaria, de taxi, à minha residência e enviaria a nota de despesas ao presidente da República". Ainda hoje o prefeito de Worcester está de bôca aberta, sem compreender a relatividade dessa teoria... Com Einstein sucedeu esta: o delegado do Estado de Israel visitou recentemente o sábio, para lhe pedir seu concurso, uma vez que as finanças do Estado tinham necessidade de auxílio exterior. O célebre filósofo o acolheu com a sua afabilidade habitual e lhe entregou um volumoso pacote, dizendo: "Eis aqui a minha contribuição, o manuscrito da Teoria Geral da Gravitação". O patrício de Einstein não pôde conter uma exclamação dramática: "Um vosso manuscrito! E um manuscrito dessa importância! E' um presente suntuoso, excepcional, inestimável!". Ia o delegado de Israel continuar com a chuva de elogios no maior entusiasmo, quando o mestre diz com modéstia e um sorriso de bondade: "Ora... tudo é relativo...".

O MAIOR SACRILÉGIO



DEPOIS de muitas pesquisas e discussões entre os comentadores de assuntos histórico-religiosos, ficou provado que a coroa de espinhos com que os judeus de Herodes flagelaram Jesus estava em poder da Casa dos príncipes de Orsini, na Espanha. Para comprovar sua autenticidade, estava a mesma forrada com documentos probantes da mais fidedigna procedência. A preciosa relíquia era verdadeiramente a coroa de espinhos com que Cristo morreu na cruz no alto do Calvário.

Como não podia deixar de ser, os detentores da preciosidade viviam inquietos com a posse de tão tentadora relíquia. Montavam-lhe guarda noite e dia, procurando afugentar os ladrões que a nada respeitam neste mundo. Mas, por mais incrível que pareça, em agôsto de 1948 a coroa foi roubada misteriosamente e com ela seguiram também documentos e objetos de menor importância. Dado o alarma, pôs-se a polícia em ação, metendo na cadeia nada menos de seis pessoas acusadas de colaboração com o assalto. Foram condenadas e amargam na cadeia a ousadia de tamanha profanação. Mas... e a coroa de espinhos? Onde está? Quem a detém em seu poder? Por maiores que tenham sido as diligências as buscas, as pesquisas, nada foi descoberto até hoje, apesar de quase dois anos se haverem passado. Os presos fecham-se em copa e não deixam escapar uma palavra esclarecedora do destino da relíquia sagrada. A família Orsini, porém, não desanima e agora se propõe intensificar as pesquisas com o auxílio da polícia internacional. Pelo visto, o roubo da relíquia histórica e religiosa está crucificando muita gente, sem nenhum proveito. Que os ladrões se arrependam do sacrilégio e entreguem o roubado aos príncipes.

É! NÃO É!

ESTÁ atraindo as atenções do mundo científico aquêle caso da Bahia, segundo narram os telegramas da Cidade do Salvador para a nossa imprensa. De que se trata? Dizem os médicos, usando linguagem científica, que o fenômeno é um caso de **superfetação**. Reduzindo isso a miúdos, querem êles dizer que uma senhora de Amaralina, arredores da capital baiana, deu à luz cinco filhos no espaço de cinco meses! Diante da ciência é êste caso o único em tôda a história da humanidade, e, se vier a ser confirmado, figurará nos anais da obstetrícia como o mais espantoso, o mais misterioso e incompreensível do planeta.

Trata-se da senhora Erida Helena Galdino Lacerda, de 23 anos de idade, muito pobre e vivendo na praia de Amaralina, numa casinha humilde. Sentindo-se em horas de dar à luz, foi surpreendida com a vinda de dois gêmeos a 11 de dezembro do ano passado. Oito dias depois nascia mais uma criança e em princípios de abril apareciam mais duas crianças... Ao todo cinco. E em datas muito aproximadas umas das outras, ou sejam, cinco pimpolhos em menos de cinco meses, ou quatro meses e dias. Um fenômeno inédito neste mundo enganoso. Vendo-se na impossibilidade de criá-los, pois vive na mais extrema penúria, deu dois dos filhos a gente amiga e que se condoeu daquela tragédia. Ainda ficava com três, carga pesadíssima para ela. Apelou para a L.B.A. (Legião Brasileira de Assistência), no sentido de que a auxilie a criar os três; mas, já agora, só restam dois. Um já morreu de inanição... E enquanto os médicos discutem o fenômeno de superfetação e citam autores alemães de nome impronunciável, a pobre Erida vai morrendo diante da morte lenta dos filhos sem alimento...





KAUKLAHTI, Helsinki (Finlândia) — Até pouco tempo atrás, o túnel mais comprido do mundo era o que ligava a Itália à Suíça, através dos Alpes, pelo maciço do Semplão. Agora porém os russos, ao par de outras reivindicações, querem também essa. Acha-se em poder dêles o maior túnel do mundo. Apenas é um pouco diferente dos demais. Na foto podem ser vistos ferroviários russos enquanto abaixam, pela parte externa, pesadas cortinas de pano prêto para vedar completamente as janelas de um trem que efetua o percurso entre Helsinki e Turku. O motivo dessa precaução é devido ao fato que o trem atravessa, durante o seu caminho, a península de Porkalla. Terminada a última guerra, como reparação pelos danos sofridos, a Rússia exigiu que o govêrno da Finlândia "alugasse" por um período de cinquenta anos a citada península. Essa zona constitui hoje para os russos uma formidável base militar, que absolutamente não pode ser controlada por olhos indiscretos. Fechadas assim as janelas do trem, os vagões são também fechados a chave, lacradas as maçanetas, até a estação da fronteira. O percurso é comprido, levando várias horas de viagem, superior portanto ao tempo que se leva para atravessar o túnel do Semplão. Essa a razão pela qual agora é considerado êsse o maior dos túneis existentes na terra e devidos à obra dos homens.

CAMPANHA DA AMABILIDADE



O governo francês, o prefeito de Paris, secretários de Estado, imprensa e rádio lá da França, alarmados com a falta de polidez e ausência completa de amabilidade da população daquela capital, decidiram empreender intensa campanha em favor dessa virtude do homem civilizado: a cortesia. Dizem os correspondentes e os turistas que vêm de lá, que já não mais se encontra nas ruas de Paris, no "Metro", nas casas de espetáculo, nas corridas, nas praças, aquela conhecida e clássica amabilidade do parisiense, povo que passava como o mais urbano e polido dêste mundo cada vez mais torto.

Há empurrões no "Metro"; discussões de abre e fecha as janelas dos carros, quando uns são a favor de mais ventilação e outros contra; há má vontade dos garçons nas casas de pasto, fazendo que o freguês espere mais tempo do que o lógico e razoável; há o mau humor dos motoristas de praça; há aquela indiferença calamitosa de senhores jovens e atléticos que se conservam sentados em suas cadeiras nos ônibus enquanto senhoras idosas ou com crianças ao colo fazem ginástica para se manter em pé, agarradas às alças dos varais. Há... Sim, há muita coisa que poderia ser citada, mas o espaço dêstes comentários não permite alongar mais a lista. Então as autoridades parisienses e francesas resolveram combater veementemente a falta de civilidade na Capital da Luz. Como? Aconselhando, enchendo Paris de cartazes convidando o povo a ser gentil, urbano, delicado e cortês; ensinando-o a sorrir e não a estourar em impropérios... Não seria conveniente tentar-se uma campanhazinha dessas aqui no Rio? Vá tomando nota o leitor de tudo o que está sucedendo em Paris e veja se não se ajusta exatìssimamente aqui. Nesse ponto, Paris é a cópia fiel do Rio...

BEBEDEIRA ENTRE BICHOS



NÃO é sòmente o homem que aprecia um bom aperitivo, do qual muitas vêzes resulta aquilo a que chamam "carraspana". Os animais ditos inferiores também são loucos por uma pinga. No nordeste do País os fazendeiros costumam colocar, à noite, uma bacia com cachaça para pegar raposas! Nos Estados Unidos apuraram, recentemente, o seguinte: Um cidadão descobriu êste processo para apanhar ratos: deixar livre, na cozinha, pedaços de pudim misturado com Xerez. A rataria acorre em bandos para o banquete e cai tudo na mais completa embriaguez.

Caçadores de ursos já não precisam de armar laços para apanhá-los de bom jeito. Basta acenar-lhes com uísque...

Os coelhos, segundo narram pessoas de New South Wales (Nova Gales do Sul), são fáceis de pegar se lhes oferecemos um pouco de aguardente ou rum. Ficam tão amigos dos seus caçadores que comovem! Em Whitehall, Nova York, algumas pessoas notaram que uns patos domésticos andavam aos tombos pelas ruas e a grasnar de maneira esquisita. Curiosos seguiram seus passos e descobriram o mistério: uma carga de cerveja havia sido acidentada e o líquido corria ao lado da estrada. Os patinhos não perderam tempo e passaram a saborear a deliciosa "beer". Eis o motivo por que estavam cambaleantes e a "falar" desarticuladamente... Em Tulsa, Oklahoma, sucedeu coisa mais ou menos igual com uns senhores porcos. Havia em certa parte da cidade um alambique de aguardente que, segundo os entendidos, era coisa de apreciar antes do almôço. O cano arrebentou e começou a ensopar a terra. Uns porcos se aproximaram e... que ressaca! Esquilos e vacas também gostam da pinga, conforme atestam uns senhores de Vancouver e de Genebra, Suíça. Afinal, nada mais lógico do que um esquilo de **Genebra** gostar de cachaça!

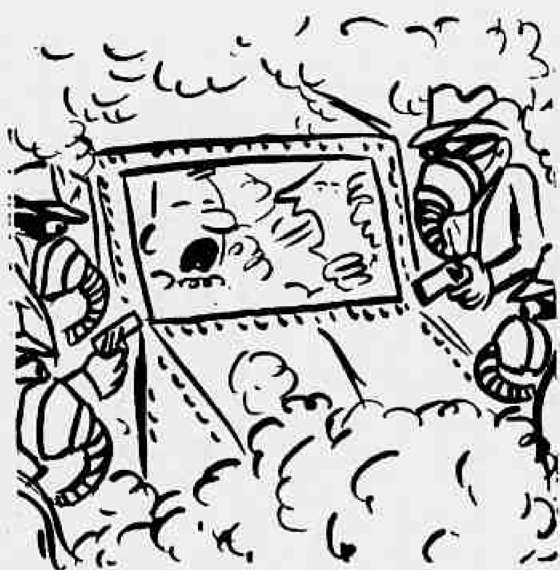


AFINIDADES COM O RIO — O viajante brasileiro que pela primeira vez desembarca em Madrid há de, por fôrça, e após o primeiro contacto com a capital espanhola, encontrar muitos pontos de afinidade com o Rio. Foi isso, pelo menos, o que sentiu o repórter da nosa revista que ali esteve recentemente — e talvez contribuisse para tal semelhança o clima primaveril, com tardes ensolaradas e quentes, que Madrid vivia nos primeiros dias dêste último mês de maio. A verdade é que a população madrilenha pouco se parecia com a das outras capitais tipicamente européias, prescindindo dos requintes de indumentária — luvas, chapéus de feltro, bengalas, polainas, monóculos — tão usados em Paris, Roma, Londres e Lisboa. O madrileaho gosta de palmilhar a Gran Via (hoje Avenida José Antonio), desportivamente vestido, de cabelos ao vento, sem maiores agasalhos, saboreando o seu café e manifestando uma predileção muito à moda carioca, pelo gelados e refrescos que por sinal são, ali, maravilhosamente trabalhados. Veja-se o flagrante da gravura acima, obtido no coração da tradicionl artéria de Madrid, nas vizinhanças do Teatro Lope de Vega: um garoto, displicentemente encostado à vitrine de um estabelecimento, mostra aos transeuntes um bonito tipo canino que êle quer vender. Sem maiores cuidados, pendurou ao pescoço do animal um cartaz com os dizeres: «Se vende». E segurando a extremidade do cordel prêso à coleira do cachorro, espera o primeiro candidato à compra. Quando lhe perguntamos por que motivo ia desfazer-se do seu companheiro, limitou-se a responder, com um movimento de ombros: — «Porque necessito de dinheiro para comprar outros sapatos...»

QUEM A SALVOU

NARROU a imprensa desta capital, êste fato incrível e, por fim, um tanto cômico. Em Nova York, enquanto seu avô acompanhava o desenrolar de um jôgo de "base-ball", através de um aparêlho de televisão, Judith Mayer, de dois anos de idade, aproximou-se da janela, e, trepando no parapeito, sem dar um grito, caiu de uma altura de cinco andares, sendo salva, milagrosamente, por um transeunte que a vira no momento em que se inclinava para a rua. Então, curvando-se para trás e estendendo os braços conseguiu interromper a queda da pequena que não sofreu, sequer, um arranhão. Em seguida, porém, dois homens reivindicaram a glória de ter salvo a criança. E cada um apresenta suas testemunhas. Os moradores de uma casa da rua Vinte e Seis dizem ter visto o seu vizinho Alfred Foschino receber a menina nos braços; mas, por sua vez, um residente da rua Vinte e Sete e vizinhos de Mordis Diamond, afirmam categòricamente que foi êste quem salvou a menina. Muita gente está afluindo ao apartamento de Foschino para felicitá-lo, enquanto no de Diamond inúmeras pessoas se comprimem para congratular-se com êle. Diamond, para provar que, realmente lhe cabe a glória de haver evitado a morte de Judith, vai tirar uma radiografia dos braços doloridos, em consequência, segundo declara, do fato de haver suportado o pêso da criança ao cair. Não resta dúvida que, um dêses dois, foi o herói da salvação da menina; mas, não seria interessante perguntar à mesma quem foi que a recebeu naquele salto incrível? Foi Diamond ou Foschino? Sòmente ela poderia atestar definitivamente, acabando-se de uma vez as "fosquinhas"...

FOME DE DOLARES



A audácia dos ladrões especializados em assaltos a bancos e trens em que se conduzem fortunas é conhecida e respeitada lá nos Estados Unidos. Historietas em quadrinhos, filmes policiais e de "gangsters" nos dão contas dessa "indústria" do crime.

Por êsse motivo, quando uma grande emprêsa tem que mandar retirar dos bancos grandes importâncias para pagamento aos operários, não manda um empregadinho do escritório com sua pasta ao estabelecimento bancário, pois, se o fizesse, era um dia o dinheiro!

Mandam, então, que dito trabalho seja realizado por emprêsas especializadas em retirar fundos e pagar as férias aos trabalhadores de suas clientes, assumindo, evidentemente, todos os riscos da empreitada.

Dentre as emprêsas que se dedicam a tão perigoso serviço, se conta a Brinks Company, de Thompsonville, Estados Unidos. Possui carros com tôda a segurança e pessoal disciplinado e bem armado para cumprir as respectivas missões.

Mas, por incrível que pareça, os salteadores não se amedrontam com êsses aparatos e formam seus planos para destruir as emprêsas suas inimigas...

A 17 de fevereiro último, ia um carro-forte da Brinks com um milhão e setecentos mil dólares para fins de pagamento, quando foi assaltado por mascarados e roubado todo o dinheiro. E isso na cidade de Boston!

Agora, mais uma vez os ladrões desmoralizam os serviços da mesma companhia especializada em transportes de dinheiro dos outros. Conduziam os seus agentes 15 mil dólares, quando quatro bandidos audaciosos, com os rostos protegidos por máscaras contra gases, atacaram o carro-forte e levaram todo o cobre... pela segunda vez!



ANA MAGNANI, "MICIA" E "FIDO"

Como já foi declarado num de nossos números anteriores, em correspondência vinda de Roma, Anna Magnani, a popular artista cinematográfica italiana, sente pelos animais, em particular pelos cachorros, verdadeira afeição. Textualmente disse ela que julga as pessoas pela maneira como tratam os irracionais. Vemo-la na foto acompanhada pelos dois exemplares de que é proprietária: a fiel "Micia", uma lôba preta, à esquerda, e "Fido", à direita, um cão perdido que ela encontrou em Vulcano, durante os trabalhos do filme homônimo, e que levou com ela para Roma. A foto foi tirada por ocasião de uma festa canina, com exposição e desfile das melhores raças, que houve recentemente no Hotel Excelsior, em Roma. Vários outros artistas apareceram, entre os quais se realçaram Vivi Gioi, Silvana Jachino. Para terminar a reunião, Silvio Gigli organizou uma sessão especial de "Perguntas e respostas ao pé da letra".

TUDO PODE ACONTECER



A cidade de Erechim, Rio Grande do Sul, nos forneceu uma novidade em matéria de contrato. E', com certeza, inédito no país, e bem reflete o estado de atraso dos contratantes.

O sr. José Maria de Amorim, notário naquela cidade, foi procurado, há poucos dias, por um cidadão, a fim de que fôsse registrado de acôrdo com as leis em vigor, um contrato bilateral. O servidor público, com a maior naturalidade dêste mundo, abriu o livro respectivo, empunhou a pena e foi perguntando: nomes e objeto do negócio, meu amigo.

Mas nem rabiscou a primeira palavra. O motivo do contrato era ilícito e contra tôdas as leis e conceito moral do Brasil. Era apenas isto, leitor: o primeiro contratante, casado, ia transferir a um terceiro a propriedade física e moral da espôsa! Tudo estava devidamente ajustado e uma das cláusulas rezava assim: o terceiro contratante, o comprador da mulher se obrigava a sustentar o casal cedente, fornecendo-lhes casa, comida e roupa lavada, com uma quebrinha de Cr$ 400,00! Êsse dinheiro, conforme estava estipulado, deveria ser entregue no ato da assinatura do documento.

Na cláusula final havia ainda esta esquisitice: passará o comprador a ter pleno uso e gôzo da «mercadoria», mas isso em condomínio com o atual proprietário! Como era natural, o notário repeliu a fórmula do tal contrato, ofensivo aos brios de qualquer cidadão e indigno de figurar nos livros do cartório de Erechim. Achamos, porém, que o assunto oferece campo a estudos de natureza social, e os sociólogos do Rio Grande poderiam mandar alguém àquela cidade entrevistar as personagens dêsse drama. O caso não é para rir e sim... para chorar!

DESPEJO DE GATOS



TUDO é possível ver-se neste nosso mundo louco, leitor querido. Ninguém pode dizer que isso ou aquilo não aconteceu. Tudo pode acontecer, não resta a menor dúvida. Por mais incrível que pareça, como lá diz o outro. Vejam só o que acaba de suceder em Providence, ilha de Rodes, Estados Unidos, segundo nos informa a agência telegráfica Reuter. Mrs. Howard era uma senhora muito rica e excêntrica. Como não tinha herdeiros e não queria deixar os seus bens ao Estado, ao falecer, há coisa de um ano, deixou em seu testamento esta disposição curiosa e excepcional: "Recomendo à minha empregada F... que deixe como donos e senhores absolutos desta minha casa, os meus três gatos de estimação. Êles deverão residir aqui e dispor de tôdas as dependências da mansão, como seus legítimos donos, em usufruto".

Era muito amor àqueles bichos, não havia dúvida. A empregada procurou cumprir fielmente as disposições de última vontade da piedosa senhora e ia mantendo os gatos com todo confôrto, tratando-os como se fôssem filhos ou netinhos da milionária falecida. Sucede, porém, que, também lá em Providence, há crise de moradias, por maiores que sejam as "providências" do govêrno e autoridades públicas. Com essa crise terrível, houve quem bancasse o amigo da onça contra os bichanos e entrasse com uma petição em juízo. A grande casa de Mrs. Howard, com seus 16 quartos e muitas salas e banheiros, era um exagêro para três gatinhos... E o tribunal da Ilha de Rodes, apreciando o fato, achou que era mesmo grande desafôro ver-se gente dormindo ao relento e três gatos mandriões a gozar as delícias de enorme lar. E mandou despejá-los em benefício dos bichos humanos...



O RELOGIO INTERNACIONAL

Foi inventado por um médico-cirurgião italiano, residente em Paola, na província de Cosenzo, e recebeu o nome técnico de "Orbisora", apresentando em seu mostrador, sem maiores complicações de manejo, simultâneamente, a hora exata — com precisão de minutos e segundos — em todos os países do mundo. Na Itália, o invento está patenteado, podendo êsse mostrador adaptar-se a qualquer tipo de relógio, desde os de pêndulo, afixados na parede até as miniaturas de pulso. Infelizmente, ao dr. Francesco Ferrari — êsse o nome do inventor — escasseiam os recursos para industrializar a idéia que já mereceu ampla divulgação nos grandes jornais de Roma e de outras cidades italianas. Visitado pelo repórter da REVISTA DA SEMANA, naquela localidade, pediu o dr. Ferrari, por nosso intermédio, o auxílio de quem porventura vier a ler esta notícia e, tendo capital, estiver disposto a financiar a fabricação dêsses prodigiosos mostradores. O mesmo cidadão, homem de reconhecida cultura e sobejamente conhecido em sua cidade natal, inventou também um aparelho que faz gravar, por engenhoso processo, qualquer trecho musical, discurso ou outras manifestações de som que se desejarem fixar para a posteridade, sem a contribuição de geradores elétricos. Trata-se, enfim, de um estudioso professor, infatigável e operoso, a quem falta apenas o estímulo material para levar a bom têrmo seus projetos. Quer alguém, no Brasil, dar-lhe êsse auxílio? O endereço aqui está: Professor Francesco Ferrari — Via Cristofle Colombo — Paola — Cosenza, Itália.



NOSSOS "PRACINHAS" EM PISTOIA

No roteiro traçado para a viagem do enviado especial desta revista à Itália não podia faltar uma visita ao Cemitério Militar Brasileiro, em Pistoia. Pelo contrário, essa visita era uma das razões substanciosas da excursão de Celestino Silveira à Europa, de onde nos trouxe o farto material que vimos publicando nos últimos números: Reportagens do Ano Santo em Roma, da Romaria a Nossa Senhora de Fátima, das Touradas em Madrid — e agora dessa outra romaria, tôda saudade e veneração, à derradeira morada dos nossos bravos soldados em solo italiano. Lá estivemos, lá fomos recebidos com fidalguia pelo sargento Miguel Pereira, a quem está confiado o cemitério onde repousam mais de quatro centenas dos nossos heróicos "pracinhas", recolhendo ampla documentação fotográfica e material descritivo que serão motivo de uma grande reportagem no próximo número da REVISTA DA SEMANA. Aqui está um dêsses flagrantes obtidos pelo nosso companheiro — o cruzeiro situado no centro do cemitério, com a imagem de Jesus crucificado, sempre ornamentado de flores e grinaldas que ali vão depor brasileiros ou visitantes que procedem de outros pontos do país ou do resto do mundo. Publicaremos nessa reportagem a relação completa dos nomes de soldados brasileiros sepultados em Pistoia — um cemitério que mais parece um jardim, de relva amarelo-verde, carinhosamente tratado, e que nos falou tão de perto ao coração, numa reminiscência dos tenebrosos dias da última guerra onde, no entanto, o destemor dos nossos militares foi sobejamente comprovado. Esta será outra das grandes reportagens com que vimos brindando os leitores da mais antiga publicaçã.o ilustrada do Brasil.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Flagrantes de Roma no Ano Santo (C. S.) 4/ 6
O casamento de «Hamlet» (Sabino Canalini) 10/11
O Partido Libertador apoia o Brigadeiro 12/13
Expedição a Trindade (Carlos Duarte) 16/21
Tourades em Madrid (Celestino Silveira) 26/33
Ainda Ingrid Bergman 52/53

CURIOSIDADES

Aventuras da Vênus de Milo 14/15
A leucotomia transforma os indivíduos 24/25

LITERATURA

Você quer ser minha comadre? (Renato de Alencar) 3
Outro caminho (Loiva Lória Borba) 22
Dê-me a sua mão (Eugênio Morato) 34
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

TEATRO

O Padeiro Braulino 8/ 9

HUMORISMO

Pontos... (Nicodemus) 23
Bom Humor 50

FEMININAS

Merlin o Mágico (Lyse) 35
Modelos Rosalind Russell 35
Variados casacos 36/37
«Tailleurs» pretos 38
Vestidos em lã 39
Week-End na Cozinha 40/41

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 7
Personagem da Semana 7
Música (Roberto Lyra Fº.) 42
Correio em Revista 44
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 47
Puxe pelo cérebro 54
Palavras Cruzadas 54
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Uma pequena vaidosa 51

FOTOS

Arnaldo Vieira — Paulineo
Sabino Canalini — Carlos Duarte
Celestino Silveira — Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÕES

A. Queiroz

★

NA CAPA

Paulette Goddard
(Foto Paramount)

Puxe pelo cérebro

(Respostas ao Teste da pág. 7)

1 — La Fanciulla delle Asturie (6-7-1866)
2 — Adelina Peri
3 — Oitocentos mil réis (hoje Cr$ 800,00)
4 — Mazaniello
5 — A marcha patriótica popular «Ao Ceará Livre»
6 — Dando 50% à Editora Ricordi
7 — À do Estado do Maranhão (1841, pela pacificação daquele Estado).
8 — Mulato de cabelo aloirado
9 — Thalia
10 — Carrapateira
11 — Peter Lund
12 — Santa Verônica (não canonizada)
13 — Pós (latim pulvere)
14 — Todos os Santos
15 — Mona Lisa (Madonna Lisa, espôsa de Francesco del Giocondo)
16 — O prefixo aeronáutico do Brasil
17 — Sete quilômetros quadrados
18 — Pandiá Calógeras (Govêrno Epitácio Pessoa)
19 — Apura exagerado de linguagem
20 — Canastra.

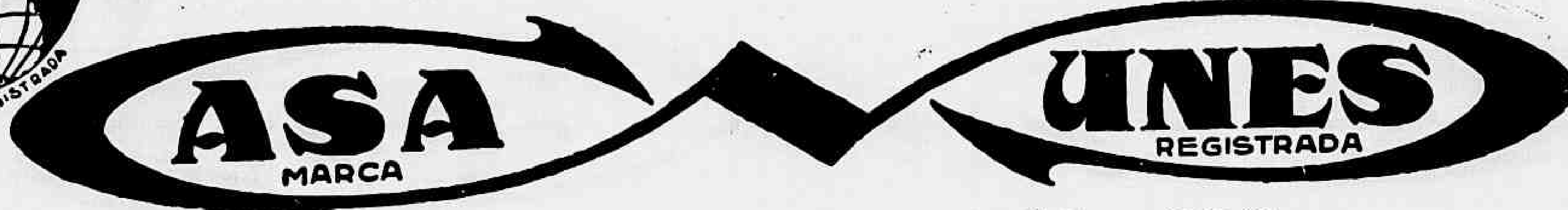


Moveis e Decorações

Grupos Estofados
PRONTOS PARA ENTREGA

Tapetes e Passadeiras
DE TODO O MUNDO, FABRICADOS
ESPECIALMENTE PARA A





65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88.049 H